

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – FAMECOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – PPGCOM

Stelamaris de Paula Menezes Tassi

**CONVERSAÇÃO MEDIADA POR VÍDEOS NO *YOUTUBE*: O CASO**

***BLADE376***

PORTO ALEGRE  
Fevereiro de 2011

Stelamaris de Paula Menezes Tassi

**CONVERSAÇÃO MEDIADA POR VÍDEOS NO *YOUTUBE*: O CASO *BLADE376***

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade dos Meios de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Área de concentração: Práticas e Culturas da Comunicação.

Orientação: Prof. Dr. Eduardo Campos Pellanda

Porto Alegre, Fevereiro de 2011

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL**

Reitor: Prof. Dr. Ir. Joaquim Clotet

Vice Reitor: Prof. Ir. Evilázio Francisco Borges Teixeira

**FACULDADE DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – FAMECOS**

Diretora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Máгда Rodrigues da Cunha

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – PPGCOM**

Coordenador: Prof. Dr. Juremir Machado da Silva

**CIP. Brasil. Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação**

T213c Tassi, Stelamaris de Paula Menezes  
Conversação mediada por vídeos no YouTube : o caso  
Blade376 / Stelamaris de Paula Menezes Tassi ; orientação  
[por] Eduardo Campos Pellanda. – Porto Alegre, 2011.  
148 f.

Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul. Faculdade dos Meios de Comunicação  
Social – Famecos. Porto Alegre, 2011.

1.Vídeo online. 2.Conversação mediada por computador.  
3.YouTube. I. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande  
do Sul. II. Eduardo Campos Pellanda. III. Título.

CDU 316.772.4

**Catalogação na publicação: Luciana Kramer Pereira. CRB 10/2022.**

Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 7 – Sala 319

CEP: 90619-900 – Porto Alegre – RS

Telefone: (51) 3320.3658

Fax: (51) 3320.3858

E-mail: famecos-pg@pucrs.br

Stelamaris de Paula Menezes Tassi

**CONVERSAÇÃO MEDIADA POR VÍDEOS NO *YOUTUBE*: O CASO *BLADE376***

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade dos Meios de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2011.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Campos Pellanda

---

Examinadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana da Rosa Amaral (Unisinos)

---

Examinador: Prof. Dr. Carlos Gerbase (PUCRS)

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho a todos os professores que tive na vida: professores da escola, desde o jardim até o 2º grau, professores de todas as técnicas corporais que pratiquei, professores de inglês, professores de música, professores dos cursos de graduação que deixei incompletos e do curso que completei, professores da especialização e professores do mestrado. Essas várias dezenas de pessoas contribuíram e continuarão a contribuir para a minha formação, e me ensinaram a desejar que sempre haja muitos outros excelentes professores fazendo parte da minha vida.

## **Agradecimentos**

Pela importância que tiveram durante o período de realização desta pesquisa, manifesto minha gratidão:

Ao Giovani e a Nery, meu pai, por todo o apoio logístico estendido muito além do que qualquer um dos dois teria desejado;

À CAPES/PROSUP, pela bolsa que tornou possível minha permanência no programa;

Ao meu orientador, pela paciência, por todos os materiais disponibilizados e pela confiança. Por não ter feito pressões nem cobranças, e por ter deixado que eu resolvesse as coisas no meu próprio tempo;

Aos colegas da PUCRS, pelo apoio, materiais emprestados, informações compartilhadas e momentos de descontração;

Às minhas amigas e amigos da dança, do rock'n'roll e do buteco, pela companhia, diversão e felicidade proporcionadas. Esse foi o verdadeiro sustento da minha saúde emocional durante todo esse tempo.

## Epígrafe

### **YouTube Lament**

*All my carefully measured metaphor,  
All my Flat 9 dominant seven chords  
All my shtick, my lyrical trickery  
All of those bows, all that applause.*

*All my intertextuality  
All my self-aware hypocrisy  
All those rhymes, those irregular times  
All my softly spoken sophistry.*

*All my make-up, all my lights,  
All my photo shoots in tights,  
All my pretensions, all my intentions  
All my glitzy opening nights.*

*All my brow-dependent jokes  
All my mirror balls and smoke  
All my tilts at wit and whimsy  
All my poetry, my swear words and my smut*

*Will never get as many hits as  
Kitten Waking Up.*

**Tim Minchin** (letra e música) disponível  
em: [http://youtu.be/1IEv3N84\\_Uk](http://youtu.be/1IEv3N84_Uk)

## RESUMO

Este trabalho é um estudo descritivo das conversações mediadas por vídeos em *vlogs* do *YouTube*. Adotando um ponto de vista que reconhece a importância do imaginário e do cotidiano, a pesquisa aplicou a técnica de estudo de caso na investigação de um *vlog* de *Blade376* e suas 18 vídeo respostas. Com o objetivo de descrever as características próprias desse tipo de conversação e diferenciá-la da conversação que se dá tradicionalmente pela mediação de texto via internet, foram investigados os elementos audiovisuais, os discursos, as estruturas de conversação e os formatos pelos quais os vídeos se apresentam. A investigação demonstrou que as conversações mediadas por vídeos podem apresentar alta coerência na abordagem de tópicos, sendo propícias ao debate de assuntos complexos; por outro lado, elas não se caracterizam pelo aprofundamento das relações interpessoais e tendem a favorecer a formação de laços sociais débeis. Quatro características importantes dessas conversações foram destacadas: assincronicidade, blocos discursivos longos, multiplicação de ruídos na transmissão das mensagens e ambigüidade no papel dos elementos audiovisuais, que podem ajudar a enfatizar ou a dispersar o conteúdo das conversações. Manuel Castells, Henry Jenkins, Susan Herring e Lúcia Santaella estão entre os principais autores que fundamentaram o estudo.

Palavras-chave: vídeo *online*, *YouTube*, *vlogging*, conversação mediada por computador.

## **ABSTRACT**

This work is a descriptive study of the video-mediated conversations in YouTube vlogs. By adopting a point of view that recognizes the importance of the imaginary and of everyday life, the research has applied the technique of case study upon the investigation of a Blade376's vlog and its 18 video responses. With the objective of describing the proper characteristics of this type of conversation and differentiating it from the text-mediated conversation on the internet, the study has investigated the audiovisual elements, the discourses, the conversation structures and the formats through which the videos are presented. The investigation has shown that the video-mediated conversations can present high coherence in topic approach as well as be favorable to the debate of complex matters; on the other hand, they are not characterized by the deepening of interpersonal relationships and tend to favor loose social strands. Four important features of these conversations were highlighted: asynchronicity, long discursive blocks, multiplication of noise in the transmission of messages and ambiguity on the role of audiovisual elements, which can help either emphasize or disperse the content of the conversations. Manuel Castells, Henry Jenkins, Susan Herring and Lúcia Santaella are among the main authors this study was based on.

Key words: online video, YouTube, vlogging, computer-mediated conversation.

# Sumário

INTRODUÇÃO .....	1
I. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS .....	4
II. REFERENCIAL TEÓRICO .....	20
a. Sociedade em rede, cultura participativa .....	20
b. Comportamentos de conversação na rede .....	22
c. Vídeo, linguagem e digitalização .....	26
d. A conversação mediada por vídeos <i>online</i> .....	28
III. O OBJETO DA PESQUISA: <i>YOUTUBE</i> E A CULTURA PARTICIPATIVA.....	38
a. <i>Youtuber</i> e <i>vlogger</i> .....	45
e. <i>Vlogging</i> .....	47
f. Vídeo resposta .....	48
IV. O CASO <i>BLADE 376</i> .....	50
a. Vídeo originário .....	52
b. Vídeo respostas .....	56
V. PROCESSOS DE ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS .....	61
a. Discussão dos dados provenientes das transcrições.....	62
1ª listagem: tópicos do vídeo Zero.....	63
2ª listagem: outros motivos mencionados nos vídeo respostas.....	71
3ª listagem: outros tipos de tópicos .....	76
b. Discussão dos dados dos vídeos .....	78
Quando os elementos visuais e sonoros revelam o sujeito, mas não são essenciais para a eficácia do discurso.....	80
Quando os elementos visuais se sobressaem .....	81
Quando os elementos visuais e sonoros se sobressaem.....	89
Quando os elementos sonoros se sobressaem .....	94
c. Considerações sobre a competência discursiva oral .....	96
d. Continuação das conversações em comentários textuais.....	101
e. Estrutura das conversações .....	107
f. Tipologia estrutural dos vídeos .....	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	114
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	119
ANEXO I: TRANSCRIÇÕES DOS VÍDEOS ZERO, 9, 10 E 11 .....	121
ANEXO II: EXEMPLOS DE TABELAS ANALÍTICAS PREENCHIDAS PARA OS VÍDEOS 5, 6 E 13 .....	131

## INDICE DE FIGURAS

Figura 1: Anúncio incorporado sobre o vídeo.....	54
Figura 2: Texto sobreposto.....	55
Figura 3: Gesto para o espaço da página do <i>YouTube</i> .....	83
Figura 4: Gesto para o espaço interior da tela.....	84
Figura 5: Gesto de aspas 1.....	85
Figura 6: Gesto de aspas 2.....	86
Figura 7: Gesto de apontar para si mesmo.....	87
Figura 8: Tela de abertura.....	88
Figura 9: Texto e <i>emoticons</i> sobre videoclipe.....	90
Figura 10: Robô desviando o olhar.....	92
Figura 11: Personagem do vídeo 18.....	93
Figura 12: Anotação sobre o vídeo.....	95
Figura 13: Contraste entre abertura e parte principal no vídeo 7.....	99
Figura 14: Telas de abertura no vídeo 6.....	112
Figura 15: Telas de encerramento no vídeo 10.....	113

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Exemplo de tabela analítica para eventos híbridos de linguagem.....	18
Tabela 2: Presença de menções a tópicos do vídeo Zero nas vídeo respostas...	64
Tabela 3: Menções a tópicos da 1ª listagem, subtipo A.....	64
Tabela 4: Tipos de menções a impressões positivas.....	65
Tabela 5: Menções a tópicos da 1ª listagem, subtipo B.....	68
Tabela 6: Menções a tópicos da 2ª listagem.....	72
Tabela 7: Menções a problemas na atividade de <i>vlogging</i> .....	77
Tabela 8: Elementos que se sobressaem no estabelecimento de conversação..	79
Tabela 9: Comentários textuais.....	101
Tabela 10: Extensão das conversações.....	108
Tabela 11: Formatos dos vídeos.....	111

## INTRODUÇÃO

A história das mídias testemunha que o desejo de realizar a comunicação interpessoal entre os sujeitos que se encontram separados pelas distâncias geográficas acompanha a história da civilização. À medida que o desenvolvimento tecnológico aprimora os meios, os sujeitos inventam apropriações e desdobramentos para essa necessidade de estabelecer relacionamentos. Com a internet, os indivíduos passaram a apropriar-se dos meios que combinam digitalização e conexão em rede para estabelecer conversações. A primeira forma de comunicação mediada por computador (CMC) que se popularizou foram as mensagens de texto, que já contam também com diversos estudos, como, por exemplo, os realizados por Herring (1999, 2002, 2007). A pesquisa aqui apresentada propõe a investigação de outro tipo de conversação surgida pela apropriação de meios e ferramentas disponíveis na internet: a conversação mediada por vídeos *online*.

O fenômeno dos vídeos conversando entre si no ambiente *online* tem semelhanças e diferenças com diversas outras formas de comunicação mediada que o precederam, mas apresenta peculiaridades devido às características do suporte pelo qual se apresentam. A combinação de matrizes da linguagem possível nos vídeos, conforme Santaella (2001), somada às características do ambiente de rede, causa um impacto sobre a conversação que se estabelece através desse meio, fazendo com que ela se diferencie da conversação *online* textual. A necessidade de descrever as peculiaridades e a diferenciação que ocorre nesse tipo de conversação mediada norteou a proposição deste estudo. O problema mencionado provocou o delineamento de uma pesquisa que se propõe a descrever a conversação mediada por vídeos em *vlogs* do *YouTube*, por meio do estudo do caso do *vlog* “*Why do you watch my videos*” publicado no canal de *Blade376*. A pesquisa está relatada neste volume, dividido em cinco capítulos cujo conteúdo será descrito a seguir.

O primeiro capítulo trata das estratégias metodológicas. Ele apresenta a perspectiva ampla a partir da qual o fenômeno foi observado (sociologia compreensiva) e descreve a técnica escolhida. A escolha do estudo de caso é justificada a partir da caracterização de Yin (2005). Nesse capítulo encontra-se a descrição do processo que levou à formulação da proposição motivadora da pesquisa, seus objetivos e procedimentos metodológicos. São esclarecidos os aspectos específicos relativos à coleta de dados no âmbito da mídia eletrônica e a posição adotada pela pesquisadora para essa coleta. São explicadas também as ferramentas de classificação e análise dos dados e de que forma elas contribuem para a obtenção dos resultados pretendidos.

O capítulo II traz as perspectivas adotadas segundo o referencial teórico que fundamenta a investigação. São abordados os temas da sociedade em rede, da cultura participativa e dos comportamentos de conversação na rede. São esclarecidos os conceitos de vídeo, linguagem e digitalização, especialmente com relação ao papel que cumprem na conversação mediada por vídeos *online*. São revisados autores que tratam do processo amplo na qual essas conversações estão inseridas, como Castells (1999) e Lévy (1999), bem como autores que tratam das relações entre partes desse processo e as apropriações pelos sujeitos, como Herring (2002), Santaella (2001) e Primo (2007).

O capítulo III descreve o objeto da pesquisa, apresentando as características da plataforma *YouTube* e as formas como ela possibilita os processos da cultura participativa. Essas relações são apresentadas principalmente sob o ponto de vista de Jenkins (2006) e Burgess & Green (2009). São descritas a atividade de *vlogging* e o uso da ferramenta de vídeo resposta, e são feitos esclarecimentos importantes a respeito das escolhas e dos usos da terminologia referente aos agentes humanos envolvidos neste estudo.

No capítulo IV é descrito o caso investigado. É feita uma apresentação do autor do vídeo que dá origem às vídeo respostas que estabelecem as conversações analisadas. O vídeo originário é descrito e é explicada como foi organizada a numeração que identifica os integrantes da amostra. Este capítulo inclui uma lista de todos os vídeos que foram analisados, juntamente com seus dados básicos de identificação.

O capítulo V contém as análises feitas a partir das ferramentas aplicadas sobre os dados e apresenta discussões sobre os resultados encontrados. É o capítulo mais importante com relação ao estudo do caso, pois faz um mergulho no corpo de dados e apresenta muitos exemplos que justificam as constatações resultantes. Além das discussões dos dados provenientes das transcrições dos discursos e dos dados dos vídeos propriamente ditos, são analisadas as implicações da competência discursiva oral dos sujeitos. As conversações são analisadas do ponto de vista estrutural e em seu hibridismo pelas combinações entre as formas de vídeo e de comentário. A configuração geral dos vídeos é discutida, com a sugestão de uma tipologia para classificá-los a partir da forma.

Nas considerações finais são sintetizadas algumas das principais idéias que resultaram após a realização da análise dos dados. São também sugeridas questões que podem nortear a continuidade das investigações sobre o tema das conversações mediadas por vídeos.

## I. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Para a realização da pesquisa descrita neste documento será adotada a perspectiva da sociologia compreensiva, proposta por Maffesoli (1988). Esse método reconhece a importância da comunicação para a compreensão da vida social e abre espaço para o desenvolvimento tecnológico nos processos de comunicação, especialmente no que tange ao papel de sua presença no cotidiano.

Um dos pressupostos da sociologia compreensiva reconhece que os fenômenos sociais são cíclicos, e que os valores retornam de tempos em tempos, revestidos de novas nuances. Os valores dominantes em cada momento determinam diferentes concepções da realidade. A escassez de novidades nas histórias humanas devida aos constantes retornos de valores dominantes encontra alguma variedade conforme as oscilações no pensamento tecnicista. Isso leva à aceitação da existência de uma relatividade em toda proposta de ciência que envolva os fenômenos e condições que dependem do homem. Para Maffesoli (1988, p. 31), o estudioso dos fenômenos sociais deve conservar a consciência de que “não há uma *Realidade*<sup>1</sup> única, mas maneiras diferentes de concebê-la”.

Sob essa perspectiva, a acentuação conferida ao imaginário e ao cotidiano favorece a projeção do futuro da socialidade. A sociologia é adotada como ponto de vista para a compreensão das questões humanas e não teme esbarrar em contradições, situação que, contrariamente, é indesejada para as perspectivas positivistas de produção científica.

A sociologia compreensiva dá amplo destaque às formas adquiridas pelos fenômenos sociais. Segundo Maffesoli (1988, p. 108), “cada vez mais e de múltiplas maneiras tanto a vida política, quanto a existência cotidiana mostram ser, em

---

<sup>1</sup> Grifo do autor

dimensões consideráveis, compostas de teatralidade, de superficialidade e de efervescência espetacular”. Examinando-se o objeto do estudo aqui proposto, verifica-se que os vídeos elaborados por autores amadores e publicados na rede, especialmente em *vlogs*, são recortes do cotidiano preenchidos, em diferentes medidas, dessa teatralidade, superficialidade e efervescência espetacular. As facetas da vida cotidiana reveladas por esses objetos e seu uso para a interação humana provêm do cruzamento entre as disciplinas de tecnologia, comunicação e sociologia. A descrição da maneira pela qual esse fenômeno se apresenta conforma-se ao pressuposto da forma preconizado pela sociologia compreensiva.

Na conversação mediada por vídeos encontra-se uma prática de interação social cuja investigação sugere a descrição da forma, pois esse recurso “é inteiramente pertinente se se pretende dar conta de uma sociedade cada vez mais estruturada pela imagem (Maffesoli, 1988, p.28). Para o autor, a lógica da forma evidencia o vínculo que existe entre a experiência (o vivido social) e a essência das coisas, ou as representações que dão conta da experiência. Nisso, o cotidiano não constitui o conteúdo do estudo, mas a perspectiva pela qual será abordado. O potencial cognitivo da experiência encaminha o método:

(...) a notável expansão do vivido convida a um conhecimento plural, e em que a análise disjuntiva, as técnicas de segmentação e o apriorismo conceitual devem ceder lugar a uma fenomenologia complexa, que saiba integrar a participação, a descrição, as histórias de vida e as diversas manifestações dos imaginários coletivos. (Maffesoli, 1988, p. 244)

A sociologia compreensiva redescobre o valor da experiência cotidiana e dos sentimentos comuns, diferenciando-se da ciência vinculada a uma cultura erudita de conceitos positivistas, não-paradoxais e não-contraditórios. A conversação mediada por vídeos é uma pequena instância da vivência e da prática cotidiana de um número crescente de indivíduos conectados em rede cuja investigação pode lançar luz à compreensão de um processo social e cultural contemporâneo mais amplo, denominado cibercultura.

A técnica aqui proposta para realizar essa investigação é o estudo de caso. A justificativa da escolha dessa estratégia para o estudo aqui exposto baseia-se nas definições e caracterização apresentadas por Yin (2005).

A escolha da técnica está subordinada ao desafio apresentado pela questão proposta. As questões levantadas na área das ciências sociais em geral demandam, segundo Yin, o uso de estratégias como o experimento, o levantamento, a análise de arquivos, a pesquisa histórica e/ou o estudo de caso. A principal condição para a seleção da estratégia mais apropriada é o exame do tipo da questão proposta.

As questões, em geral, possuem duas características que ajudam a tomar essa decisão. Uma delas é a substância (ou seja, um assunto; aquilo a que se referem) e a outra é a forma (o tipo de interrogação proposto: como, por que, quem, o que). A definição da questão de pesquisa é, portanto, o ponto chave para a escolha de uma maneira apropriada para respondê-la.

O campo do saber a que este estudo se refere é a comunicação humana, e a linha de pesquisa a que se subordina é a de práticas culturais nas mídias, comportamentos e imaginários da sociedade da comunicação. A subárea é a de tecnologia, mídias sociais e cibercultura. A questão de pesquisa proposta é a seguinte:

“Como acontece a conversação entre sujeitos por meio de vídeos nos *vlogs* do *YouTube*?”

A partir da análise dessa questão e da caracterização dos elementos nela contidos, será possível fazer a justificativa da escolha da estratégia de estudo de caso. Essa caracterização servirá, também, para esclarecer como o caso escolhido para esta pesquisa pode ser considerado significativo para fundamentar uma proposta de expansão teórica relacionada aos estudos de comunicação nas redes sociais da internet.

Em primeiro lugar, é necessário fazer algumas considerações quanto às especificidades da técnica. Conforme Yin (p. 26), “o estudo de caso é a estratégia escolhida ao se examinarem acontecimentos contemporâneos, mas quando não se podem manipular comportamentos relevantes”. Nisso, o estudo de caso se diferencia, espacial e temporalmente, do um experimento e da pesquisa histórica. No experimento, há o isolamento do fenômeno. Retirado de seu espaço de ocorrência natural e submetido a determinadas variáveis selecionadas, o fenômeno é reproduzido sob o controle do investigador. Na pesquisa histórica, não há acesso a

evidências ocorrendo contemporaneamente ao momento da investigação. Todas as evidências do fenômeno são acessíveis por meio de documentos gerados no passado.

Em um estudo de caso, o investigador observa diretamente os acontecimentos que estão sendo estudados, no ambiente e segundo a temporalidade natural de sua ocorrência, e daí extrai as evidências que irá analisar. Além disso, ele tem acesso às pessoas envolvidas, possibilitando que a entrevista seja uma fonte de dados comumente utilizada para o estudo. As questões típicas buscam respostas a “como” ou “por que” determinados fenômenos acontecem, em situações sobre as quais o pesquisador não exerce controle. Dessa forma, a questão formulada sobre o problema tematizado nesta investigação sugere a realização de um estudo de caso.

Yin destaca algumas críticas feitas à estratégia de estudo de caso, como por exemplo, a preocupação com a generalização científica feita a partir de um caso único. O autor considera que essa mesma crítica pode ser feita à técnica do experimento, e propõe que, tanto em uma técnica quanto em outra, os resultados não se prestam a generalizações estatísticas, válidas para uma população ou universo. Antes disso, as pesquisas desse tipo, que não trabalham com uma amostra representativa, mas com casos particulares, têm o objetivo de fazer uma generalização analítica. O maior mérito dessas técnicas está na expansão de proposições teóricas já formuladas.

Embora não pareça haver ainda nenhum texto descrevendo as competências necessárias ao investigador que se propõe a realizar estudos de caso, Yin apresenta a definição técnica dessa abordagem. O autor faz essa definição a partir de dois critérios: o escopo do fenômeno e as características da investigação.

Quanto ao escopo, Yin (2005, p.32) diz que “um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”.

Considerando essa parte da definição, a técnica é adequada à questão proposta, pois a publicação de *vlogs* e a conversação entre sujeitos por meio de

vídeo respostas é um fenômeno contemporâneo, e pode ser observado dentro de seu contexto, no *YouTube*. Se os vídeos estudados fossem retirados desse contexto, a observação dessa interação entre os sujeitos ficaria prejudicada. É através do contexto real do *YouTube*, com as diversas ferramentas disponíveis, especialmente as ferramentas sociais, com o *layout* de suas páginas que prioriza os vídeos, com os *hyperlinks* que se formam e com a dinâmica dos fluxos de sua arquitetura em rede, que esse fenômeno pode ser compreendido.

Quanto às características da investigação, para Yin (p.33), o estudo de caso

Enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e, como resultado, baseia-se em várias fontes de evidências, com os dados precisando convergir em um formato de triângulo, e, como outro resultado, beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados.

Dessa forma, algumas proposições foram desenvolvidas para nortear o estudo dos dados que serão coletados. O universo focado nessas proposições fundamenta-se em conceitos teóricos formulados pelos seguintes autores: Pierre Lévy com os princípios de inteligência coletiva e cibercultura, Manuel Castells com os estudos de redes, Howard Rheingold com as comunidades virtuais e Henry Jenkins com as propostas da cultura da convergência. Aproximando-se mais a lente do fenômeno estudado, incluem-se os estudos sobre o ciberespaço e as redes sociais na internet de Raquel Recuero e Alex Primo, e, com relação à análise das questões de linguagem e comunicação mediada por computador, textos de Susan Herring e Lúcia Santaella, especialmente com a proposta das três matrizes da linguagem. Finalmente, a teorização específica sobre o *YouTube* é fornecida por Jean Burgess e Joshua Green. Artigos recentes de outros pesquisadores serão somados a essa fundamentação principal para auxiliar o estudo.

O papel do estabelecimento de proposições de estudo na definição do projeto de pesquisa é salientado por Yin. Segundo o autor, as proposições norteiam a pesquisa porque, além de refletir as questões teóricas, elas indicam onde se devem buscar as evidências relevantes. As proposições ajudam a identificar quais informações são relevantes entre todos os dados que podem ser coletados. Dessa forma, quanto mais específicas forem as proposições, conforme Yin (p.43), mais o estudo “permanecerá dentro de limites exequíveis”.

Este projeto de pesquisa trabalha com a hipótese de que a utilização de vídeos como meios para estabelecer conversas na internet, além de acrescentar novas dimensões às conversações mediadas por computador, gera uma categoria estética onde esses vídeos cumprem uma dupla função enquanto enunciados de conversação e obras visuais autônomas. O seguinte raciocínio foi o ponto de partida na elaboração deste projeto de pesquisa:

1. Nos *vlogs*, os indivíduos utilizam o vídeo *online* para estabelecer uma conversação com seus espectadores.
2. Essa conversação é diferente da que ocorre em outras redes sociais onde predomina o uso de texto.
3. Uma explicação presumível para o estabelecimento dessa diferenciação da conversação é a combinação de elementos da linguagem que é possível nos vídeos (matrizes da linguagem, conforme Santaella), somada às características do ambiente de rede (*online*).

Esse encadeamento de idéias levou à formulação da proposição que inspira este estudo: se as combinações de matrizes da linguagem possíveis em vídeos *online* têm um impacto sobre a conversação que se estabelece através desse meio, fazendo com que ela se diferencie da conversação *online* textual, de que maneira isso ocorre? Como a forma de apresentação dos elementos da linguagem nesses vídeos gera essa diferenciação?

Partindo do problema formulado, é necessário definir a unidade de análise que servirá para respondê-lo. A unidade de análise é o tipo de “caso” válido para o estudo. Os dados a coletar para responder as questões oriundas da proposição devem estar contidos nessa unidade. Em estudos de caso, de acordo com Yin, as questões iniciais de pesquisa apontam a unidade de análise necessária. Assim, para responder ao problema aqui apresentado, o caso deve exemplificar conversações estabelecidas por meio de vídeos publicados *online*. A seleção específica dos vídeos cujas interações conversacionais serão analisadas deve ser justificada por alguns fundamentos lógicos.

Qualquer vídeo publicado no *YouTube* pode receber vídeo respostas, mas no caso dos *vlogs* essa intencionalidade conversacional é mais explícita. A diferença de

um *vlogger* para o *youtuber* em geral é que o primeiro se expõe no *site* como um sujeito que tem um cotidiano, opiniões e idéias, chamando a atenção para sua individualidade em seus vídeos, enquanto que o segundo não tem esse objetivo como ponto primordial, e não necessariamente chama a atenção para si mesmo na atividade de publicação e distribuição de vídeos. Assim, um vídeo típico, onde o sujeito se dirige diretamente a seu presumido espectador, constitui um bom exemplo de caso a ser estudado.

Os estudos de caso podem tratar do estudo de um caso único ou de múltiplos casos. Há um consenso de preferência por casos múltiplos devido aos benefícios analíticos; o peso da combinação de resultados provenientes de mais de um caso é maior e confere maior validade às descobertas e à generalização com relação à teoria. No entanto, conforme Yin, os estudos de caso únicos podem ser justificados em várias circunstâncias, segundo alguns fundamentos análogos aos que fundamentam a realização de um experimento único. Yin (p.62) diz que, quando há um conjunto claro de proposições que se acreditam verdadeiras, o caso único deve satisfazer todas as condições para testar a teoria. Ele pode, então, “ser utilizado para determinar se as proposições de uma teoria são corretas ou se algum outro conjunto alternativo de explicações possa ser mais relevante”. Nessas circunstâncias, o caso representa o caso decisivo ao testar uma teoria bem-formulada.

O escopo desta pesquisa não alcança a formulação de uma teoria a ser testada, mas uma proposta de expansão teórica e empírica dos estudos sobre a conversação entre sujeitos nas redes sociais da internet. Portanto, em vez de tratar de um caso decisivo, o caso aqui estudado deve ser representativo ou típico. O fundamento para a escolha desse tipo de caso é “capturar as circunstâncias e condições de uma situação lugar-comum ou do dia-a-dia”, partindo-se do princípio que “as lições que se aprendem desses casos fornecem muitas informações sobre as experiências da pessoa (...) usual” (Yin, p. 63).

O vídeo selecionado como caso para este estudo, publicado no *YouTube* no canal do *vlogger* Blade376, é um exemplo típico da prática de *vlogging*, contendo, porém, algumas especificidades pelas quais ele pode ser considerado um exemplar raro ou extremo. Seu autor é um *vlogger* com uma prolífica participação dentro do

universo do *YouTube*, e em diversos de seus vídeos apresenta-se como um entusiasta da prática de *vlogging* e dos aspectos sociais do *YouTube*. Ele tem ainda uma participação ativa em outras redes sociais da internet como *Twitter*, *Facebook*, *Myspace*, *Stickam*, além de manter um *blog*.

O vídeo escolhido dentro da produção deste *vlogger* intitula-se “*Why do you watch my videos?*” (Por que você assiste aos meus vídeos?). O aspecto raro desse vídeo é que ele possui a vantagem única de constituir, pelo conteúdo da pergunta feita, uma meta-referência ao assunto abordado neste estudo. Ao lançar a pergunta “por que você assiste aos meus vídeos?”, o *vlogger* manifesta o desejo de estabelecer uma conversação em vídeos sobre o fato de assistir vídeos que buscam uma conversação.

O fato de lançar uma pergunta direta ou uma provocação a seus espectadores demanda respostas, e esse vídeo gerou pelo menos 20 vídeo respostas, além de contabilizar mais de 23.000 visualizações e mais de 1.000 comentários textuais, segundo os dados disponíveis em sua página no *YouTube* em fevereiro de 2011. Assim, além dos próprios vídeos como fonte de evidências, estão à disposição da investigação os canais de todos os autores desses vídeos, os comentários postados sob cada vídeo e as estatísticas fornecidas pelo próprio *YouTube*. Somado a isso, essas vídeo respostas contêm comentários sobre as razões por que os vídeos do *vlogger* original despertam o interesse da audiência e como eles inspiram novos *vloggers* a produzir conteúdo e publicar na rede. Esses comentários também fornecem pistas sobre o estabelecimento de conversação através de vídeos. A análise das evidências foi feita com base nesses diferentes tipos de dados.

Ao considerar que a unidade de análise é a conversação estabelecida pelos vídeos, é possível argumentar que este é um estudo de caso único, com múltiplas unidades incorporadas de análise. Cada vídeo-resposta considerado válido para o estudo é um exemplo de conversação estabelecida com o vídeo original, constituindo uma subunidade de análise. Essas subunidades incorporadas, segundo Yin, podem realçar o valor das impressões em um estudo de caso único, pois propiciam uma análise extensiva. Em conformidade com o que afirma o autor, os

aspectos holísticos do caso foram beneficiados por uma confrontação dos resultados das múltiplas conversações analisadas.

Yin orienta também que um projeto de estudo de caso deve prever como procederá à análise dos dados e sua interpretação. O planejamento da lógica que será usada para unir os dados às proposições é importante para determinar limites para a coleta e análise dos dados. A conversação, foco deste estudo, é uma unidade de análise abstrata que precisa ser percebida entre as informações observáveis. Foi necessário selecionar, entre os dados disponíveis, aqueles que melhor serviam para estudar as proposições estabelecidas. Esses dados foram considerados válidos enquanto evidências de que os sujeitos estabeleceram conversações por esse meio. A confrontação dessas evidências com os dados da fundamentação teórica sobre a conversação mediada por computador nas redes sociais da internet permite fazer considerações sobre o significado dessas evidências e as relações entre conversação e vídeo.

Em estudos de caso, os dados são coletados dentro das situações cotidianas. Normalmente, nos procedimentos de campo, o pesquisador visita instituições, escolas e outros locais onde o fenômeno estudado ocorre, para coletar dados por meio de observações (participativas ou não), entrevistas, coleta de documentos.

O objeto proposto neste estudo, a conversação por meio de vídeos *online*, depende de um conjunto de recursos técnicos emergentes ligados à digitalização, à convergência midiática e à rede. O fenômeno, porém, não está localizado geograficamente em nenhum lugar para onde o pesquisador deva se deslocar para coletar dados. Assim, devido às características do ambiente de rede *online*, foi possível recorrer à técnica de observação invisível para coletar os dados. Essa técnica é utilizada no método conhecido como netnografia, que é uma adaptação de uma ferramenta da investigação etnográfica aos estudos dos fenômenos decorrentes das interações humanas na internet.

Os fenômenos que ocorrem no ambiente de rede *online* apresentam protocolos interacionais e mecanismos de construção e consumo identitários que requerem maneiras apropriadas para interpretá-los, conforme Braga (2007). O desafio de encontrar uma metodologia coerente que pudesse tirar proveito das

características desse ambiente levou ao surgimento da proposta do método da netnografia. Braga (2007, p.5) aponta que o termo é um neologismo que reúne os termos *net* + etnografia e

(...) foi originalmente cunhado por um grupo de pesquisadores/as norte americanos/as, Bishop, Star, Neumann, Ignacio, Sandusky & Schatz, em 1995, para descrever um desafio metodológico: preservar os detalhes ricos da observação em campo etnográfico usando o meio eletrônico para “seguir os atores.”

O método etnográfico tradicionalmente se presta com justeza a trabalhos de natureza descritiva de fenômenos culturais. Amaral *et al.* (2008, p.35) definem que

A etnografia é um método de investigação oriundo da antropologia que reúne técnicas que munem o pesquisador para o trabalho de observação, a partir da inserção em comunidades para pesquisa, onde o pesquisador entra em contato intra-subjetivo com o objeto de estudo.

Segundo Braga (2007), o pesquisador em etnografia situa-se no interior de uma cultura para “realizar seu empreendimento científico” a partir de um investimento na sistematização de sua experiência pessoal. A autora cita como técnicas típicas em etnografia a observação direta para coleta de dados, os registros em diário de campo, a realização de entrevistas e a participação direta nas atividades de um grupo com quem o pesquisador interage face a face. O etnógrafo é um observador participante que se insere dentro do fenômeno cultural que procura conhecer e descrever.

A adaptação do método etnográfico ao ambiente da internet leva em consideração as possibilidades diferenciadas de participação nesse ambiente. Uma de suas características é a oportunidade de observar as interações entre os sujeitos sem necessariamente tornar-se um participante visível. O pesquisador pode permanecer como um observador invisível, cuja participação não interfere ou interfere minimamente no desdobramento do fenômeno.

Esse tipo de observação constitui uma vantagem em comparação com a observação tradicionalmente utilizada em etnografia. Ao inserir-se em uma cultura, o etnógrafo, por sua mera presença no espaço onde ocorrem os eventos pode causar modificações no comportamento dos indivíduos envolvidos. O mesmo problema ocorre quando se utiliza a técnica de observação nos estudos de caso. Quando o pesquisador depende da observação de campo para descrever um fenômeno, ele

precisa considerar que o seu comportamento e presença no local provocam, em algum grau, uma interferência na naturalidade do desdobramento dos eventos. Yin (2005, p.97) salienta que

(...) ao fazer observações das atividades da vida real, você estará entrando no mundo do indivíduo que está sendo estudado, e não o contrário; nessas condições, você é a pessoa que pode precisar fazer preparativos especiais para poder agir como observador (ou mesmo como observador participante). Por conseguinte, seu comportamento – e não o do sujeito respondente – é o único provavelmente a ser restringido.

Essas restrições não se aplicam no caso da observação invisível. Como nas técnicas da netnografia, neste estudo de caso ambientado na internet é possível minimizar ou eliminar a interferência causada pela presença de um estranho em campo. Assim como para o netnógrafo é possível uma posição privilegiada de não revelação de sua presença no ambiente de rede *online*, este estudo pode tirar vantagem da técnica de observação invisível para garantir a conservação da autenticidade do comportamento dos sujeitos envolvidos no fenômeno. Desaparecem também os ajustes éticos, geralmente imprescindíveis nos estudos etnográficos onde o pesquisador se insere em um grupo social, ambiente ou evento. Conforme apontado por Braga (2007), essa não-necessidade de efetuar negociações éticas é vantajosa para o pesquisador. Não cientes da presença de um pesquisador, os sujeitos não negociam nem alteram a naturalidade de suas interações.

A observação invisível, antes de ser adotada como técnica de pesquisa em netnografia, já era uma forma de participação conhecida como *lurking* nas redes sociais da internet. Essa forma de participação, em que a pessoa presencia as interações mas não necessariamente interage ou se dá a conhecer, é praticada desde que surgiram os sistemas abertos à participação de qualquer indivíduo na internet. Alguns fóruns ou redes sociais desencorajam a atividade dos *lurkers*, estimulando que seus membros tenham uma participação ativa. Para isso, algumas vezes utilizam sistemas de atribuição de reputação, onde aqueles membros mais ativos são considerados mais confiáveis e podem ter acesso a ferramentas mais avançadas ou possuir maior autoridade para tomar decisões sobre as atividades dos demais participantes da plataforma. Nesses grupos os *lurkers* são vistos negativamente e têm acesso limitado a determinadas funções ou ferramentas. O

*YouTube*, apesar de disponibilizar algumas vantagens para os participantes mais ativos que obtêm maior visibilidade para seus vídeos, não oferece empecilhos para a atividade de *lurking*, e é possível observar as relações entre seus participantes mesmo sem efetuar uma inscrição no *site*.

Entre as considerações relacionadas à técnica, é preciso também considerar a conveniência, para o pesquisador, de poder realizar suas observações e coletar os dados a partir de qualquer ambiente físico onde seja possível acessar a internet. A necessidade de dispor de recursos para viajar ou hospedar-se em lugares estranhos é inexistente. Da mesma forma, não existe a preocupação de trabalhar em conformidade com o horário e disponibilidade dos eventos ou dos sujeitos envolvidos neles.

Por outro lado, é preciso reconhecer que também há desvantagens em não ter interações face a face com os sujeitos participantes do estudo. Este trabalho não conta com a voz desses sujeitos falando diretamente sobre seu processo de criação e sobre suas impressões. As informações foram extraídas de discursos dirigidos a outros interlocutores, com outros objetivos e que não visavam responder a uma pesquisa. Os sujeitos não foram provocados a refletir sobre suas ações e sobre sua relação com o tema pesquisado. Assim, o estudo deduziu aspectos implicados nas evidências observáveis, mas não contou com o aval dos sujeitos para garantir que essas impressões condissessem com o ponto de vista dos próprios envolvidos.

Nesse aspecto, a coleta de dados para este estudo assemelha-se um pouco às técnicas utilizadas para a investigação de arquivos históricos quando, segundo Yin (p.97), “o pesquisador pode (...) inspecionar o que existe em seu próprio ritmo e no momento conveniente à sua agenda”. A grande diferença é que mesmo os dados publicados há bastante tempo no *YouTube* não podem ser considerados dados “históricos”. Eles não pertencem ao tempo histórico, mas ao tempo intemporal da internet, sugerido por Castells (1999). Segundo ele (p.487),

(...) a mídia eletrônica fornece acesso à informação, expressão e percepção de acordo com os impulsos do consumidor ou decisões do produtor. Com isso, toda a ordenação dos eventos significativos perde seu ritmo cronológico interno e fica organizada em sequências temporais condicionadas ao contexto social de sua utilização.

Essa questão da temporalidade não-diferenciada explica, também, o papel definitivo do estabelecimento do limite temporal para coleta de dados. A definição desse limite e a cópia das informações para um *HD* seguro foi utilizada para minimizar o impacto de alterações e eventos inesperados sobre o estudo. Yin chama a atenção para esse tipo de ocorrência em estudos de caso, e essa possibilidade está especialmente presente quando as fontes de dados encontram-se na internet. Enquanto os vídeos permanecem no ar, as conversações estão sujeitas a continuação e desdobramentos; além de serem desenvolvidas, existe a possibilidade de que seus autores as modifiquem. No caso aqui estudado, por exemplo, o vídeo originário surgiu em 2008 e as vídeo respostas surgiram nos meses próximos à essa publicação; porém, novos comentários textuais continuam a ser recebidos com frequência (conforme a última observação realizada, havia um novo comentário publicado em dezembro de 2010). Os fluxos da rede têm uma vida de constante atualização, e também os dados estatísticos como número de acessos e as avaliações dos vídeos variam permanentemente, demandando o estabelecimento de um cronograma com um prazo final para a inclusão de dados no caso estudado. Os dados foram coletados até setembro de 2010. Após isso, as páginas dos vídeos continuaram a ser observadas, mas nenhum dado novo foi considerado para análise. O *download* dos vídeos foi necessário não apenas para facilitar a análise, mas também para prevenir a eventualidade de retirada dos vídeos do ar, o que poderia arruinar o desenvolvimento do projeto.

O processo que orientou o desenvolvimento deste estudo e os procedimentos de análise será descrito a seguir. Na página do vídeo originário, encontram-se sob o vídeo os comentários recebidos e os *links* para as vídeo respostas. Somente duas respostas são relacionadas nessa página, o *link* “ver tudo” leva a uma página onde se pode acessar todas as vídeo respostas. Essa página foi salva como aba permanente no *browser Mozilla Firefox*, para manter acesso rápido ao *corpus* de dados durante todo o período da pesquisa. O canal de *Blade376* foi também estabelecido como *PermaTab*<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> *PermaTabs* é uma extensão aplicável ao navegador que cria abas permanentes que não podem ser fechadas acidentalmente e que são igualmente preservadas durante todas as sessões de navegação, ou seja, toda vez que o navegador é inicializado, essas abas estão disponíveis.

Cada uma das vídeo respostas válidas (disponíveis como vídeos públicos) e também o vídeo originário foram baixados utilizando o aplicativo *DownloadHelper* e salvos em *HD*. A classificação dos dados em categorias diferenciadoras, necessárias para a análise, foi feita conforme três procedimentos principais: a) análise dos conteúdos verbais conforme as transcrições dos discursos dos vloggers; b) decupagem dos elementos sonoros e visuais por meio de uma tabela elaborada para essa finalidade; c) descrição da estrutura dos vídeos para possibilitar o estudo das formas utilizadas.

O vídeo originário e os vídeo respostas foram numerados para facilitar a categorização e os cruzamentos dos dados. O vídeo originário, por ser diferenciado do restante da amostra e ser o gerador do caso, foi denominado vídeo Zero, e as respostas receberam um número de acordo com a ordem em que aparecem na página de respostas ao vídeo *Why do you watch my videos?* do *YouTube* (em [http://www.youtube.com/video\\_response\\_view\\_all?v=Z2\\_su916nZw](http://www.youtube.com/video_response_view_all?v=Z2_su916nZw)).

Para facilitar a análise dos elementos verbais foi feita a transcrição das falas dos sujeitos que se apresentam nos vídeos. Os elementos verbais transcritos consistiram dos componentes verbais e textuais encontrados nos vídeos. Nessas transcrições, momentos de corte foram apontados por meio de novos parágrafos. Na transcrição bruta, procurou-se registrar literalmente todo tipo de sons emitidos pela fala, como repetições, erros, vícios de linguagem e sinais hesitação. Nos procedimentos de análise, foram observados os elementos que denotam relação direta de conversação, como os pronomes pessoais. A transcrição do vídeo originário foi decomposta em tópicos e menções a esses tópicos foram procurados nas transcrições dos vídeo respostas. Foram elaboradas outras duas listas de tópicos a partir das informações contidas nas respostas dos *vloggers*. Foram considerados válidos para o estudo todos os tópicos que representassem respostas dadas à pergunta do vídeo Zero ou que estivessem relacionados ao tema *vlogging* em geral. A descrição detalhada dessas listagens encontra-se no capítulo de análise dos dados.

Para analisar os momentos da conversação onde as hibridizações de matrizes da linguagem dão lugar a eventos que só se tornam possíveis por meio dos vídeos, foi elaborada uma tabela para dispor os dados que compõem esses

momentos. O objetivo dessa ferramenta é permitir observar os cruzamentos entre elementos da linguagem com o objetivo de demonstrar as proposições que motivaram o estudo, ou seja, descrever de que forma os diversos elementos presente nos vídeos concorrem para um tipo de conversação diferenciada da CMC tradicional textual. Os momentos relevantes em cada vídeo onde a conversação é enfatizada pela combinação de diferentes elementos foram chamados de eventos, e foram dispostos em sequência temporal, com a anotação dos elementos verbais, visuais e sonoros que são percebidos concomitantemente. Foram descritos os gestos e expressões realizados em relação a momentos específicos do discurso, bem como características e variações da fala (ritmo, entonação, pronúncia, timbre), o uso ou não de música e demais ruídos. Essa tabela auxiliou verificar como esses elementos contribuem ou interferem na transmissão das mensagens para que se estabeleçam conversações por meio dos vídeos. O exemplo a seguir mostra como foi feita a distribuição e descrição dos elementos de um trecho do vídeo 14. A cópia de algumas tabelas completas foi incluída no Anexo II deste trabalho.

<i>Eventos</i>	<i>Timeline</i>	<i>Verbais</i>	<i>Visuais</i>	<i>Sonoros</i>
1	0;15;10	“Um...”	Aperta os lábios e baixa a cabeça, permanecendo assim por alguns segundos (talvez olhando para algo anotado)	Após a exclamação, longa pausa, silêncio.
2	1;47;14	“and your image is a little bit rebellious”	Movimento de cima para baixo com a cabeça em “a little bit”, junto com um gesto da mão direita	“A little bit” é dito em tom de voz mais agudo do que as outras palavras

Tabela 1: exemplo de tabela analítica para eventos híbridos de linguagem.

Exemplo de análise dos eventos encontrados no vídeo 14:

1. Essa pausa, especialmente com a cabeça abaixada, demonstra que o sujeito não tem um discurso pronto e está escolhendo a forma de expor o que pensa.
2. Os gestos e a modificação no tom de voz dão uma ênfase que suaviza o efeito do termo supostamente forte que vem a seguir, ao afirmar que *Blade* é um pouco rebelde.

Essa abordagem descritiva dos dados examinados ajudou, de acordo com o que diz Yin (2005), “a identificar as ligações causais apropriadas a serem analisadas” (p. 143). Essa ferramenta de análise também foi utilizada durante a análise das categorias listadas a partir das transcrições dos discursos. Para explicar os resultados encontrados em algumas dessas categorias, foi necessário confrontar as listagens com a tabela de decupagem das matrizes da linguagem, o que permitiu traçar relações entre essas duas fontes de informações.

Por fim, a terceira ferramenta de análise dos dados foi a descrição da estrutura dos vídeos. Essa descrição teve o objetivo de encontrar possibilidades de classificação dos tipos de estruturas adotados pelos *vloggers*. A partir dela foi possível encontrar elementos característicos dos vídeos de *vlogs*, bem como elementos que se afastam dessa tipicidade. Foram propostas categorias para classificar os vídeos quanto à forma e foram analisadas as conseqüências dessas escolhas formais para as conversações. A análise da estrutura formal auxiliou a compreensão da função que esses vídeos ocupam na esfera social do *YouTube*, ou da duplicidade funcional que oscila entre conversações entre sujeitos e produção e distribuição de produtos midiáticos para um grande público.

Nos relatórios de análise, alguns dados foram convertidos em gráficos do tipo pizza para fornecer uma visualização da proporcionalidade das ocorrências. Esse recurso, no entanto, não deve ser tomado como demonstrativo de estatística, visto que a amostra é pequena e consiste de um único caso. As quantidades reais de ocorrências dos eventos analisados estão sempre entre parênteses quando as listagens de descrições dos dados são apresentadas.

## II. REFERENCIAL TEÓRICO

### a. Sociedade em rede, cultura participativa

A “revolução da tecnologia da informação”, como foi chamada por Castells (1999) é um processo em cuja raiz está a expansão tecnológica desenvolvida a partir dos anos 50, com a introdução do uso do computador, e da migração dessas máquinas da esfera exclusivamente institucional e empresarial para o âmbito pessoal e privado. Essa revolução, caracterizada pelo desenvolvimento dos processos de digitalização das informações e a conseqüente popularização de novas mídias, tem propiciado diversas modificações nos paradigmas de produção e consumo midiático.

Tais modificações são conseqüentes da inclusão tecnológica e da cultura participativa, que ocorrem a partir da facilitação do acesso de muitas pessoas aos meios e suportes tecnológicos de comunicação. Essa inclusão pressupõe o acesso dos indivíduos à rede como um todo (a *World Wide Web*) e a possibilidade de interação com as mensagens. A interação, neste caso, significa mais do que poder optar pelas informações que deseja receber. Inclui a possibilidade de manifestar suas reações e respostas a todo conteúdo em circulação, de redistribuir conteúdo de interesse e de produzir novos conteúdos para a rede, além de associar-se a outros indivíduos com o propósito de perseguir determinados objetivos – ingressando em múltiplas sub-redes.

Segundo a argumentação de teóricos como Jenkins (2006) e Lévy (1999), essa inclusão encoraja a participação e o desenvolvimento de uma inteligência coletiva, a partir das novas formas de participação e colaboração propiciadas pela convergência dos meios de comunicação. É do estabelecimento desse

comportamento que advém o fenômeno cultural chamado de cultura participativa. Jenkins fala sobre uma perda de definição nas fronteiras entre cultura política e cultura popular devido ao impacto da digitalização e da convergência dos meios, e ressalta que os impactos sociais não se efetuam pela mera invenção de tecnologias que permitem a comunicação, mas pelas práticas culturais que se desenvolvem a partir da apropriação dessa tecnologia. As plataformas de cultura participativa da internet, entre as quais o *YouTube*, objeto deste estudo, estimulam o engajamento na produção e distribuição de conteúdo e de informação. A crescente popularização dessas plataformas sinaliza mudanças no processo de produção e consumo de produtos midiáticos.

Castells (1999) falando sobre o espaço e o tempo, salienta que ambos estão se transformando “sob o efeito combinado do paradigma da tecnologia da informação e das formas e processos sociais induzidos pelo processo atual de transformação histórica” (p. 403). Ele compreende a internet como um espaço de fluxos onde as informações são compartilhadas independentemente de limitações geográficas. Lévy (1999) ressalta que o crescimento do espaço de fluxos da rede não determina automaticamente o desenvolvimento de uma inteligência coletiva, mas fornece o ambiente propício para esse desenvolvimento.

Além da transcendência das limitações geográficas, a dissolução dos limites temporais da seqüencialidade cronológica caracteriza, conforme Castells (1999, p. 487), uma temporalidade não-diferenciada. Sobre essa proposta de um tempo intemporal, o autor afirma que

(...) a mídia eletrônica fornece acesso à informação, expressão e percepção de acordo com os impulsos do consumidor ou decisões do produtor. Com isso, toda a ordenação dos eventos significativos perde seu ritmo cronológico interno e fica organizada em sequências temporais condicionadas ao contexto social de sua utilização.

As informações do passado e do presente se atualizam a qualquer momento, conforme a conveniência dos indivíduos. Essas novas percepções de espaço e de tempo são características da inteligência coletiva configurada a partir do crescimento da internet, e a relação dos sujeitos com as novas mídias modificaram uma série de comportamentos, como as atividades de comunicação interpessoal.

Novas formas de conversação mediadas foram adotadas a partir do desenvolvimento dos suportes para matrizes de linguagem digitalizadas e

distribuídas em rede. Essas formas vêm se sofisticando desde as primeiras ofertas de sistemas de envio de mensagens por computador e foram apoiadas pela arquitetura de rede que conecta os indivíduos aos conteúdos e a outros indivíduos. Elas são determinadas pela potencialidade tecnológica dos recursos oferecidos, combinada com a forma como os usuários se apropriam deles. Cada sistema de comunicação mediada proporciona conversações sujeitas a determinadas nuances; e muitas vezes os limites de cada sistema são estímulos para que os seus utilizadores encontrem adaptações criativas da linguagem que expandem as potencialidades expressivas dos meios. Segundo Castells (1999, p. 354),

A integração potencial de texto, imagens e sons no mesmo sistema – interagindo a partir de pontos múltiplos, no tempo escolhido (real ou atrasado) em uma rede global, em condições de acesso aberto e de preço acessível – muda de forma fundamental o caráter da comunicação.

Se a integração de vários modos de comunicação em uma rede interativa é um fator fundamental de diferenciação e proporciona um novo passo na evolução histórica da comunicação, os *vlogs* do *YouTube* são um exemplo desse processo. A conversação mediada por vídeos apresenta características e desdobramentos diferentes dos que ocorrem em outras plataformas não baseadas em vídeos.

Conforme o que já foi apontado, a tecnologia que permite a integração dos diferentes modos de comunicação não é o único fator que determina as modificações perceptíveis na comunicação. Em plataformas da internet como o *YouTube* é necessário ressaltar a importância da formação de redes sociais em torno dos conteúdos. As ferramentas de relacionamento (comentários, caixa de mensagens, adição de amigos) têm aí um papel fundamental, permitindo que os sujeitos interajam não apenas com os conteúdos publicados, mas também com os produtores desse conteúdo. Os indivíduos humanos que se agregam em torno dos produtos multimidiáticos estabelecem interações interpessoais por meio de diferentes formas de conversação mediada.

## **b. Comportamentos de conversação na rede**

Castells (1999, p. 361) afirma: “Vivemos em um ambiente de mídia, e a maior parte de nossos estímulos simbólicos vem dos meios de comunicação”. Assim, o

autor fala de como a mídia fornece a “matéria-prima para o funcionamento de nosso cérebro”, compondo o imaginário que é compartilhado no chamado “inconsciente coletivo”. As imagens divulgadas pela mídia, combinadas às experiências pessoais, povoam a mente de todos os que estão expostos a elas. Assim, os símbolos disseminados pelos meios de comunicação são parte daquilo que identifica os membros de uma sociedade e estão presentes em todos os aspectos culturais. As mensagens “fora da mídia”, conforme Castells, ficam restritas a redes interpessoais e desaparecem do inconsciente coletivo.

A influência das mensagens recebidas pela mídia sofre algumas modificações quando se considera a audiência dos meios de comunicação não como sujeitos passivos, cujas respostas aos estímulos ficam restritas a si mesmos ou são dadas a conhecer apenas por pequenos grupos. Quando a audiência é composta por sujeitos interativos (como vem sendo tentado pela televisão, rádio, revistas e jornais, mas que se concretiza realmente na Internet), os impactos sobre o imaginário e, conseqüentemente, sobre a cultura, são diferentes. A interatividade abre caminho, segundo Castells (1999, p. 362) para a “segmentação, adequação ao público e individualização”.

Nas redes sociais formadas na internet, o relacionamento entre os sujeitos é alimentado pela convergência tanto de meios quanto de experiências. Pedacos do imaginário construído pelos produtos e pelas experiências individuais se transformam em unidades de sentido, segundo Jenkins (2006, p. 3):

A convergência não acontece por meio dos aparatos midiáticos, por mais sofisticados que eles tenham se tornado. A convergência ocorre dentro dos cérebros dos consumidores individuais e através das suas interações sociais com os outros. Cada um de nós constrói sua mitologia pessoal a partir de unidades e fragmentos de informação extraídos do fluxo de mídia e transformados em recursos por meio dos quais nós compreendemos nossa vida cotidiana.

A idéia de uma convergência de experiências compartilhadas por interações sociais, mais do que de aparatos que oferecem suporte à comunicação, corrobora a afirmação de Lévy (1999, p. 28) de que “a qualidade do processo de apropriação (...) em geral é mais importante do que as particularidades sistêmicas das ferramentas”. A multiplicação e a convergência de ferramentas de comunicação interpessoal geram o desenvolvimento de uma inteligência coletiva da humanidade, e essa

inteligência, por sua vez, é o que leva ao desenvolvimento de novas apropriações das alterações técnicas.

Os últimos 35 anos testemunharam a estruturação de um “novo veículo de comunicação na arquitetura de rede, na cultura de seus usuários e nos padrões reais de comunicação” (Castells, 1999, p. 380) que vem sendo moldado desde o processo e formação e difusão da internet e das redes de CMC ligadas a ela. Muitos dos comportamentos e da etiqueta praticada na internet (a chamada *netiquette*) derivam dos comportamentos dos pioneiros da vida na rede. Uma vertente ideológica que ajudou a forjar esses comportamentos deriva, como aponta Castells, dos movimentos libertários dos anos 60, quando uma “contracultura computacional” inspirou estudantes universitários a desenvolverem a tecnologia que havia sido criada pelo departamento de defesa dos EUA de forma a torná-la acessível e útil para finalidades mais civis do que militares. O primeiro sistema operacional possibilitando o acesso de computador a computador, o UNIX, foi adaptado em Berkeley e distribuído a custos muito baixos; a tecnologia do *modem*, que independiza os computadores de um sistema principal, foi inventada por estudantes e difundida gratuitamente. O objetivo era ampliar as capacidades de comunicação, e foi por esse caminho que “as características tecnológicas e os códigos sociais desenvolvidos a partir do uso gratuito original da rede deram forma a sua utilização”, afirma Castells (1999, p.378).

A filosofia libertária desses jovens está, portanto, na base da disponibilização gratuita dos protocolos e *softwares* que vieram a ser os suportes da CMC. Junto com o *software* gratuito, “os criadores da internet colocaram um alto valor na livre troca de informação, que eles acreditavam ser possível somente com uma completa liberdade de expressão” (Herring, 2002, p. 141). Essa natureza aberta da comunicação pela internet permite que indivíduos e grupos anteriormente excluídos manifestem a sua existência e ocupem um espaço público. Ao mesmo tempo em que proporciona oportunidades de participação para algumas pessoas que de outra forma não teriam muita chance de serem ouvidas, a internet possibilita que certos comportamentos anti-sociais tenham espaço (Herring, 2002), tais como *spamming*, hostilidade, discursos de preconceito e ódio e assédio sexual. Em alguns casos esse tipo de comportamento pode ser cerceado pela remoção dos privilégios de acesso,

mas é a mesma acessibilidade à tecnologia que possibilita encontrar caminhos alternativos que permitem aos sujeitos hostis voltar a inserir-se na rede.

Alguns dos comportamentos hoje praticados nas conversações mediadas por computador originaram-se em outros sistemas anteriores à internet. Um pouco antes da criação da internet e de sua disseminação para o usuário particular, outros sistemas de comunicação mediada por computadores foram utilizados em alguns países como França, Japão e Alemanha. Segundo Castells (1999), um desses sistemas que alcançou popularidade e cujos usos ajudaram a moldar alguns comportamentos que reapareceram entre os usuários da internet foi o Minitel na França.

Nesse país, o Minitel, que é um serviço de ligação de centros de servidores de telefonia, teve amplo alcance graças ao incentivo governamental à sua distribuição. A partir de 1984, o governo francês ofereceu gratuitamente aos cidadãos que possuíam uma linha telefônica fixa a opção de receber um aparelho Minitel no lugar da lista telefônica. Esse aparelho, composto por uma tela acoplada a um teclado, oferecia inicialmente a possibilidade de acessar os serviços que já se encontravam disponibilizados por telefone, como a lista telefônica, previsão do tempo, informação e reservas sobre transportes e eventos culturais. A esses, começaram a se agregar outros, como publicidade, telebancos e vários serviços comerciais. Até então, não havia grandes mudanças no comportamento dos usuários de telefonia quanto ao uso dos serviços, até que foram introduzidas as linhas de bate-papo textual.

Em 1990, conforme Castells, mais de metade das chamadas dessas linhas tinham intenções pornográficas. Além dos serviços de tele-sexo oferecidos comercialmente, as linhas normais de bate-papo também eram utilizadas para conversas eróticas.

Ainda no início dos anos 90 o apelo sexual do Minitel diminuiu, em parte devido ao caráter rudimentar da tecnologia. Sua capacidade de processamento de informação era muito limitada e seu sistema de transmissão e vídeo ficaram ultrapassados. A arquitetura dessa rede baseava-se em uma hierarquia muito fixa de servidores e não havia espaço para a participação dos usuários na criação e

distribuição de conteúdos. Essas limitações levaram à perda do apelo do Minitel como meio de comunicação, pois era, no dizer de Castells (1999, p. 369) “muito inflexível para uma sociedade culturalmente sofisticada como a francesa”. O episódio do Minitel ilustra a persistência de certos comportamentos através da transformação dos meios. A arquitetura em rede da internet e os sistemas de comunicação que se desenvolveram tiveram uma evolução significativa, enquanto os desejos e comportamentos dos sujeitos se modificaram menos. A busca da conversação erótica, por exemplo, continua ocupando uma grande parcela das interações humanas na internet, mas os usuários necessitam uma mediação que permita um uso mais complexo da linguagem. A sofisticação cultural da sociedade mencionada por Castells explica o grande apelo atual dos vídeos compartilhados em rede como suporte para conversação à distância.

### **c. Vídeo, linguagem e digitalização**

Na conversação possibilitada pela combinação de ferramentas de vídeo resposta e de comentários existe uma convergência intensa de linguagens. A maior parte dos estudos que analisam a conversação mediada por computador (Recuero [2009], Primo [2007], Herring [2002], por exemplo) baseia-se nas trocas de textos escritos em plataformas de redes sociais, fóruns, *blogs* ou mensageiros instantâneos. Ao observar-se a prática dos *vloggers* no *YouTube*, percebe-se que o vídeo resposta permite substituir o texto pelo vídeo e desenvolver conversações que transitam entre o texto escrito e o vídeo, fazendo um amplo cruzamento de linguagens que agrega ao discurso imagens em movimento, som em forma de fala, música e ruídos e uma dimensão temporal diferente da que é experimentada ao lidar somente com o texto escrito. Dessa forma, percebe-se que essa conversação híbrida se diferencia da conversação via texto, pelos diferentes apelos à percepção que são agregados pelo uso do vídeo.

Santaella (2001) afirma que todas as linguagens são formadas por elementos provenientes de três matrizes: verbal, visual e sonora. Essas matrizes são os componentes que, combinados, dão origem a tudo o que consideramos linguagem, como o discurso falado, a literatura, a música, a dança, a arquitetura, a fotografia, o desenho, etc. Cada matriz tem uma lógica que a faz realizar melhor algum tipo de

comunicação. A autora explica essas lógicas de acordo com as categorias da semiótica de Peirce<sup>3</sup> onde a sonoridade estaria relacionada à primeiridade, a visualidade à secundidade e o verbal à terceiridade de um signo. Essas categorias ajudam a entender como um processo de comunicação se reveste de diferentes nuances ao ser hibridizado pela combinação de várias linguagens. Um ponto importante a destacar para este estudo é a afirmação de que cada matriz de linguagem realiza melhor um determinado aspecto. Dessa forma, das combinações mais complexas entre essas matrizes decorrem mensagens com vários níveis de significados, como ocorre na conversação por meio de vídeos. Santaella (2001) aponta que uma linguagem não pode ser conhecida sozinha, pois ela se materializa sobre um suporte ou mídia. E a lógica que está implicada em cada matriz é modificada e tem suas possibilidades de manifestação multiplicadas por cada mídia particular. A evolução dos suportes, fundamental para a materialização das linguagens, é um fator que permite o desenvolvimento de hibridizações complexas entre suas matrizes.

Nesse sentido, a digitalização foi um grande salto na história dos suportes, além de ser um processo que tem importância fundamental para o desenvolvimento das práticas da cultura participativa. A digitalização foi a etapa de evolução tecnológica que permitiu a inclusão de fotografia, gráficos, animações e vídeos no mesmo suporte que transmite a linguagem escrita. De acordo com Santaella (2001, p. 23/24), anteriormente era necessário utilizar

(...) papel para o texto, película química para a fotografia ou filme, fita magnética para o som ou vídeo. Pós-digitalização, a transmissão da informação digital é independente do meio de transporte (fio do telefone, onda de rádio, satélite de televisão, cabo). Sua qualidade permanece perfeita, diferentemente do sinal analógico que se degrada mais facilmente; além disso, sua estocagem é menos onerosa.

A digitalização trouxe a compatibilidade entre linguagens que antes se baseavam em suportes incompatíveis e, por isso, encontra-se na base da caracterização da linguagem e dos padrões de navegação e conversação nas redes virtuais. Para Castells (1999), a possibilidade de compactação de todos os tipos de

---

<sup>3</sup> PEIRCE, C.S. (1931-58), **Collected papers**, v. 1-6, (ed. Hartshorne and Weiss); v. 7-8 (ed. Burks). Cambridge, Mass., Harvard University Press.

mensagens pela tecnologia digital teve consequências importantes sobre a arquitetura da rede. Independente de qualquer centro de comando e controle, “a universalidade da linguagem digital e a lógica pura do sistema de comunicação em rede criaram as condições tecnológicas para a comunicação horizontal global” (p. 375). Ao colocar os dados de linguagem em formato digital, os produtos resultantes podem ser reproduzidos sem perda, podem ser distribuídos em rede e podem assumir estruturas alineares.

O vídeo faz parte das linguagens que cruzam principalmente as matrizes visuais com as sonoras. As matrizes sonoras implicadas no vídeo não são apenas as que fazem parte da trilha de áudio, mas também os componentes rítmicos. Diferentemente das imagens estáticas de qualquer tipo, quando se trata de imagens em movimento entra em ação uma dimensão temporal. Sujeitos à duração, os componentes visuais assumem uma dinâmica própria das composições sonoras. Sobre isso, Santaella (2001, p. 383) afirma que

(...) quanto mais intimamente as imagens do vídeo se tecem na dinâmica que é própria da sonoridade, das durações, intensidades, acelerações e retardamentos, maior é a eficácia de suas imagens, pois é nesse cruzamento com os caracteres que são muito próprios da música que o vídeo atinge graus de poeticidade.

É importante destacar que essas combinações entre imagem e som, fator fundamental na identidade do que se chama “vídeo”, têm diversas implicações sobre o estabelecimento de conversações por esse meio. O cruzamento influencia, por um lado, aspectos como as pistas não verbais sobre o sujeito falante, como será visto no próximo subtítulo. Por outro lado, eles favorecem também o afastamento da situação de conversação, visto que som e imagem podem se sobressair a ponto de obscurecer o conteúdo do discurso verbal concomitante.

#### **d. A conversação mediada por vídeos *online***

As práticas de conversação na Internet são normalmente estudadas pela subárea da comunicação mediada por computador (CMC). Esses estudos derivam da Análise da Conversação e investigam a apropriação das ferramentas tecnológicas pelos indivíduos, as características do discurso mediado pelo computador e os comportamentos consequentes dessas interações comunicativas.

Segundo Herring (2007), seu estudo fornece muitos dados sobre o comportamento humano e o uso da linguagem.

Conforme as variações da tecnologia e dos contextos de uso, a CMC sofre variações e adaptações. Parte das pesquisas sobre comunicação interpessoal na internet ocupa-se da CMC baseada apenas em texto. Especialmente após a metade dos anos 90, a conversação baseada em texto deixou de ser a única disponível aos internautas. A disponibilidade de textos combinados com gráficos bi ou tridimensionais, vídeo e áudio possibilitaram, conforme Herring (2002), os usos interativos de CMC multimodal. Nessa modalidade, devido às características da internet, as interações combinam a comunicação interpessoal com aspectos da mídia de transmissão massiva, modificando as conversações entre os sujeitos na internet.

Embora os resultados comunicativos resultem das propriedades dos sistemas de CMC, eles ocorrem conforme os sujeitos se apropriam das ferramentas e adaptam seus usos numa combinação de influências tecnológicas, sociais e culturais. Herring (2002, p. 140) afirma que

A evidência dos últimos quinze anos de pesquisa da internet não sustenta uma visão tecnologicamente determinista forte, pelo menos no que diz respeito aos efeitos dos sistemas de CMC baseados em texto. Fatores situacionais podem (e geralmente o fazem) se sobrepor às predisposições do meio, e os usuários podem adaptar o meio às suas necessidades de comunicação, exatamente como na comunicação em outros meios.

Assim, o foco da pesquisa em CMC sofreu uma modificação desde os primeiros estudos. Enquanto os primeiros pesquisadores ocupavam-se dos limites do meio para a obtenção das finalidades comunicativas tradicionais, a tendência atual é o estudo das novas formas de comunicação possibilitadas pela internet, segundo Herring (2002). A autora afirma que (p.141)

Essa tendência corresponde a uma mudança no pensamento sobre as redes computacionais em termos de seus efeitos intencionais de primeira ordem – por exemplo, facilitar a transferência de informação entre participantes geograficamente dispersos – para um reconhecimento crescente de seus efeitos (em grande parte não intencionais) de segunda ordem, incluindo seus maiores impactos sociais, como o que ocorreu no passado com tecnologias de comunicação como o telefone.

A introdução das conversações mediadas por vídeos na internet aconteceu em 1993 com o *software CUseeMe*, que combinava bate-papo textual com uma transmissão de áudio e vídeo de via única (Herring, 2002). Mais tarde vieram os serviços de telefonia via internet, as transmissões de vídeo de duas vias e a videoconferência. A plataforma Skype, por exemplo, e as ferramentas de *video chatting* do Google e do MSN Messenger permitem a realização de conversações síncronas por meio de vídeo. No entanto, o estudo dessas conversações que têm um caráter privado e pouca persistência (não gerando armazenamento de arquivos), é uma tarefa complicada, devido à dificuldade em coletar as evidências. A investigação desse tipo de conversações exigiria a elaboração de um desenho de pesquisa bastante diferenciado do proposto no presente trabalho. O estudo das conversações assíncronas mediadas por vídeo aqui proposto torna-se viável, considerando o caso do *YouTube*, porque os vídeos permanecem publicados e acessíveis ao pesquisador.

As mesmas observações citadas por Herring (2002) quanto às diferenças geradas pela sincronicidade temporal na CMC textual são válidas para as conversações mediadas por vídeos. Conforme essa autora, as mensagens em CMC síncrona tendem a ser mais curtas, com vocabulário mais limitado e menor complexidade sintática, além de serem mais jocosas, enquanto que as mensagens assíncronas são mais longas, mais editadas, cumprem mais funções e apresentam maior complexidade lingüística. Com base nessas diferenças, presentes desde a produção das mensagens, “parece que a CMC síncrona funciona melhor para a interação social e a CMC assíncrona para discussões e solução de problemas mais complexos” (Herring, 2002, p. 135). Essa diferenciação esclarece por que as mensagens em vídeo são mais longas e editadas. Um vídeo consta de um pedaço de tempo que pode conter a abordagem de vários tópicos. Dentro desse tempo, a mensagem pode ser editada e trabalhada linguisticamente, pois, por fazer parte de uma conversação assíncrona, o sujeito tem a possibilidade de dar à mensagem a forma e o aspecto desejados antes de fazer a publicação. Ele sabe que o seu interlocutor também gastará um determinado tempo para assisti-lo, o que, somado aos recursos audiovisuais, permitirá decifrar mesmo uma mensagem longa e complexa. Dessa forma, um vídeo é uma forma de comunicação adequada para efetuar discussões mais elaboradas, mas não favorece a dinâmica da alternância

conversacional nem a relação pessoal entre os indivíduos, apesar da presença de sua imagem física.

De qualquer forma, a presença da imagem em movimento do sujeito nos *vlogs* é um aspecto importante dessa forma de comunicação. Cada suporte de comunicação possui determinadas limitações específicas, e os vídeos apresentam vantagens com relação a certos limites relacionados à identidade na CMC textual. Nesse tipo de CMC o distanciamento físico entre os agentes é sublinhado pelo privilégio do anonimato sobre a identificação (Recuero, 2009[2]). Por trás desse anonimato escondem-se muitos casos de trapaças e mentiras envolvendo os aspectos da identidade dos indivíduos. Nas plataformas de *chats*, mensageiros instantâneos e redes sociais onde a comunicação se dá por meio de texto, os atores não se dão imediatamente a conhecer: “Não há pistas da linguagem não verbal e da interpretação do contexto da interação” (Recuero, 2009[1], p. 31).

No caso dos vídeos com a presença do indivíduo, no entanto, modifica-se esse “modelo de pistas descartadas” (Herring, 2002) e a linguagem não verbal passa a ser conhecida através da imagem em movimento. Dessa forma, ficam evidentes certas pistas tradicionais que podem ficar ocultas em outras redes sociais virtuais, tais como o status social, sexo, idade, raça, limitações físicas e aspectos do gesto e da expressão do sujeito que se apresenta. Esses elementos propiciam a interferência de outras dimensões de percepção que não estão presentes na conversação por meio exclusivamente textual. A falta dessas pistas tem consequências sobre o comportamento dos indivíduos na conversação, levando a uma despersonalização, quase como se esquecessem, às vezes, que estão se comunicando com outros indivíduos. O vídeo reintegra as dimensões físicas e sociais dos sujeitos envolvidos na CMC. Esse fato, também, não é necessariamente sempre positivo: às vezes, as pistas físicas causam interferências indesejadas na conversação. Nesses casos, a CMC textual seria vantajosa por permitir aos sujeitos expressar mais precisamente o que eles querem dizer, sem a interferência de pistas físicas não intencionais (Herring, 2002, p. 140).

Herring destaca o fato de que equívocos de comunicação sempre foram considerados comuns na CMC. Analisando conversações mediadas por computador baseadas somente em texto, Herring (1999) destaca que a interatividade resultante caracteriza-se pela falta de coerência, especialmente devido a descontinuidade seqüencial das conversações, da sobreposição de falas e do declínio dos tópicos.

Aplicando-se essas observações à conversação mediada por vídeos, verificamos que existe também uma descontinuidade seqüencial das conversações, especialmente porque um vídeo resposta pode ser acessado independentemente do vídeo ao qual ele responde. Nesse caso, a conversação não fica evidente para o espectador. Ainda assim, o vídeo resposta pode ser um portador de conteúdo em si mesmo, sem necessitar da coerência conversacional, pois cada vídeo publicado no *YouTube* pode ser considerado como um produto audiovisual independente. Ou seja, ele tem uma função enquanto produto que transcende o diálogo entre sujeitos, e qualquer uma dessas duas funções pode ser uma fonte de interesse para o espectador. A consciência dessa dupla função fica evidente em alguns vídeo respostas onde seus autores não apenas respondem ao vídeo provocador, mas demonstram um cuidado de elaboração formal dos elementos audiovisuais. Esse é um dos aspectos importantes de diferenciação entre a conversação mediada por vídeos e a conversação somente textual. Esse aspecto deriva da combinação de modelos de comunicação que caracterizam a internet pós-*WWW*: ela favorece ao mesmo tempo a comunicação massiva (no modelo um - todos ou todos - todos) e privada (modelo um - um).

No caso da CMC textual, a persistência da conversação (armazenada nos *log files*) torna a interação cognitivamente gerenciável (Herring, 1999), permitindo que os indivíduos recorram às falas anteriores e tomem o tempo que for necessário para absorver seu conteúdo. Essa disponibilidade persistente dos registros, apesar de diferente, é especialmente significativa nos casos de *vlogging*. Os vídeo respostas publicados no *YouTube* não somente permanecem disponíveis, como podem ser acessados por qualquer usuário (e não apenas pelos envolvidos na conversa) que pode chegar até eles por diversos caminhos aleatórios ou intencionais. Dessa forma, em qualquer tempo um novo interlocutor pode decidir participar da interação e elaborar um vídeo resposta a qualquer etapa de outra interação, multiplicando as oportunidades e as conseqüências do relacionamento entre os interlocutores originais.

O estudo da conversação mediada por vídeos proposto neste trabalho considerará o aspecto relacional, conforme descrito por Primo (2007). O autor sugere que o estudo da comunicação mediada recorra aos estudos em comunicação interpessoal, e propõe uma abordagem relacional da interação entre os seres

humanos envolvidos no fenômeno, chamados por ele de interagentes. Considerando que interação é “ação entre” e comunicação é “ação compartilhada”, Primo (2007, p. 56) apresenta alguns conceitos importantes para o estudo do que se passa entre os participantes da interação. Com relação à tipologia das interações proposta por esse autor, é pertinente fazer algumas observações relacionadas às interações mediadas por vídeos entre dois *youtubers*.

Primo propõe dois tipos de interação observáveis no relacionamento entre interagentes: a mútua e a reativa. Interação reativa é caracterizada por relações determinadas de estímulo e resposta que as limitam. Essas interações ocorrem, por exemplo, quando um indivíduo resolve clicar no *play* e assistir um vídeo de *vlog*, ou também quando, após assisti-lo, ele clica em uma opção sob o vídeo para registrar uma avaliação positiva (gostei) ou negativa (não gostei). Também ocorre interação reativa quando, após ler um comentário que outro sujeito publicou sobre um vídeo, o indivíduo seleciona um ícone de uma mãozinha com o polegar apontando para cima ou para baixo, para registrar sua opinião indicando se considera aquele comentário pertinente ou inapropriado. Em todas as ações descritas acima, o interagente contribui para a reputação do vídeo ou do *youtuber* que fez uma publicação, mas não estabelece com ele uma relação interpessoal.

Mesmo quando o interagente se inscreve no canal de um *vlogger*, ou quando envia um convite para tornar-se seu amigo no *YouTube*, a interação pode permanecer no nível reativo. Quando uma dessas ações ocorre, o dono do canal recebe uma notificação do *site* por *e-mail*, avisando do ocorrido e sugerindo que ele retribua inscrevendo-se também no canal do outro ou que vá para sua página para aceitar ou rejeitar a amizade. Qualquer que seja o curso de ação tomado, ele continua como uma reação, limitada pelas decisões de aceitar ou não aceitar. Conforme Primo (2007, p. 57), nesses casos, “se a mesma ação fosse tomada uma segunda vez (mesmo que por outro interagente), o efeito seria o mesmo”, ou seja, essas interações não incorreriam em uma transformação dessa relação.

Em contraste com a interação reativa, quando um *youtuber* escreve um comentário ou envia uma mensagem para outro, esse é o princípio de uma interação mútua. No momento em que existe uma resposta, é estabelecida uma relação entre eles que tem características únicas e que será “recriado a cada intercâmbio”,

gerando transformações mútuas negociadas a cada etapa da interação. Primo salienta que, nas interações mútuas (p.57), “cada comportamento na interação é construído em virtude das ações anteriores”, e o desenrolar do relacionamento é imprevisível. A continuidade das ações retorna sobre a relação e causa transformações tanto no relacionamento quanto nos interagentes que são impactados por elas.

É interessante salientar que a ferramenta de vídeo resposta em si não é um instrumento de geração de interações mútuas. Esse potencial é desenvolvido pelos interagentes conforme as apropriações que eles fazem delas. Como lembra Herring (1999), “as redes de computadores serviam originalmente para a transmissão de dados, e não como um meio para a interação social”. Publicar uma resposta em vídeo pode ser, simplesmente, como é o exemplo de grande parte das vídeo respostas encontradas no *YouTube*, publicar outra versão do vídeo original, ou publicar outro vídeo cujo conteúdo seja associado. Nesses casos, há interação com os aparatos, com os *links* e com os conteúdos, mas não entre os sujeitos. Pode-se perceber que essas publicações geram transformações nos elementos não-humanos envolvidos (reconfiguração da rede pela inserção de novos nós gerando possibilidade de novos *links*, modificação das páginas do *site*), mas entre os interagentes não ocorre o estabelecimento de uma relação.

Algumas interações mediadas por vídeos diferenciam-se também das interações por troca de mensagem de texto porque resultam normalmente em relações de pequena extensão. No caso estudado nesta pesquisa, pelo menos, nenhuma das conversações se desenrola entre dois *vloggers* por mais de dois vídeos; em alguns dos casos, existe uma continuidade da interação entre eles através dos comentários, mas não há nenhum exemplo de uma réplica em vídeo resposta. Obviamente, é necessário reconhecer que a mutualidade das interações fica prejudicada em face dessa constatação, pois a falta de continuidade implica em uma estatização do relacionamento. Há uma inter-relação estabelecida em dois ou três encontros, e pouco mais além disso. O indivíduo *B* assiste ao vídeo do indivíduo *A*, sente-se provocado por ele e publica uma vídeo resposta. O indivíduo *A* assiste esse vídeo resposta e comunica sua reação a ele por meio de mensagem escrita, ou não. Se ele não publica nenhum tipo de resposta, é impossível determinar qual foi o impacto que essa tentativa de relacionamento teve sobre ele. Aqui é possível

argumentar, inclusive, que o vídeo resposta configurou uma interação reativa com o vídeo original, pois não há uma coordenação recíproca entre os interagentes.

As interações mútuas sempre implicam em negociação, visto que se desenvolvem “através do choque dos comportamentos comunicativos dos interagentes” (Primo, 2007, p. 118), e a não continuidade de intercâmbios não transforma o relacionamento. Nas conversações integrantes do caso estudado, os interagentes não investem na resolução dos desequilíbrios promovidos pelas manifestações mútuas, e assim, não se percebe uma complexificação das interações. Esse fato chama a atenção, e inspira uma problematização adicional. Aparentemente, no caso estudado, os *vloggers* não investem na negociação da relação; os possíveis conflitos suscitados pelas manifestações em vídeo não os provocam o suficiente para que continuem a conversação. Primo (p. 122) afirma que

(...) os embates nos intercâmbios movimentam o relacionamento, participando de sua própria reinvenção. Enquanto a interação reativa se caracteriza por um equilíbrio estático, na interação mútua se observa um equilíbrio dinâmico, negociado entre os interagentes, no transcurso de contínuos desequilíbrios.

A partir dessas considerações, constata-se que, entre as interações mediadas por vídeos no *YouTube*, algumas são mútuas e outras são reativas. Existe realmente o estabelecimento de conversação em algum nível, especialmente quando se trata de *vlogging*, pois nessa prática há manifestação de pontos de vista e questionamentos lançados diretamente aos espectadores, que geram o conflito e provocam o desejo de resposta, gerando o início da negociação de um relacionamento. No entanto, devido à pouca incidência de continuidade nas conversações, uma parte dos vídeo respostas permanece como mera reação do indivíduo *B* à provocação do indivíduo *A*, sem maiores consequências para o relacionamento entre esses dois indivíduos. Entre as hipóteses que podem ser sugeridas para explicar a falta de aprofundamento nessas relações, está a caracterização primordial do *YouTube*. Embora possua recursos para o desenvolvimento de relacionamentos interpessoais entre seus usuários, a plataforma é originalmente dedicada ao armazenamento e distribuição de vídeos. Os produtos audiovisuais são o foco principal de suas páginas, e não os sujeitos. Assim, embora o apelo social esteja presente, e ganhando mais espaço por meio do *vlogging*, o relacionamento entre interagentes não é o propósito principal da plataforma.

Esse respeito dos usuários pelo propósito original da plataforma é um traço característico da vida na rede desenvolvida desde os primórdios da internet. Castells (1999) cita o exemplo dos primeiros usuários de Sistemas de Boletins Informativos (BBS). Se um usuário manifestasse intenções não-pertinentes (por exemplo, interesses comerciais) nesses boletins, os demais usuários moviam contra ele uma série de sanções. Sua ação, considerada ilegítima, era castigada com uma enxurrada de arquivos que lotavam o seu sistema, mensagens hostis, e finalmente, a expulsão do infrator da rede. Como, desde o princípio, “as características tecnológicas e os códigos sociais desenvolvidos a partir do uso gratuito original da rede deram forma à sua utilização” (Castells, 1999, p.378), observa-se até hoje a manutenção de uma ética com relação à finalidade das plataformas distribuídas em rede. O controle dessa ética é feito pelos próprios participantes das redes. Assim, embora ao longo do tempo as apropriações dos sujeitos levem a transformações no uso das ferramentas, o que é especialmente dinâmico com relação aos comportamentos sociais, pode-se entender por que os usuários do *YouTube* se relacionam entre si mas não fazem dessas relações o objetivo principal de suas atividades na plataforma.

Ainda assim, a prática de *vlogging* se destaca por ser uma confluência de novos hibridismos no universo da comunicação mediada. As interações provocadas pelos vídeos de *vloggers* têm características próprias e podem ser consideradas mestiças em várias instâncias. Elas combinam elementos da conversação mediada e não mediada, interpenetração das esferas pública e privada, ambivalência enquanto falas (enunciados de uma conversa) e produtos audiovisuais. Cada um desses hibridismos contribui para a diferenciação existente entre a conversação mediada por vídeos e a conversação somente textual.

Recuero (2009) salienta que as interações dos atores nas redes sociais da Internet são totalmente construídas pela mediação do computador. No caso da conversação por vídeos publicados no *YouTube*, existem mais mediações antes de efetuar-se a comunicação entre dois indivíduos. Existe a mediação da câmera e do microfone na captura do vídeo, além do computador e dos aparatos de reprodução sonora na exibição. Além disso, de forma semelhante ao que ocorre com o cinema, o vídeo pode ser trabalhado em um *software* de edição e montagem, que possibilita

manipular e definir a forma desejada para os elementos matriciais de linguagem do produto audiovisual (conforme Santaella, 2001).

A soma de todas essas mediações possibilita que mais fontes de ruído interfiram na mensagem, distanciando a coerência da conversação. Somadas a isso, a assincronicidade e a conseqüente ausência de *feedback* simultâneo gera lapsos entre as mensagens, fazendo com que a interação entre sujeitos ocorra de forma fragmentada. Por todas essas razões, os sistemas de mensagens pela internet caracterizam-se por uma relativa incoerência comunicativa (Herring, 1999). Apesar disso, eles continuam a encontrar enorme popularidade. A habilidade dos usuários em adaptar-se aos meios e as vantagens da coerência “frouxa” para o aumento do jogo com a linguagem e com a interatividade são duas possíveis explicações para essa popularidade, segundo Herring (1999).

### III. O OBJETO DA PESQUISA: *YOUTUBE* E A CULTURA PARTICIPATIVA

No universo da internet, existem diversos *sites* de compartilhamento de vídeos. Em junho 2005, a combinação de compartilhamento de vídeos *online* e cultura participativa deu origem ao *YouTube*. Em outubro de 2006, o *site* foi comprado pelo Google, e a partir daí aconteceu a explosão de popularização.

Lançado como uma plataforma em grande escala para conteúdos midiáticos criada pelo usuário, o *YouTube* se destaca por sua rápida ascensão, variedade de conteúdo e relevância pública no ocidente (Burgess & Green, 2009). Sua principal característica, e razão do seu sucesso, é ter sido criado com uma abertura para o uso coletivo, ou seja, a sua finalidade não foi determinada por seus fundadores (Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim), mas é co-criada pela empresa proprietária (*YouTube Inc.*, atualmente pertencente ao Google), os usuários que publicam conteúdo e a audiência que acessa esse conteúdo. Dessa forma, e por ter ajudado a “remover as barreiras técnicas para o amplo compartilhamento de vídeo *online*” (Burgess & Green, 2009, p. 1), o *YouTube* é uma plataforma de cultura participativa, onde cada participante escolhe os objetivos e a forma de abordar as suas atividades, lançando mão das ferramentas e dos meios tecnológicos disponíveis combinados com a sua criatividade.

Essas considerações são importantes para compreender as novas apropriações dos meios de produção e distribuição midiáticos que têm encontrado uma crescente adesão de pessoas do mundo todo. Encontram-se atualmente diversos *websites* e plataformas digitais de conteúdo produzidos pelos consumidores, dentre ao quais o *YouTube* é provavelmente o maior exemplo.

Outros tipos de propostas, como a rede de televisão *Current*, também tiveram um papel importante na instauração de uma cultura participativa, tirando vantagem da possibilidade da convergência midiática.

Jenkins (2006), analisando alguns dos aspectos políticos da cultura participativa, traz o exemplo da *Current*. Em agosto de 2005, o vice-presidente democrata dos Estados Unidos Albert Gore favoreceu o lançamento de uma rede de notícias veiculada pela TV a cabo que encorajava a participação de todas as pessoas como jornalistas cidadãos, contando com as possibilidades da digitalização e da convergência de meios. Ao invés de simples consumidores de mídia, os espectadores poderiam participar da produção, seleção e distribuição da programação. A proposta da *Current* tinha o seguinte funcionamento: produtores amadores de mídia enviariam vídeos para um *website*; os visitantes do *site* avaliariam esses conteúdos e, com base nessas avaliações, alguns desses vídeos iriam para a TV. Dessa forma, as notícias seriam selecionadas com a moderação de seus leitores, que dividiriam com a instituição a responsabilidade do *gatekeeping*.

Essa iniciativa visava engajar principalmente a geração de 18 a 34 anos, dando uma voz para essas pessoas contarem o que acontecia em suas vidas e falarem sobre suas paixões. A justificativa de Al Gore para o projeto foi de que possibilitar a veiculação de conteúdos produzidos pela audiência teria o potencial de modificar o discurso cívico, tendo um impacto sobre os fenômenos de agendamento provocados pela mídia.

O surgimento desse e de outros projetos de engajamento do cidadão na produção midiática motivou diversos debates sobre o futuro da TV, sobre o significado da democratização da mídia e sobre as relações entre as indústrias de produção de mídia e os consumidores. O levantamento dessas questões revelou que estava em curso um fenômeno de modificação dos paradigmas de consumo de mídia, que se tornou possível a partir da exploração do potencial interativo das tecnologias digitais. A mídia personalizada tornou-se um ideal nos anos 90 quando se pensava, segundo o relato de Jenkins (2006, p. 255), que “a mídia digital iria nos ‘libertar’ da ‘tirania’ dos meios de comunicação de massa, possibilitando que nós consumíssemos apenas conteúdos considerados pessoalmente significativos”.

Para Jenkins (2006, p. 274), “O *YouTube* estimula novas atividades expressivas – seja através de eventos formais como os debates *CNN/YouTube*, ou baseadas no dia-a-dia”. Além de ser um arquivo que reúne imagens feitas desde o princípio da história da gravação de imagens em movimento, ele permite um fluxo de distribuição e recontextualização por meio do agenciamento dos usuários. O *YouTube* pode ser visto como um fenômeno híbrido do ponto de vista da produção, fornecendo um canal de distribuição tanto para conteúdos produzidos por amadores quanto por profissionais. Pode-se considerar, assim, que o *YouTube* é alimentado por duas vertentes. Uma parte de seu acervo é criada pelo cidadão não profissional em produção audiovisual, mas outra parte significativa provém de produtores de mídia tradicional.

A voz do usuário consumidor se faz ouvir por meio da produção, seleção, edição, redistribuição e crítica de tudo o que se disponibiliza no *YouTube*. Mesmo com relação aos conteúdos produzidos por companhias tradicionais de mídia, há uma modificação de cunho político quanto ao modo como são incluídos e ressignificados no *site*. Segundo Burgess & Green (2009), a maior parte dos vídeos originários dessas companhias que se encontra no *YouTube* é carregada no *site* pelos usuários “comuns”, ou seja, pelos até então consumidores desses produtos. Diversas modificações inspiradas por procedimentos artísticos da pós-modernidade são praticadas quando da publicação desses vídeos no *site*, como o recorte, a citação, a mixagem e a multiautoração de conteúdos. E quando passam a fazer parte do mesmo fluxo de informações, tanto os conteúdos criados pelos usuários como os criados pelas instituições adquirem uma igualdade hierárquica. Já não é a qualidade ou o reconhecimento do profissional responsável que determina o sucesso do interesse em um vídeo, mas sim a carga de significado pessoal que o espectador atribui a ele.

Dessa forma, pelo poder de articulação entre a produção midiática hegemônica e a alternativa, plataformas participativas como o *YouTube* recentemente alcançaram o status de mídia *mainstream*, como sugerem Burgess & Green, e provocam incertezas sobre as questões de autoridade e controle sobre a mídia. Para esses autores, o fundamental para compreender o impacto cultural e social desse tipo de plataforma participativa é perceber a sua perspectiva de

centralização na audiência, e compreender como a mídia tem sido utilizada no cotidiano das pessoas. Os autores afirmam que (p.37)

É mais útil entender o *YouTube* (a companhia e a estrutura de *website* que ela proporciona) como ocupando uma função institucional – operando como um mecanismo de coordenação entre a criatividade coletiva e individual e a produção de sentido; e como um mediador entre vários discursos e ideologias orientados para as instituições, e vários outros orientados para os consumidores.

Um exemplo interessante de integração entre conteúdos provenientes das grandes instituições midiáticas de distribuição de informação e conteúdos produzidos pelos cidadãos foi um evento realizado no dia 1 de fevereiro de 2010. O canal *Citizentube* promoveu uma entrevista com o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama. Essa entrevista foi transmitida ao vivo, mediada por um repórter, mas as questões não foram elaboradas por nenhuma instituição midiática. Durante as semanas que precederam o evento, qualquer usuário da rede podia enviar perguntas escritas ou em vídeo para o canal. A seleção das perguntas que foram feitas na entrevista contou também com a participação do público, que podia votar naquelas que considerava mais relevantes.

O *Citizentube* foi lançado em abril de 2007 pelo próprio *YouTube*. O *YouTube Blog* (<<http://youtube-global.blogspot.com/2007/04/introducing-citizentube.html>>) traz a seguinte descrição<sup>4</sup>:

Qual questão é mais importante para você? O que você pensa sobre a política do seu bairro, da sua cidade, seu estado, sua província, seu país... seu mundo? E o que você vai fazer sobre isso?

Esta semana nós estamos lançando o *Citizentube*, um canal projetado para explorar essas questões e inspirar outras. Assim como o vídeo blog político do *YouTube*, a missão do *Citizentube* é adicionar combustível à revolução que é a política do *YouTube*.

O que é a política do *YouTube*? A resposta para essa questão é tão variada quanto os usuários que se lançam sobre a plataforma. Mas é uma coisa com certeza: um lugar onde todo mundo, de

---

<sup>4</sup> *What issue matters most to you? What do you think about the politics of your neighborhood, your district, your state, your province, your country... your world? And what are you going to do about it? This week we're launching Citizentube, a channel designed to explore these questions and inspire more. As YouTube's political video blog, Citizentube's mission is to add fuel to the revolution that is YouTube politics. What is YouTube politics? The answer to that question is as varied as the users who jump onto the platform. But it's one thing for certain: a place where everyone, from users to candidates, has the same chance to be seen and heard. Let the best ideas win.*

usuários a candidatos, tem a mesma chance de ser visto e ouvido. Deixe as melhores idéias vencerem.

A proposta do *CitizenTube* é promover uma plataforma tecnológica para debates políticos que permite aos cidadãos submeter e votar nas questões mais relevantes que devem ser respondidas por representantes da política e candidatos. Após a transmissão ao vivo da entrevista, como a que ocorreu com o presidente Obama, o vídeo permanece disponível no *site*<sup>5</sup>. Essa iniciativa exemplifica a possibilidade de uma produção de conteúdo híbrida entre produtores institucionalizados e não-institucionalizados

Sem dúvida, um dos aspectos que contribuem para o diferencial de uma plataforma como o *YouTube* é a inclusão de ferramentas de rede social. Os usuários que efetuam uma inscrição, criando um canal, podem ser não só produtores/selecionadores/distribuidores, mas ainda efetuar uma conversação entre si e criarem laços sociais fortes ou débeis. As ferramentas de relacionamento permitem interagir não apenas com os conteúdos publicados, mas também com os produtores desse conteúdo. Assim, o estabelecimento de conversação entre os indivíduos humanos que se agregam em torno dos produtos audiovisuais é um fator que legitima a coletividade do processo. No relacionamento entre os usuários acontece a convergência cultural e tecnológica, onde pedaços do imaginário construído pelos produtos e pelas experiências individuais se transformam em unidades de sentido. Esse fenômeno é explicado por Jenkins (2006, p. 3), para quem

A convergência não acontece por meio dos aparatos midiáticos, por mais sofisticados que eles tenham se tornado. A convergência ocorre dentro dos cérebros dos consumidores individuais e através das suas interações sociais com os outros. Cada um de nós constrói sua mitologia pessoal a partir de unidades e fragmentos de informação extraídos do fluxo de mídia e transformados em recursos por meio dos quais nós compreendemos nossa vida cotidiana.

As interações entre utilizadores do *site* podem ocorrer por meio de comentários em texto, mensagens enviadas para uma caixa de correspondência pessoal, inscrições nos canais ou inclusões como “amigo”. A comunidade *YouTube*

---

<sup>5</sup> A entrevista com o presidente Obama está disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=0pqzNJYzh7I>>

se diferencia das outras redes sociais da internet, porém, por se constituir a partir do conteúdo dos vídeos. Isso fica claro desde o próprio desenho da interface das páginas, cujo aspecto central é sempre um vídeo, e não o perfil pessoal do usuário.

A análise do significado cultural do *YouTube* evidencia a riqueza de seu estudo para a compreensão das relações entre sociedade, cultura e tecnologia. Na concepção de Burgess & Green (2009), o *YouTube* é um “sistema cultural mediado”. Ele comporta a expressão de diversos nichos, grupos, tribos ou tendências do presente (e do passado também, devido à sua função de arquivo). A observação do ciclo de vida dos vídeos de seu acervo possibilita reconhecer padrões de conteúdo e mapear padrões de comportamento dos indivíduos pela observação dos traços deixados, como os comentários e anotações nos vídeos, bem como por meio da análise de informações como número de exibições, locais de acesso e diversos indicadores de índice de popularidade (mais marcados como favoritos, mais vistos, mais discutidos, mais respondidos).

É necessário registrar o papel das políticas culturais de inclusão digital nessa questão. Apesar do potencial de exercício de uma “cidadania cultural cosmopolita” (Burgess & Green) de plataformas como o *YouTube*, existem limitações à participação para alguns segmentos da sociedade. Conforme os autores, essa forma de cidadania é possível no *YouTube* porque ele é (p. 81) “um espaço no qual os indivíduos podem representar suas identidades e perspectivas, ocupar-se com as auto-representações dos outros, e encontrar a diferença cultural.” No entanto, na internet, não têm acesso à participação aqueles que não dispõem dos recursos materiais, das competências tecnológicas ou do capital cultural requerido. No caso do *YouTube*, onde o pressuposto de inscrever-se (e então poder se comunicar com os demais inscritos) é criar um canal para a publicação de conteúdo, a questão das competências tecnológicas é bastante evidenciado. A plataforma possibilita diversos níveis de envolvimento e de relacionamento, porém, “os cidadãos culturais que têm a maior probabilidade de se encontrar são aqueles que se envolvem mais profundamente com essas várias camadas” (Burgess & Green, 2009, p. 81).

Nesse aspecto, a visão dos autores concorda com a de Morley (2007, p.240), para quem essas dificuldades de acesso globalizado à tecnologia não irão “naturalmente desaparecer à medida que o processo de globalização progride”.

Burgess & Green destacam a importância da alfabetização digital e das comunidades *online* inclusivas como políticas culturais que ajudariam a dar uma voz a mais cidadãos. Em uma crítica a um dos discursos dominantes, que considera o engajamento passivo na internet (a atividade daqueles usuários que apenas assistem, mas não produzem conteúdo) como negativo, eles sugerem a valorização de todo tipo de participação *online* (p. 82): “É importante considerar as práticas de consumo e audiência como modos significativos de participação, ao invés de uma falta de participação – como no hábito difundido de referir-se aos espectadores online como (meros) ‘*lurkers*’”.

Apesar da relativa facilidade e abertura à participação na produção de conteúdo para a rede, alguns estudos apontam que é pequeno o percentual de utilizadores que efetivamente se tornam produtores no *YouTube*, em relação ao número total de pessoas que acessam os vídeos disponibilizados. Essa discrepância é apontada em um estudo realizado por Paolillo (2008, p. 8). O autor afirma que

(...) a despeito de quaisquer expectativas ao contrário, o meio permissivo do *YouTube* para a publicação e distribuição de vídeos não modifica fundamentalmente a forma como o vídeo é produzido e consumido. A produção de vídeo, mesmo do tipo mais rudimentar (por ex., gravados dos meios de comunicação de massa e publicados), é uma atividade em que uma pequena minoria de usuários está engajada. Assim, é importante investigar em futuras pesquisas a relação entre produtores e consumidores de vídeo no *YouTube*, e o que leva um usuário a se tornar um produtor de vídeo.

Embora apenas uma parcela dos utilizadores do *site* realmente contribua com uma produção midiática própria, todos têm a consciência de que tem o poder de participar como produtores. Jenkins (*in*: Burgess & Green, 2009) aponta essa como uma das modificações mais importantes no comportamento dos usuários diante das mídias, propiciada pela cultura participativa. A atitude do público diante do produto midiático é marcada por uma subjetividade diferente do “consumo passivo” daquele que só se reconhece como receptor. Na avaliação do autor (p.116),

Mesmo se muitos deles ainda não optaram por participar, eles compreendem o seu lugar na ecologia midiática de forma diferente porque eles sabem como e fácil contribuir com conteúdo. Em resumo, o *YouTube* enquanto plataforma, a cultura participativa enquanto ethos, inspira um novo tipo de subjetividade que transforma todos os consumidores em autores potenciais.

Jenkins destaca que as práticas culturais atualmente associadas ao *YouTube*, especialmente a produção de mídia do tipo “faça você mesmo”, já existiam anteriormente ao lançamento do *site*. Embora surja como um epicentro da cultura participativa, ele não é o ponto de origem para várias práticas como o cinema de garagem e os noticiários independentes, a reunião de clãs, a circulação do fluxo de mídia, a distribuição gratuita de conteúdo e os vídeos de ativismo, por exemplo.

### **a. Youtuber e vlogger**

Uma das questões que se apresenta durante o estudo dos fenômenos relacionados à internet e à comunicação mediada por computador é a denominação dos indivíduos envolvidos nessas atividades. Existem alguns termos em uso, como internauta, usuário, interagente. O uso desses termos ressalta a relação ser humano/tecnologia/rede virtual; no entanto, ao mesmo tempo em que esclarecem essa relação, cada um deles também pré-estabelece um limite. O internauta, “aquele que navega na internet”, além de soar datado, parece deixar muito solto esse navegante; é um termo que não favorece a idéia de ação e produção da pessoa dentro desse ambiente. O usuário, “aquele que usa”, também parece confinar a pessoa a uma posição passiva diante da tecnologia que é proposta por outros (os engenheiros ou *experts*) e disponibilizada para uso por aqueles que não têm o poder ou o conhecimento para produzir o que será usado. Ao longo deste estudo, sempre que o termo usuário foi utilizado, foi em consideração a esse sentido que prioriza a posição do sujeito que utiliza um *site*, no caso, o *YouTube*.

Assim como outros termos mencionados anteriormente e descartados, a locução “ator social”, cunhada por Goffman (2006), não foi considerada muito favorável a este estudo. Essa denominação é bastante utilizada em estudos na área de sociologia, tratando sobre as relações entre indivíduos face aos grupos sociais de qualquer tipo. Por extensão, é também empregado com frequência, nos estudos que tratam das redes sociais na internet. Na presente pesquisa, porém, as relações sociais são uma parte do estudo, mas não seu foco principal, de forma que o emprego da expressão com suas conotações já consagradas estaria deslocado em grande parte do tempo.

Já o interagente, “aquele que interage”, proposto por Primo (2007), destaca a posição ativa da pessoa na sua relação com a máquina e com as outras pessoas. Embora bastante apropriado, ele ainda soa bastante técnico por destacar apenas a dimensão do ente enquanto agente dentro de um processo de comunicação. Por não parecer totalmente satisfatório para denominar os integrantes da amostra deste estudo, foram buscados outros termos que oferecessem ora maior neutralidade, ora maior adequação ao contexto específico do assunto estudado.

Para momentos em que seja interessante referir esses integrantes de forma neutra, foram considerados os termos gerais sujeito ou indivíduo. Essas denominações não se comprometem com a admissão de fronteiras entre ambiente físico e virtual, nem com a mediação dos suportes. Essa neutralidade com relação ao fenômeno é uma posição interessante para se assumir em determinados momentos, dado o processo de transparência que gradativamente vem tomando conta dos agentes mediadores (os aparatos de convergência e as próprias plataformas).

Foi necessário, dado o exposto até aqui, encontrar formas de denominar de forma mais contextualizada os participantes deste estudo. Visto que o trabalho é exclusivamente focado em um caso localizado em uma determinada plataforma, optou-se pela adoção dos termos *youtuber* e *vlogger*. O termo *youtuber* foi preferido para referir as pessoas enquanto usuários do *site*. O termo *vlogger* as denomina enquanto agentes da atividade de *vlogging*. Algumas razões justificam a escolha dos termos em inglês.

A língua inglesa, além de ser a *lingua franca* atual do mundo dos negócios e da diplomacia, se sujeita a certas alterações gramaticais de forma mais flexível e mais simples do que a língua portuguesa. O sufixo “er” é usado, em inglês para denominar o agente que executa o verbo ao qual é acrescentado. No caso, a primeira alteração gramatical considerada aqui é que de substantivo, *YouTube* passa a ser um verbo, ou seja, “*to youtube*”, significando utilizar a plataforma para acessar, criar ou modificar conteúdo. A partir disso, o *youtuber* é a pessoa que realiza essa atividade. O termo é um neologismo que tem sido usado por falantes da língua inglesa, e diferentes nuances são atribuídas a ele, conforme algumas definições mencionadas pelos indivíduos que publicam conteúdo na plataforma

*Urban Dictionary*<sup>6</sup>. Entre as principais definições atribuídas ao termo, *youtuber* pode ser aquele que é um membro da comunidade *YouTube* e o utiliza para publicar conteúdo, ou aquele que gasta um tempo excessivo assistindo vídeos no *YouTube* (beirando a obsessão). *Youtuber* também pode ser o adjetivo atribuído a uma gravação de vídeo que tem tanta qualidade de entretenimento que merece ser publicada no *site*.

Conforme o entendimento escolhido para o termo neste estudo, o *youtuber* é um usuário e interagente que cria um canal no *YouTube* e utiliza suas ferramentas de publicação de vídeos e de rede social, produzindo conteúdo e estabelecendo conversações com os demais *youtubers*, e o *vlogger* é aquele tipo de *youtuber* que publica vídeos do tipo *vlog*. Ou seja, esses termos desconsideram os internautas que apenas utilizam o *YouTube* para assistir vídeos sem efetuar uma inscrição, pois essas pessoas são usuários mas não estabelecem uma conversação dentro da plataforma.

### **e. Vlogging**

Os *vlogs* no *YouTube* são um capítulo significativo no processo de diferenciação entre produção e distribuição de vídeos e da conversação mediada por computador. Nos *vlogs* vêm-se cidadãos comuns, não-maquitados ou caracterizados como personagens, cujos “figurinos” são geralmente as roupas casuais de uso cotidiano pertencentes ao sujeito que fala, em lugares normais de moradia ou trabalho, sem recursos de iluminação ou trucagens para forjar um ambiente inexistente. Os equipamentos para produção dos vídeos são, na maioria das vezes, os que estão ao alcance da maioria dos cidadãos, como *webcams* ou câmeras e microfones não-profissionais. A fala do sujeito também é cotidiana, com suas peculiaridades de linguagem verbal e gestual. Finalmente, as escolhas de assuntos e da configuração final dos vídeos estão subordinadas a um agendamento espontâneo e individual do sujeito realizador. Por tudo isso, um *vlog* diferencia-se

---

<sup>6</sup> O *Urban Dictionary* ([www.urbandictionary.com](http://www.urbandictionary.com)) é um dicionário de gírias, expressões e neologismos da língua inglesa cujo conteúdo é produzido coletivamente pelos usuários e revisado por editores voluntários. Ainda que não se possa atribuir uma confiabilidade acadêmica ao seu conteúdo, é possível reconhecer seu valor como testemunha de uma inteligência coletiva que estabelece significados a conceitos emergentes legitimados pelo uso.

muito de um programa televisivo produzido por uma equipe técnica, apresentada por um ator ou um profissional treinado para a fala pública, todos subordinados a ideologias e diretrizes de uma instituição detentora de um canal de transmissão midiática.

Nos *vlogs*, os problemas de qualidade (de imagem e som), a possível dificuldade de entender sotaque ou gírias utilizadas, a falta de objetividade na exposição do assunto, não chegam a sabotar significativamente o interesse da audiência nesse tipo de vídeo. Essa é uma mudança de paradigma causada pelo aumento da interatividade sobre os padrões de qualidade da produção midiática. A audiência, embora familiarizada com excelentes padrões audiovisuais, não se recusa a aceitar os vídeos amadores. O poder de capturar, manipular e compartilhar imagens adquiriu um valor que muitas vezes supera o poder de melhor mostrar.

#### **f. Vídeo resposta**

Na plataforma *YouTube*, são diversas as ferramentas que possibilitam, além de publicar e assistir vídeos, as interações e a consequente construção de laços sociais entre os sujeitos. Essas ferramentas estão disponíveis para aqueles usuários que criam um canal, ou seja, que efetuam uma inscrição no *site* e que assumem uma identidade de participação. Uma vez logado, além de publicar vídeos e colocar informações pessoais no seu canal, o *youtuber* tem à disposição uma série de ferramentas de relacionamento como adição de amigos, comentários e caixa de mensagens pessoal. Essas ferramentas são semelhantes às disponibilizadas por outras plataformas de redes sociais na *internet*. No entanto, o *YouTube* oferece uma ferramenta diferenciada, que propicia, além da conversação textual, uma conversação audiovisual: o vídeo resposta.

A ferramenta de vídeo resposta é um mecanismo que pode ser usado como criador de *links* entre os vídeos, pois possibilita ao *youtuber* escolher, no momento da publicação de um vídeo, a opção “postar uma resposta ao vídeo”, e assim vincular um novo vídeo a outros já existentes. Uma das apropriações surgidas espontaneamente a partir da participação dos indivíduos nessa rede foi a utilização da vídeo resposta como ferramenta de conversação.

Ao invés de apenas escrever um comentário sobre um vídeo assistido, o *youtuber* publica outro vídeo em resposta. Os comentários são uma importante ferramenta de *feedback* da audiência sobre os vídeos publicados, mas alguns produtores de vídeo, especialmente aqueles que se dedicam ao *vlogging* (abreviatura de *video blogging*, publicação de vídeos em uma página, canal ou perfil pessoal) chegam a estimular diretamente seus espectadores a publicar seu *feedback* em forma de vídeo. Embora na maioria dos casos essa interação se interrompa após a publicação de um vídeo-resposta, há vezes em que a comunicação entre os *youtubers* persiste mais um pouco, podendo-se observar, então o desenvolvimento de uma conversação híbrida entre mensagens de texto e vídeos.

O *site* não fornece estatísticas sobre a média de vídeo respostas recebida pelos vídeos. O que se percebe, fazendo uma breve exploração empírica, é que a maioria dos vídeos do *YouTube* não recebe vídeo respostas. A ferramenta é usada com mais frequência para responder a *vlogs*, principalmente para responder às questões e opiniões publicadas pelos sujeitos, e para fazer vídeos assemelhados, como no caso de tópicos que geram modismos do tipo “*What’s in my school bag*<sup>7</sup>” e “*Fifty facts about myself*<sup>8</sup>”.

---

<sup>7</sup> Exemplo em: <http://www.youtube.com/watch?v=9cqStzggozU>

<sup>8</sup> Exemplo em: <http://www.youtube.com/watch?v=SmabkgoDQAU>

#### IV. O CASO *BLADE 376*

*Blade376* é o pseudônimo adotado por um rapaz inglês de 23 anos cujo verdadeiro nome é Myles Dyer. Este usuário do *YouTube* não exibe uma preocupação em manter oculta sua identidade, pois seu verdadeiro nome é revelado nos vários canais de comunicação que ele utiliza em diversas redes sociais da internet. Além do canal no *YouTube*, mantém um *website* oficial e contas no *Twitter*, *Stickam*, *Facebook* e *MySpace*. Nas respostas que recebe, seus espectadores se referem a ele utilizando o nome verdadeiro ou o nome do canal, indiferentemente. Durante este estudo, as referências também se alternam mencionando ora um, ora outro termo. De forma geral, foi preferido o nome Myles quando as referências tratam do indivíduo autor do *vlog*, e *Blade376* preferencialmente quando são feitas referências ao canal ou à *persona* ou imagem criada por ele para interagir publicamente na internet. *Blade376* é um entusiasta do *YouTube* e de *vlogging*. Na apresentação pessoal inclusa em seu canal ele diz:

Eu apenas faço vídeos porque eu realmente acredito que junto com a internet, nós podemos mudar o mundo para melhor! E à medida que eu tiver pessoas como vocês, nós teremos sucesso, um passo de cada vez! Inspirar os outros a inspirar...<sup>9</sup>

Essa declaração de missão é corroborada pelo grande número de inscritos no canal (mais de 37.000 em fevereiro de 2011), e pela frequência com que os vídeos de *Blade376* recebem vídeo respostas.

Myles Dyer iniciou a fazer vídeos em 2006, após assistir o vídeo *First Try*, de *Geriatric1927*<sup>10</sup>, pseudônimo adotado por um homem de 79 anos que se interessou

---

<sup>9</sup> *I just make videos because I truly believe together with the internet, we can change the world for the better! And as long as I have people like you, we will succeed, one step at a time! Inspire others to inspire...*

<sup>10</sup> disponível em <[http://www.youtube.com/watch?v=p\\_YMigZmUuk](http://www.youtube.com/watch?v=p_YMigZmUuk)>

por *vlogging* em 2006. O caso de *Geriatric1927* pode ser considerado um fenômeno diferenciado no *YouTube*, pelo grande número de acessos e estabelecimento de conversação tanto textual como por vídeo resposta provocados por seus vídeos, acrescido do fato que a idade deste *youtuber* é bastante incomum de ser encontrada entre adeptos de *vlogging* e de usuários da internet em geral. A particularidade do caso *Geriatric1927* foi estudada por Harley e Fitzpatrick (2008), que publicaram um artigo sobre a comunicação entre gerações no *YouTube*.

Como os demais espectadores que responderam e iniciaram seus *vlogs* após serem estimulados pelo primeiro vídeo de *Geriatric1927*, Myles também fez o seu e a partir de então se tornou um *youtuber*, revelando-se um grande entusiasta do formato de *vlog*. Em entrevista realizada no *BBC Vision Forum 2009*<sup>11</sup>, Myles se diz maravilhado com a forma como as pessoas conseguem se comunicar livremente por vídeo. Ele se interessa pelo aspecto de rede social do *YouTube*, e chama a atenção para a possibilidade de incorporar qualquer interesse ou talento em um vídeo.

Em 5 de fevereiro de 2011, o canal *Blade376* contabilizava mais de 200 vídeos enviados, 804.000 exibições do canal, 13.565 comentários do canal e 37.557 inscritos. A convergência completa o trabalho de *social networking* de Myles, pela manutenção de contas ativas no *Twitter*, *Facebook*, *Myspace*, *Stickam*, um *website* (<http://www.blade376.com>) e um *podcast show*.

Desde 2006, quando ele iniciou a fazer *vlogs*, até 2008, seus vídeos abordam assuntos variados, dentro de quatro temáticas principais: a) questões pessoais, reflexões sobre fatos de sua própria vida e registros de eventos como passeios com amigos; b) questões de tecnologia e comunicação envolvendo as relações estabelecidas nas redes sociais da internet, incluindo sugestões de ativismo; c) opiniões sobre filmes, séries de televisão, games, livros, música; d) vídeos humorísticos onde, além de conversar com os espectadores, existe alguma encenação individual ou com amigos. Alguns vídeos apresentam um formato simples, onde uma câmera fixa apenas registra o discurso oral do *vlogger*. Em outros, há diversidade de locações, sobreposição de imagens, inclusão de imagens de arquivo, trilha sonora e um trabalho mais elaborado de edição e montagem.

---

<sup>11</sup> trechos em <[http://www.youtube.com/watch?v=SvqskGFqLPM&feature=player\\_profilepage](http://www.youtube.com/watch?v=SvqskGFqLPM&feature=player_profilepage)>

Uma característica geral dos *vlogs* de *Blade376* é que, em seu discurso, ele sempre se dirige ao espectador. Mesmo quando fala sobre as questões pessoais ou quando se dirige especificamente a outro *youtuber*, ele sempre demonstra a consciência de estar fazendo um vídeo para um público amplo e desconhecido, mas que ele tem a intenção de fidelizar. Essa vontade fica clara nas solicitações de inscrição em seu canal, nos apelos ao *feedback*, seja em forma de comentários ou vídeo respostas e nas fórmulas de despedida que convidam o espectador a acompanhar os próximos vídeos.

A seguir, são apresentadas algumas considerações gerais sobre o corpo de dados coletados para a pesquisa. A análise e a discussão dos dados serão feitas no capítulo seguinte.

### a. Vídeo originário

“Por que você está assistindo isto?”

No dia 27 de maio de 2008, *Blade376* quis saber por que é que os espectadores estavam assistindo os vídeos que ele fazia. Por evidenciar essa pergunta direta, o vídeo “*Why do you watch my videos*<sup>12</sup>” demanda respostas de seus espectadores. Nas informações textuais sobre o vídeo, exibidas na página correspondente, *Blade376* escreve: “Fale-me por que (seja completamente honesto!) você assiste meus vídeos, sejam as razões positivas ou negativas ou ambas =]”<sup>13</sup>. Ao longo de sua fala, o *vlogger* manifesta essa solicitação da seguinte forma:

Então quando eu apresento essa questão, se você pudesse apenas escrever um parágrafo para descrever em detalhe por que você assiste aos meus vídeos, por que você me assiste? Ou mesmo fazer um vídeo resposta. Eu só estou realmente interessado em ouvir a visão das pessoas. (...) Mas se você pudesse publicar um comentário, você sabe, para que as outras pessoas também pudessem ver, isso seria muito legal<sup>14</sup>.

---

<sup>12</sup> disponível em <[http://www.youtube.com/watch?v=Z2\\_su916nZw](http://www.youtube.com/watch?v=Z2_su916nZw)>

<sup>13</sup> “*Let me know why (be completely honest!) you watch my videos, whether reasons are positive or negative or both =]*”.

<sup>14</sup> *So when I put this question out there, if you could only write a paragraph to describe in detail why you do watch my videos, why do you watch me? Or even do a video response. I’m just really*

Quase três anos depois, este *vlog* ainda está no ar e continua recebendo principalmente comentários escritos em resposta. Alguns espectadores, entretanto, preferiram atender à sugestão de Myles e responder à pergunta elaborando um vídeo resposta, originando o estabelecimento das conversações mediadas por vídeo estudadas nesta pesquisa.

O vídeo originário tem a duração de 3min30s e está estruturado em duas seções. As imagens mostram o enquadramento em *close-up* do rosto, típico de *vlogging*. O espaço é o interior de uma casa, provavelmente uma sala de estar. O sujeito se veste de maneira informal, e tem uma touca na cabeça. Sobre as imagens introdutórias é incluído um texto escrito: “*Why are you watching this?*”.

Nos meses iniciais desta pesquisa, em 2010, havia anúncios sobrepostos ao vídeo. No  $\frac{1}{4}$  inferior do vídeo aparecia um anúncio *Google*, elemento incluído nos vídeos daqueles canais que entram no programa de parceiros do *YouTube* devido ao grande número de acessos recebidos por seus vídeos e de inscrições recebidas. Esse tipo de anúncio possui alguns *links* que podem ser acessados pela audiência, incluindo setas para navegação entre a sequência de anúncios conectados a esse vídeo e um ícone para sua desativação. Em 28 de junho de 2010, foi capturado o seguinte *screenshot* do vídeo:

---

*interested to hear people's views. (...) But if you could post a comment, you know, so other people can also see that'd be great.*



**Figura 1: anúncio incorporado sobre o vídeo**

Atualmente (fevereiro de 2011) não se vêem mais esses anúncios sobrepostos ao acessar este vídeo no *YouTube*.

Quanto ao áudio do vídeo, os conteúdos são o discurso oral de Myles e uma trilha sonora instrumental de violão. Segundo as informações incluídas na página do vídeo, a música é *Laid Back Guitars* de Kevin MacLeod e seu uso é licenciado pelo *Creative Commons "Attribution 3.0"*.

Quanto ao conteúdo verbal, há discurso em texto e em fala. O texto escrito sobreposto é a questão geradora dos vídeo respostas deste caso: “*why are you watching this?*”, e aparece durante os 10 segundos iniciais do vídeo. Os caracteres estão escritos em branco, com destaque para a palavra “*this*” e o ponto de interrogação em azul. Os caracteres surgem por *fade in* e desaparecem por *fade out*, e com seu desaparecimento é concluída a seção introdutória do vídeo, seguida por um breve *black out* após o qual inicia a fala.

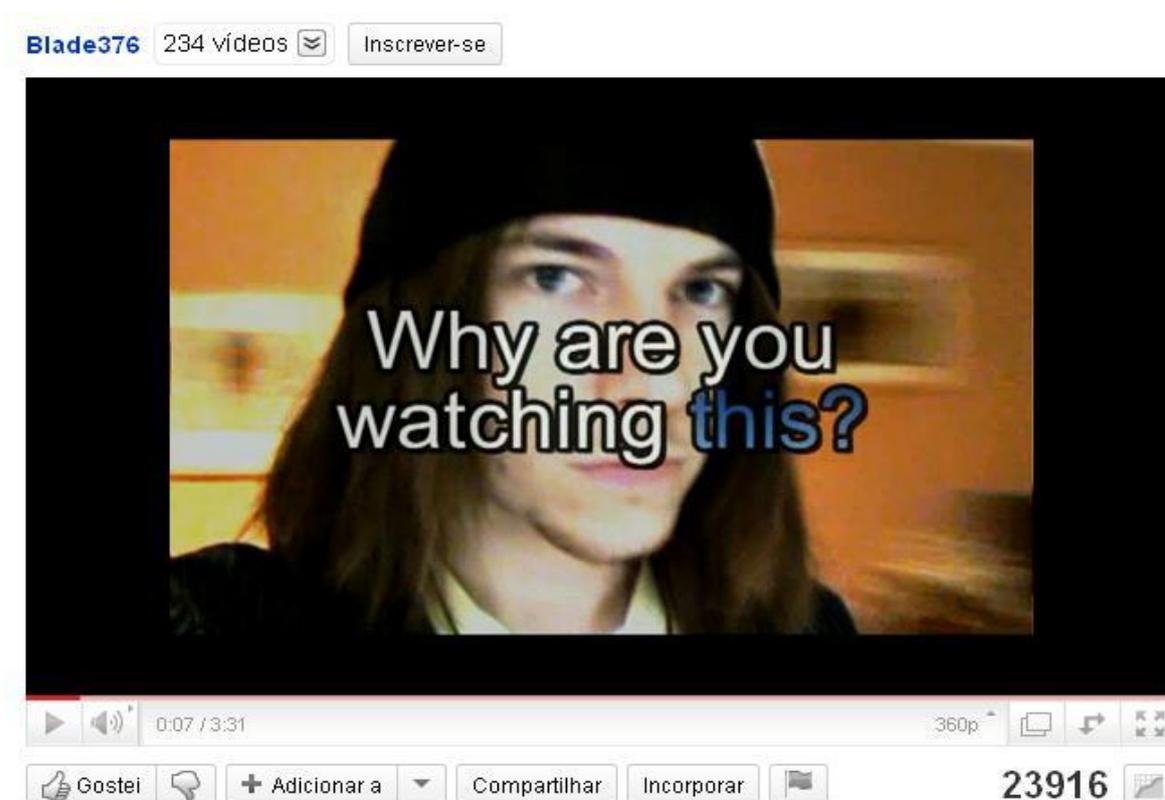


Figura 2: texto sobreposto

No discurso oral, o *vlogger* se dirige diretamente à audiência em segunda pessoa, em tom de conversação informal. No conteúdo do discurso, há inicialmente a menção do aniversário de 2 anos de *Blade376* no *YouTube*, justificando que essa data motivou a formulação da pergunta para os seus espectadores, especialmente os inscritos no canal. Ele dá um depoimento pessoal sobre o sucesso dos vídeos e o entusiasmo com a audiência obtida e faz a sugestão de a resposta seja dada por escrito ou em vídeo resposta, e que não seja enviada para ele de forma particular como em *e-mail*, mas publicada para que possa ser compartilhada por todos. São mencionados vários tópicos como sugestões de algumas possíveis razões por que

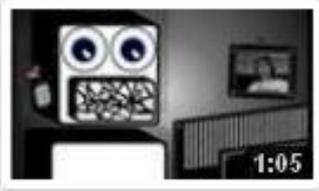
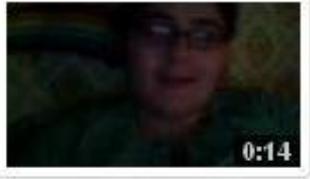
as pessoas assistem e aspectos positivos ou negativos que podem estar relacionados aos vídeos. Há também o estímulo para que aconteça uma conversação e um debate entre as pessoas que assistem e respondem, e que ao invés de se relacionarem apenas com ele, os espectadores também se relacionem entre si. A transcrição completa do discurso do vídeo originário encontra-se no Anexo I.

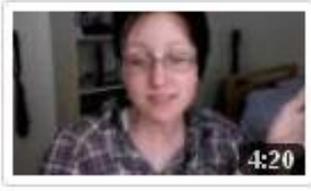
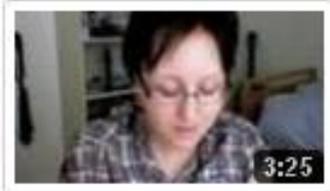
Quanto à forma, o vídeo se divide em duas partes bem contrastantes. Os primeiros 10 segundos são uma abertura, onde há um movimento de câmera, mantendo o enquadramento do rosto em primeiro plano frontal, em *close-up* e centralizado como figura fixa, enquanto realiza uma panorâmica total do ambiente, dando duas voltas completas. Nessa parte o áudio é apenas a música, e é sobre essas imagens que aparece o texto escrito. Na segunda parte a câmera é fixa e o sujeito apresenta toda a sua fala. Existem alguns cortes que evidenciam realização de edição das imagens, mas o áudio instrumental é contínuo. Essa continuidade e a manutenção do rosto em *close* conferem unidade ao vídeo; o cuidado com a unidade e a inclusão das imagens introdutórias revelam a existência de uma preocupação estética somada ao interesse em comunicar o conteúdo do discurso.

## **b. Vídeo respostas**

Em abril de 2010, o vídeo apresentava quase 22.000 exibições, mais de 1.000 comentários e 20 vídeo respostas. Dessas, duas são vídeos privados, cujo conteúdo não pode ser acessado, e por isso não foram analisados. Assim, 18 vídeo respostas foram consideradas válidas para análise. As vídeo respostas disponíveis e o vídeo originário foram baixados e armazenados em HD para facilitar as transcrições e a análise, fechando as fontes de dados em 19 vídeos. Os vídeos foram numerados segundo a ordem em que apareciam na página de vídeo respostas correspondente ao vídeo “*Why do you watch my videos?*”. Essa organização não segue a ordem cronológica em que as respostas foram publicadas. A fase de *downloads* dos vídeos foi encerrada em setembro de 2010, portanto, quaisquer modificações posteriores na página de vídeo respostas (retirada do ar/publicação de nova resposta) não foram levadas em consideração para a análise dos dados.

O vídeo originário recebeu o número Zero, porque ele se diferencia dos demais vídeos; assim, a numeração de 1 a 18 consta apenas de vídeo respostas. A seguir é apresentada a listagem completa de vídeos com sua numeração, nome de usuário de seus autores no *YouTube*, data de publicação e duração.

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vídeo Zero</li> </ul> <p>Autor: Blade376 Data: 27/05/2008 Duração: 3min31s</p>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vídeo 1</li> </ul> <p>Autor: SaraMUSTxxxReSpOnD Data: 26/09/2008 Duração: 4min56s</p>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vídeo 2</li> </ul> <p>Autor: TrevaProductions Data: 06/06/2008 Duração: 1min05s</p>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vídeo 3</li> </ul> <p>Autor: Picabo25 Data: 06/06/2008 Duração: 0min14s</p>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vídeo 4</li> </ul> <p>Autor: lizziethecreepy Data: 06/06/2008 Duração: 2min25s</p>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vídeo 5</li> </ul> <p>Autor: neuroticpsychotic Data: 03/06/2008 Duração: 0min32s</p>	

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vídeo 6 Autor: ProgrammerInProgress Data: 29/05/2008 Duração: 1min53s</li> </ul>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vídeo 7 Autor: CalCaptainCharisma Data: 29/05/2008 Duração: 7min24s</li> </ul>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vídeo 8 Autor: Elfenwesen Data: 28/05/2008 Duração: 3min34s</li> </ul>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vídeo 9 Autor: josefin85 [1]<sup>15</sup> Data: 28/05/2008 Duração: 4min21s</li> </ul>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vídeo 10 Autor: ChenCenter Data: 28/05/2008 Duração: 3min05s</li> </ul>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vídeo 11 Autor: josefin85 [2] Data: 28/05/2008 Duração: 3min25s</li> </ul>	

---

<sup>15</sup> Esta autora é responsável por dois vídeo respostas.

<ul style="list-style-type: none"><li>• Vídeo 12 Autor: Beedoodee13 Data: 27/05/2008 Duração: 2min</li></ul>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Vídeo 13 Autor: TinkerbelKat Data: 27/05/2008 Duração: 1min58s</li></ul>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Vídeo 14 Autor: chopo11 Data: 27/05/2008 Duração: 2min20s</li></ul>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Vídeo 15 Autor: TheNewDanSoup Data: 27/05/2008 Duração: 2min37s</li></ul>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Vídeo 16 Autor: beckfalls Data: 27/05/2008 Duração: 1min19s</li></ul>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Vídeo 17 Autor: MannequinHearts Data: 27/05/2008 Duração: 0min22s</li></ul>	

<ul style="list-style-type: none"><li>• Vídeo 18</li></ul> <p>Autor: ThatSnorlax</p> <p>Data: 08/09/2007<sup>16</sup></p> <p>Duração: 0mn57s</p>	
--	--

É interessante observar que, exceto o vídeo 18 (vide nota de rodapé), todos os vídeos têm a data de publicação próxima à do vídeo Zero, e que mais tardio é o vídeo 1, de setembro de 2008. No entanto, como o caso está disponível no *YouTube*, a qualquer momento pode surgir uma nova resposta, como realmente ocorreu: a usuária Jennybabz publicou uma vídeo resposta ao vídeo Zero em 8 de outubro de 2010. Além disso, atualmente não se encontram mais disponíveis os vídeos 8 e 17, porém, conforme apontado anteriormente, essas modificações posteriores não foram levadas em consideração.

---

<sup>16</sup> Observação: esta é realmente a data que consta no *YouTube* para esse vídeo. Como ela é anterior à publicação do vídeo Zero, deve ter acontecido algum procedimento incomum. Caso não se trate de erro na data, possivelmente o autor já havia publicado esse vídeo antes, e vinculou-o posteriormente como vídeo resposta depois que a pergunta de *Blade376* foi publicada.

## V. PROCESSOS DE ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Os dados foram categorizados a partir das ferramentas que foram descritas no cap. I, e a discussão dos resultados da análise foi dividida em 6 subtópicos. A análise da decupagem de elementos simultâneos nos eventos geradores de conversação nos vídeos encontra-se no subtópico *b* (discussão dos dados dos vídeos); a extração dos tópicos mencionados no discurso a partir da transcrição textual dos elementos verbais é analisada no subtópico *a* (discussão dos dados provenientes das transcrições); e a observação da estrutura geral que dá forma aos vídeos é analisada no subtópico *f* (tipologia estrutural dos vídeos). Além dessas, foram feitas outras análises não previstas no início do planejamento das estratégias metodológicas. As conversações estabelecidas com cada vídeo resposta foram mapeadas e analisadas nos subtópicos *d* (estruturas de conversação) e *e* (continuação das conversações em comentário textuais). O subtópico *c* também trata de um assunto cuja necessidade de análise surgiu durante o trabalho empírico com os dados, e refere-se à discussão sobre as implicações da competência discursiva oral dos *vloggers*.

Considerando que o caso estudado consta de vídeos criados com a finalidade de desenvolver uma conversação ao redor de um tema, é notório que os elementos verbais têm importância central para a análise. Sendo assim a discussão a seguir iniciará pela análise das transcrições textuais dos discursos. Os dados dessas transcrições foram cuidadosamente examinados e classificados por meio da separação em trechos significativos que poderiam conformar tópicos relacionados ao tema deste estudo. Esses tópicos geraram três listagens de categorias apresentadas a seguir, acompanhadas pelas análises que discutem sua importância para a pesquisa. As análises estão acompanhadas de tabelas que colocam os dados em perspectivas percentuais e de exemplos de falas dos *vloggers* extraídos das

transcrições. Essas falas foram traduzidos pela autora deste trabalho. As falas originais em inglês encontram-se nos rodapés das páginas, e correspondem à transcrição literal com um pequeno tratamento de edição somente para limpar o texto de alguns cacoetes da fala oral como gaguejadas, palavras incompletas, onomatopéias de hesitação e outros ruídos que atrapalham a fluidez do discurso escrito. Esses elementos, entretanto, foram observados e considerados na análise dos aspectos audiovisuais.

### **a. Discussão dos dados provenientes das transcrições**

As categorias utilizadas na análise dos dados das transcrições textuais foram organizadas segundo três diferentes tipos de listagens:

1. **Tópicos do vídeo 0**, constando de 4 categorias de sugestões feitas por *Blade376* sobre possíveis motivos pelos quais os espectadores assistem aos seus vídeos, e 4 tópicos de outra natureza mencionados por ele, organizadas por uma lista numérica.
2. **Outros motivos mencionados pelos vloggers para assistir os vídeos de *Blade376* e não previstos por ele**, gerando 11 categorias organizadas por uma lista alfabética. Durante a análise, foi observado que uma das categorias era mais abrangente e poderia absorver cinco das outras, restando no total 6 categorias desse tipo de tópicos.
3. **Outros tipos de tópicos mencionados pelos vloggers** que podem ser significativos para o tema desta investigação, constando de 8 categorias organizadas por uma lista de numerais romanos.

Nas páginas seguintes encontram-se as três listagens de tópicos e, entre parênteses, o levantamento de quantas menções a cada categoria foram encontradas nos vídeo respostas. Após cada listagem é feita uma análise dos dados apurados.

## 1ª listagem: tópicos do vídeo Zero

### **Subtipo A: sugestões feitas por *Blade376* sobre possíveis motivos para assisti-lo:**

1. Pela variedade: alguns vídeos são sérios, outros são divertidos (9)
2. Causa impressões positivas: a pessoa gosta, se diverte, é inspirado, foi ajudado em alguma situação ruim (26)
3. Causa impressões negativas: algo causa desconforto, a pessoa discorda das opiniões apresentadas (4)
4. Impressões neutras (1)

### **Subtipo B: Tópicos de outra natureza**

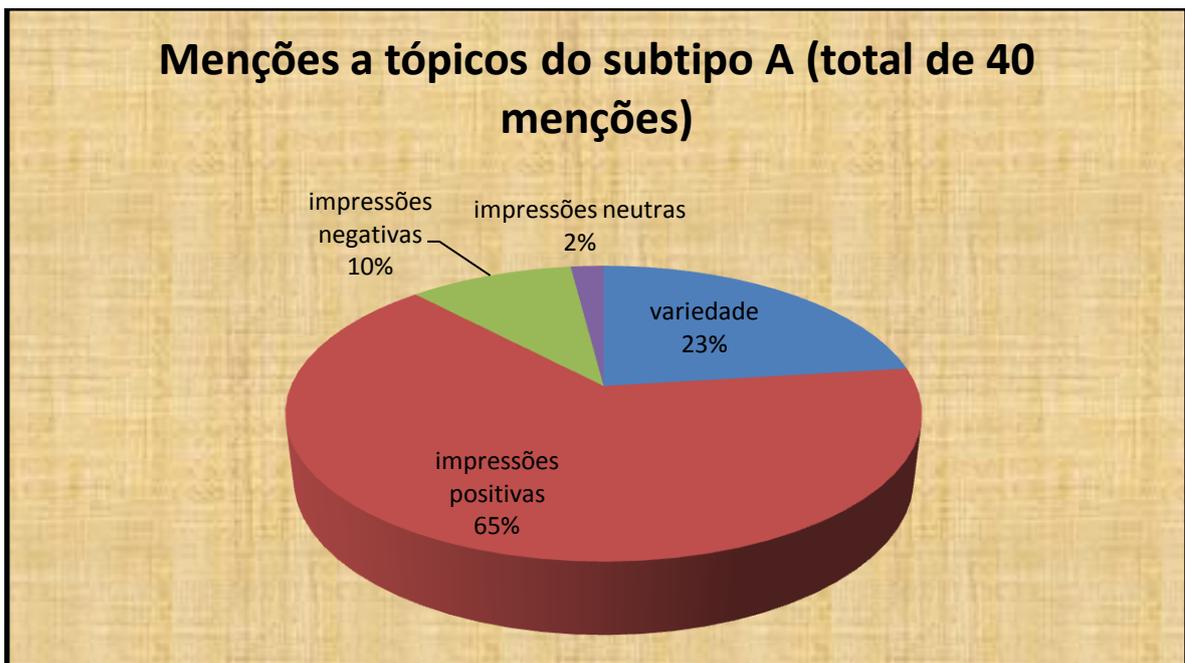
5. Possibilidade de discutir com outras pessoas e fazer outros amigos (3)
6. O aniversário de 2 anos de *Blade376* no *YouTube* (5)
7. Gratidão pela inscrição e pelo interesse (1)
8. Tempo que o espectador assiste a seus vídeos (4)

#### Análise:

Todos os vídeo respostas analisados procuram oferecer uma resposta à questão proposta no vídeo Zero, ou seja, não há neste conjunto nenhum vídeo que tenha sido vinculado como resposta apenas para se favorecer da popularidade de *Blade376*, por exemplo. Assim, nesta lista de tópicos, a questão direta do vídeo Zero não foi incluída, mas sim as sugestões de possíveis motivos (subtipo A) e alguns outros assuntos (subtipo B). A menção pelos respondentes a estes tópicos demonstra que grande parte das conversações em vídeo respostas é estabelecida a partir dos conteúdos do vídeo originário. Neste caso, as respostas caracterizam-se principalmente por concordar e reforçar os tópicos sugeridos. Dos 18 vídeo respostas, apenas 2 (vídeos 14 e 16) não trazem nenhuma menção direta aos tópicos sugeridos no vídeo Zero, trazendo apenas tópicos novos, perfazendo 11% do total. Assim, 89% dos vídeos contêm menções aos tópicos contidos no vídeo Zero.



**Tabela 2: Presença de menções a tópicos do vídeo Zero nos vídeo respostas**



**Tabela 3: Menções a tópicos da 1ª listagem, subtipo A**

Entre as 40 menções a tópicos do subtipo A, um fator que se destaca é a quantidade de menções a impressões positivas (tópico 2), entre as quais se sobressai o quesito inspiração. Como se pode observar nos dois exemplos transcritos a seguir, os *vloggers* afirmam que os vídeos de *Blade376* os inspiram de duas formas: a pensar e a fazer seus próprios *vlogs*. No vídeo 4, encontra-se a

seguinte afirmação: “você tem muita profundidade em geral, então seus vídeos sérios e provocadores do pensamento não são apenas sérios e provocadores do pensamento; eles são inspiradores<sup>17</sup>”. E no vídeo 8,

Eu pensei em tentar isto porque queria mostrar a você que seus vídeos (...) de certa forma me modificaram porque agora eu me sinto de certa forma mais confiante para falar às pessoas o que eu penso. Mas mesmo que eu tenha me sentido tentada a compartilhar as minhas opiniões com todo mundo no *YouTube*, eu nunca tinha feito isso antes. Então, este vídeo está aí para mostrar que você tem uma influência<sup>18</sup>.

As 26 menções a impressões positivas incluem os seguintes itens e quantidades: inspiração (6), encorajamento (4), apreciação (5), entretenimento (5), desafio (4), ajuda em problemas (2). Proporcionalmente, as impressões positivas se distribuem conforme o seguinte gráfico:



**Tabela 4: Tipos de menções a impressões positivas**

<sup>17</sup> *You have a lot of depth in general, so your serious, thought-provoking videos aren't just serious and thought-provoking, they're inspirational.*

<sup>18</sup> *I thought I'd try this because I wanted to show you what your videos (...) kind of changed me because now I feel more confident somehow to tell people what I think. But even though I've been tempted to share my opinions with everyone out there on YouTube, I've never done it before. So, this video is there to show you that you have an influence.*

Entre essas impressões, as menções a “encorajamento” referem-se ao estímulo para que os espectadores façam seus próprios *vlogs*, e as menções a “desafio” referem-se à capacidade de fazer os espectadores refletirem sobre alguma questão. É interessante ainda ressaltar que uma das menções à inspiração é a interpretação de um discurso metafórico: “eu estou desidratado, a sua visão sacia minha sede<sup>19</sup>” no vídeo 18. A razão para essa escolha poética de palavras está ligada à forma geral como esse vídeo foi concebido, e será analisada mais adiante.

É interessante notar que mesmo nas menções a impressões negativas, os *vloggers* falam positivamente sobre os *vlogs* de *Blade376*, como se vê nos exemplos a seguir: “se eu não gosto de algum dos seus vídeos, eu sei que vai haver outro vídeo que você vai fazer que vá compensar aquele<sup>20</sup>” (vídeo 17); “você obviamente não concorda sempre com o que ele diz, mas quando ele fala, ele faz um bom argumento. E mesmo se você for contra ele, ele provavelmente concordará (com você)<sup>21</sup>” (vídeo 7).

Embora *Blade376* tenha oferecido também a opção da neutralidade com relações a seus vídeos, somente no vídeo 2 pode-se considerar a existência de uma impressão neutra. Ele diz: “eu conheço você, e eu não sei por que<sup>22</sup>”. Este vídeo é diferente dos demais de diversas maneiras; o discurso é vago, contraditório e tem um toque de absurdo, por exemplo, no final, quando ele afirma: “eu amo queijo!<sup>23</sup>”. Para melhor entender, é necessário cruzar esses dados com os dados da tabela analítica. A pobreza dos elementos verbais neste vídeo é entendida quando se vê que, ao invés do *vlogger* falando, o que aparece é a animação de um robô acompanhada por uma voz estilizada, muito aguda, para simular a fala do personagem. Aparentemente, este *vlogger* preocupou-se menos em elaborar uma resposta coerente do que com a elaboração de um vídeo que mostrasse a sua

---

<sup>19</sup> *I am dehydrated, your view quenches my thirst.*

<sup>20</sup> *If I don't like some of your videos, I know that there'll be another video you will make which will make up for that one.*

<sup>21</sup> *You obviously not always agree with what he says, but for what he does, he puts a very good point across. And even if you're against him, he'd probably agree.*

<sup>22</sup> *I know you. And I don't know why.*

<sup>23</sup> *I love cheese!*

criatividade. Aqui não há pistas sobre impressões positivas ou negativas; e há uma contradição que gera estranhamento e distanciamento da questão sobre o motivo pelo qual assiste aos vídeos, pois no início ele fala que não os assiste<sup>24</sup> e no final afirma que na verdade assiste a alguns<sup>25</sup>.

A alta frequência de menções aos tópicos levantados no vídeo originário indica que o conteúdo de um *vlog*, especialmente de um que se quer respondido, ajuda a provocar o engajamento de respondentes ao fornecer material que facilite a elaboração da resposta. Munidos de diversos pontos de partida para elaborar seus discursos, os *vloggers* sentem-se, nas suas próprias palavras, mais inspirados ou encorajados a fazer vídeos do que se fossem confrontados apenas por uma questão aberta. Esse processo é comparável ao que ocorre com enquetes, questionários ou entrevistas fechados e abertos, onde é maior a probabilidade de pessoas responderem a questões onde opções de respostas são fornecidas do que àquelas onde elas precisam fazer uma elaboração completa da resposta.

As menções aos dois primeiros tópicos desta listagem são importantes também porque são indicadores de alguns dos valores que os usuários apreciam em *vlogs*. A questão da variedade, sugerida no tópico 1, é considerada um bom atrativo, conforme comentado nos exemplos a seguir. Conforme o vídeo 10, “a variedade de coisas que você tem é na verdade o que eu acho que faz com que nós voltemos para ver mais; quero dizer, variedade é o tempero da vida e você certamente tem<sup>26</sup>”. A autora do vídeo 4 afirma: “primeiro, eu nunca sei o que esperar de você, sabe? Eu não sei se esta semana você vai fazer um vídeo sério e estimulador do pensamento, ou talvez você faça um vídeo divertido aleatório<sup>27</sup>”.

Dessa forma, os vídeo respostas confirmam as idéias sugeridas no vídeo originário, principalmente as idéias de que a variedade e a capacidade de gerar

---

<sup>24</sup> *You know, I don't actually watch your videos.*

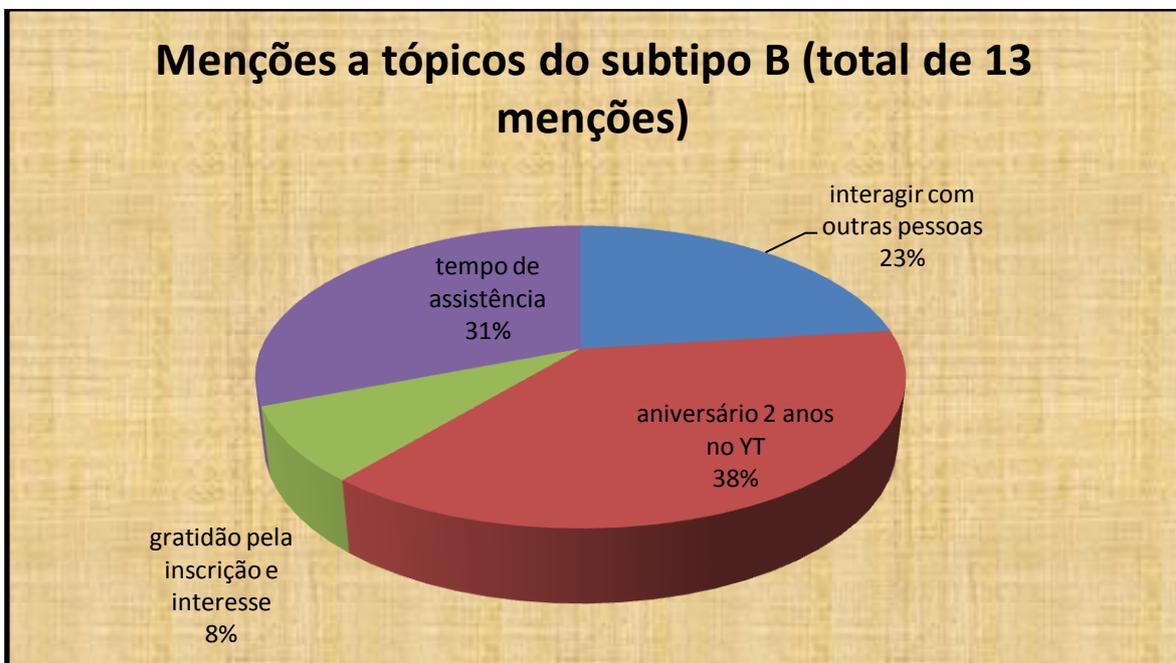
<sup>25</sup> *I really watch some of your videos and that.*

<sup>26</sup> *The variety of stuff that you have on is really what I think keeps us coming back for more, I mean, variety is the spice of life and you certainly have it.*

<sup>27</sup> *First of all, I never know what to expect from you, you know? I don't know if this week you're gonna do a serious thought-provoking video, or maybe You'll have a random funny video.*

impressões positivas e inspiração são valores que atraem espectadores para os *vlogs*. A alta frequência de concordância com esses tópicos também sugere que um *vlogger* que tenha o desejo de ser muito assistido necessita desenvolver o tipo de percepção que Myles demonstra ter. Ele trata o seu canal de *vlogging* como um programa que apresenta diversidade regularmente e que é capaz de surpreender, divertir e provocar reflexão em seus espectadores.

As menções a tópicos do subtipo B aparecem em menor quantidade (13 menções), mas também são evidências de conversação motivada pelo conteúdo do vídeo originário, conforme as análises que se seguem.



**Tabela 5: Menções a tópicos da 1ª listagem, subtipo B.**

O tópico 5 demonstra como Myles provoca seus espectadores a interagir entre si, além de revelar como ele tira vantagem da convergência de diferentes redes sociais. Como diz o autor do vídeo 15 ao mencionar o tópico 5,

Outra coisa é o jeito como você sempre tenta conseguir que outras pessoas se envolvam, como essa enorme ação colaborativa que você está fazendo (...) na sua *Stickam*; são toneladas e toneladas de trabalho para você, mas parece que você quer colocar

todo mundo junto, você quer conseguir que todos nós falemos uns com os outros<sup>28</sup>.

De acordo com esse testemunho, os estímulos diretos à participação e interação de todos, como os feitos por Myles, parecem bem sucedidos em obter a aceitação e o engajamento de diversos participantes.

Outro tópico cujos dados é necessário comentar é o 8º, que se refere a há quanto tempo os respondentes assistem *Blade376*. As menções ao tempo de assistência denotam percepções sobre a importância da longevidade da sua fidelidade enquanto espectadores. No vídeo 15 o autor é direto ao afirmar que assiste há nove meses; já no vídeo 8, a autora afirma que havia descoberto *Blade376* há apenas duas semanas<sup>29</sup>. É interessante aqui citar um dado da tabela analítica: ao falar “apenas” (*just*), esta *vlogger* faz um gesto de corte ou defesa com a mão, enfatizando a idéia de brevidade trazida pelo termo. Essa ênfase percebida visualmente pode ser interpretada de duas formas. Ela pode ser a admissão de que seu tempo de assistência é menor do que o de outros que acompanham o canal há mais tempo (já que *Blade376* estava completando 2 anos de *YouTube*), como também pode revelar a idéia de defesa caso o que ela vá falar a seguir não tenha muita exatidão. No vídeo 9 esse segundo ponto de vista é expresso de forma explícita: “eu não estou inscrita há muito tempo na verdade, então eu não assisti a todos os seus vídeos, eu devo admitir, e portanto eu não posso ter uma opinião muito justa sobre eles<sup>30</sup>”.

Por outro lado, a autora do vídeo 13 afirma que assiste há bastante tempo (sem especificar quanto), e é interessante notar que ela revela uma interação prévia entre ela e Myles. Naquela ocasião, ele enviou um convite para que ela conhecesse seu canal, ao qual ela acedeu: “eu tenho te assistido praticamente sempre desde que você me enviou um convite de inscrição, eu acho. Ah, isso foi há muito tempo, mas você me mandou um pedido para conferir (o seu canal), e eu fiz isso, e me

---

<sup>28</sup> *Another thing is the way you always try to get other people involved, like this huge collab you're doing (...) in your Stickam; are loads and loads of work for you but it's like you wanna get everybody together, you want to get us all talking to each other.*

<sup>29</sup> *I just discovered your videos like two weeks ago.*

<sup>30</sup> *I haven't been a subscriber that long really, so I haven't watched all of your videos, I have to admit, and so I really can't have a fair opinion about it.*

inscrevi<sup>31</sup>”. Neste exemplo, também encontramos evidências significativas se fizermos um cruzamento com os dados da tabela analítica. Há uma série de inflexões vocais que acompanham essas frases e que denotam entusiasmo, além dos gestos e expressões faciais que culminam com uma inclinação da cabeça com sobranceiras erguidas e um sorriso, acompanhados por um tom de surpresa e a voz mais aguda em “eu me inscrevi!”. Todos esses elementos denotam a satisfação dessa *vlogger* ao mencionar a longevidade da sua inscrição e o prazer que esse tempo como espectadora tem lhe proporcionado.

Por fim, ao confrontarmos os exemplos acima com a maneira como Myles levantou esse tópico no vídeo Zero, percebemos por que as respostas conferem tanta importância ao tempo que conhecem *Blade376*:

Eu só quero terminar com um obrigado massivo às pessoas que estão me apoiando desde os últimos dias, as últimas horas, apenas este vídeo... ou mesmo desde o início há dois anos, foi uma grande jornada para mim, e eu sei que ainda tenho um longo caminho a percorrer<sup>32</sup>.

Com essa afirmação, Myles conferiu importância tanto às pessoas que o assistem a um longo tempo quanto aos que o conheceram há pouco. Além disso, ele deixou claro que considera os espectadores como pessoas que lhe dão apoio, suporte (*support*) e os agradeceu por isso. Devido à exposição do tópico sob esse ponto de vista, a questão do tempo de assistência gerou um eco tão significativo nos vídeo respostas.

---

<sup>31</sup> *I've been watching you pretty much ever since you sent me a subscription invitation, I believe. Ah, it was a long time ago, but you sent me a request to check you out, and I did, and I subscribed!*

<sup>32</sup> *I just wanna end on a massive thank you for people who are supporting me from over the past few days, the past few hours, just this video... or even from the beginning two years ago, it's been a great journey for me, and I know that there's still a long way for me to go.*

## 2ª listagem: outros motivos mencionados nos vídeo respostas

- a. Facilidade de relacionamento com Myles (6)
- b. Inteligência, conteúdo, forma de apresentar os pensamentos (5)
- c. Reflete o pensamento atual, está identificado com a cibercultura (4)
- d. Aparência/atratividade de Myles (2)
- e. Popularidade dos vídeos (5)
- f. Myles se importa com os outros (1)
- g. Myles tem a mente aberta e não julga apressadamente (2)
- h. Sotaque (7)
- i. Myles tem carisma, boas intenções, é decente (10)
- j. Myles não apela frequentemente para o humor barato (1)
- k. Myles tem um padrão televisivo/profissional (3)

### Análise:

Conforme dito anteriormente, esta listagem sofreu uma condensação posterior. Foi constatado que as categorias *a*, *b*, *f*, *g*, *i* e *j* referem-se a características da personalidade de Myles que os *vloggers* apreciam. Assim, elas foram agrupadas como uma única categoria de “virtudes” pessoais de Myles, somando o total de 25 menções. Essa categoria corresponde a 54% das menções a motivos não sugeridos no vídeo Zero que levam as pessoas a assistir *Blade376*.



**Tabela 6: Menções a tópicos da 2ª listagem**

Esta listagem é importante para estimar outros motivos que levam os *vloggers* a assistir os vídeos dos demais *vloggers*, além dos que foram levantados na listagem anterior. Os diversos valores atribuídos a Myles revelam principalmente uma apreciação pelas características que tornam o relacionamento agradável, como os tópicos citados no parágrafo anterior. As outras categorias, porém, também revelam fatores significativos.

É interessante considerar o motivo por que o tópico *c* foi levantado pelos *vloggers*. Eles dizem que Myles consegue colocar palavras para pensamentos que estão em muitas mentes jovens (vídeo 1), que ele está afinado (*in tune*) com a comunidade (vídeo 6) e que está no *YouTube* há tempo suficiente para saber o que as pessoas querem e como fazer vídeos de maneira apropriada (vídeo 7). No vídeo 14 o *vlogger* fala com mais detalhes sobre o significado dessas idéias e da valorização da propriedade de refletir características e sentimentos do momento atual. Ele diz:

Você pergunta por que eu assisto aos seus vídeos, Myles, e eu vou dizer, porque você é um *youtuber*. Você é um nativo da vila da internet, então eu quero saber como é ser um *youtuber* do seu ponto de vista. Eu acho que para pessoas como você, ou da forma

como eu lhe vejo, *YouTube* é como falar inglês ou como ser de uma raça em particular ou ser do sexo masculino ou ser uma pessoa de um país específico, você é um nativo do *YouTube*, então você funciona de forma diferente, e é por isso que eu gosto de olhar para o que você faz, é algo que vem do interior, você é alguém de dentro desse conjunto de idéias do *YouTube*.<sup>33</sup>

Essa fala evidencia o reconhecimento de uma geração de nativos da internet. Este *vlogger* manifesta curiosidade por uma forma de pensar e interagir com o mundo que é diferente daquela das gerações anteriores, porque foi influenciada desde o princípio pelos sistemas de informação, pelas redes e pelas interações da internet. Para ele, Myles representa alguém que sabe a forma ideal de aproveitamento do *YouTube*, como uma linguagem da qual ele fosse um falante nativo. É relevante considerar aqui as pistas do vídeo e notar que este *vlogger*, pela aparência de meia-idade, é provavelmente o mais velho de todos os que estão incluídos neste caso, e é bastante clara para ele essa idéia de que algo funciona diferente no pensamento daqueles que ele considera os *insiders* do *YouTube*. Dessa forma, ele confirma e explica de maneira mais clara o que os três exemplos citados anteriormente diziam sobre o tópico *c*.

Quanto ao tópico *d*, há apenas uma menção direta à aparência física de Myles como motivo para assisti-lo, e outra à atratividade por ele ser uma pessoa interessante, o que não esclarece se a aparência está incluída também. Portanto, não parece relevante o papel da aparência como determinante para a popularidade no caso de Myles. É interessante também notar os indicadores de pudor que acompanham as duas menções (ambas feitas por *vloggers* femininas). No vídeo 1, a menção aparece na tela em forma textual: “você é bastante interessante... “dito” de maneira amena ...!!!<sup>34</sup>”. A distribuição dos sinais gráficos de pontuação é importante nesta frase, visto que são escolhas da própria autora para apresentar seu texto. “Dito” está entre aspas porque ela não está na realidade falando, mas escrevendo. A segunda parte da frase denota modéstia, visto que o advérbio *mildly* traz a

---

<sup>33</sup> *So you ask, “why do I watch your videos”, Myles, and I’m gonna say, because you are a youtuber. You are native of the YouTube village so I want to know what it’s like from your end to be a youtuber. I think that for people like you, or the way that I see you, YouTube is like speaking English or like being of a particular race or being a male or being a person from a particular country, you are native of YouTube, so you work in a different way, so that’s why I like looking at what you do, it is from the inside, you’re an insider of this YouTube set of ideas.*

<sup>34</sup> *You’re quite interesting... mildly “said” ...!!!*

conotação de pureza, moderação ou gentileza. O vídeo 9 encerra com a frase “tchau, você também é muito bonito<sup>35</sup>”. Neste caso, o pudor da autora pode ser inferido de duas formas: pela casualidade da inclusão do elogio no final do vídeo, após a despedida, e pelo que se percebe de elementos visuais: ela aponta com a mão (como se apontasse para Myles) e depois leva a mão à frente da boca, com um dedo estendido sob o nariz. Após a fala, termina com um sorriso tímido, um balanço da cabeça e a mão segurando a cabeça. O conjunto de elementos revela um flerte combinado com timidez.

Contrastando com o tópico anterior, o sotaque, que também é um atributo pessoal de Myles, é mencionado sete vezes. Esse fator, não previsto no vídeo originário, recebe uma valorização tão grande pelos respondentes que o autor do vídeo 5 ameaça: “Não vá mudar esse sotaque ou eu poderei ser forçado a retirar a minha inscrição!<sup>36</sup>”. Como será visto na discussão dos elementos da tabela analítica, fica claro que essa afirmação foi feita como uma brincadeira, mas que não deixa de apontar esse aspecto peculiar da sonoridade de uma língua que só pode ser conhecido por meio do áudio. Outro *vlogger* (vídeo 10) acrescenta explicações adicionais para a sua apreciação pelo sotaque britânico:

O que eu gosto nos seus vídeos, se eu for 100% honesto comigo e com você, tem que ser o seu sotaque. Quando eu era pequeno, eu assistia a uma porção de *sitcoms* britânicas e o que chama a atenção do meu ouvido sempre é o sotaque britânico, seja Monty Python ou *Faulty Towers* ou o que seja...<sup>37</sup>

Também há alguns dados relevantes com relação ao tópico e: foram encontradas cinco afirmações de que, para alguns *vloggers*, o fato de os vídeos de *Blade376* serem populares foi o agente que os atraiu a assisti-lo. A autora do vídeo 8 explica o processo:

Eu acho que você está listado na página principal do *YouTube* e acho que o vídeo era... como fazer *vlogs* ou algo assim (...) Basicamente, eu estou interessada no que as outras pessoas

---

<sup>35</sup> *Bye, you are very good looking too.*

<sup>36</sup> *And don't go changing that accent or I may be forced to unsubscribe!*

<sup>37</sup> *What I like about your videos, if I'm 100% honest with myself and with you, it's got to be your accent. Growing up, I've watched a lot of British sitcoms and what catches my ear is always the British accent, wheter it's Monty Python or Faulty Towers or what have you...*

estão fazendo no *YouTube*, então eu acho que eu encontrei seu vídeo por acaso e de alguma forma eu pensei, oh, por que ele está nas notícias, e oh, ele deve ser alguém, então eu não sabia quem você era, agora eu sei.<sup>38</sup>

A página inicial do *YouTube* traz uma lista de vídeos que estão sendo muito assistidos, e esse recurso é aproveitado por pessoas que desejam assistir a algum vídeo sem uma busca específica. A alta frequência de *views* de um vídeo atesta, salvo em caso de fraude, que ele possui algum fator de atratividade válido para muitas pessoas, e esse fator, conforme atestado no exemplo acima, provoca a curiosidade de muitos outros espectadores.

Por fim, nesta listagem, aparecem menções ao que os *vloggers* consideram um padrão “profissional” de Myles. Esse julgamento está relacionado ao tipo tradicional de comunicador consolidado pelas grandes instituições midiáticas como as redes de rádio e televisão. Conforme o autor do vídeo 7, “em primeiro lugar, o modo como ele se apresenta para a câmera é muito bom, (...) ele parece muito profissional, ele está falando sobre algumas coisas boas, quer dizer, algumas coisas estão bastante certas<sup>39</sup>”. Esse aspecto será abordado novamente quando for discutida a questão da competência discursiva oral dos *vloggers*.

---

<sup>38</sup> *I think you are featured on the YouTube main page and I think the video was... how to vlog or something like that. (...) Basically I'm just interested in what other people are doing on YouTube, so I think I just stumbled over your video and then somehow I thought, oh, why he was on the news and oh, he's gotta be somebody, so, I didn't know who you were, now I know.*

<sup>39</sup> *First of all, the way he delivers himself on camera is very good (...) he is very professional looking, he's talking about some good things, I mean, some things are quite right.*

### 3ª listagem: outros tipos de tópicos

- I. Diversão em fazer o vídeo resposta (3)
- II. A pessoa não tinha outra coisa para fazer (1)
- III. Demonstração de gratidão pelo que Myles faz (2)
- IV. Expectativa por mais vídeos (6)
- V. Medos, problemas ou dificuldades ao fazer *vlogs* (9)
- VI. Intenção de comunicar-se e contatar pessoas fazendo *vlogs* (1)
- VII. Não conseguiria escrever, então fez vídeo (1)
- VIII. Continuação do contato em outra rede social – *Stickam, Facebook* (2)

#### Análise:

Os tópicos levantados nessa listagem revelam outras motivações que levam os usuários a fazerem *vlogs* e sobre alguns receios com que se defrontam ao tomarem a decisão de fazê-los. Dentre esses itens, alguns ainda são diretamente relacionados a Myles (tópicos III, IV, VIII), e o tópico VII pode ser considerado menção a um tópico levantado no vídeo Zero que não foi incluído na 1ª listagem: ao lançar a pergunta do vídeo Zero, a sugestão inicial de Myles é que seus espectadores escrevam um parágrafo descrevendo as razões por que o assistem. Somente depois ele acrescenta, de forma casual, a opção dos espectadores fazerem um vídeo resposta<sup>40</sup>. Esse tópico obteve uma resposta direta no vídeo 12:

Eu realmente não conseguiria colocar em palavras ou muito menos em um parágrafo de palavras o quanto você me inspira e por que eu assisto aos seus vídeos e tal, então eu simplesmente decidi que faria um vídeo resposta para lhe falar essas coisas<sup>41</sup>.

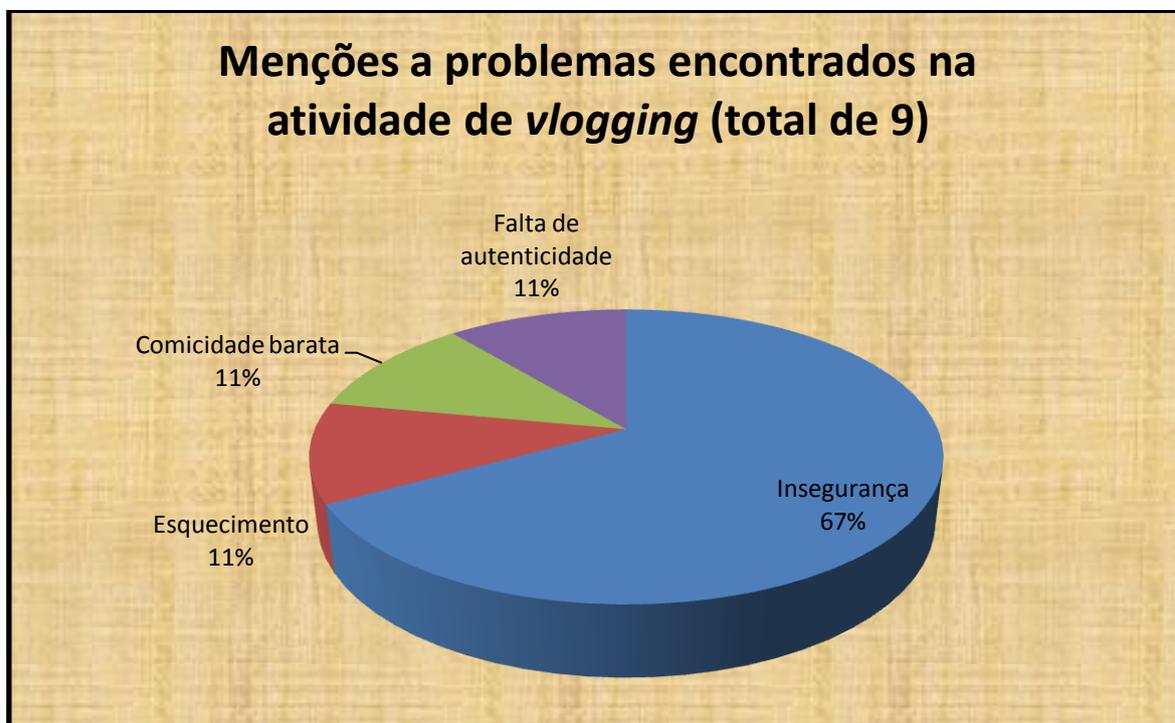
O tópico V é relevante por conter menções às dificuldades ou problemas que alguns indivíduos encontram na atividade de *vlogging*, e merece maior detalhamento. Entre as dificuldades citadas, a maior parte das menções referiu-se à insegurança diante da câmera ou o medo de expor suas opiniões (6). Os demais problemas levantados, com uma menção cada, foram a dificuldade de lembrar o que

---

<sup>40</sup> *Or even do a video response.*

<sup>41</sup> *I just couldn't really put into words or let alone a paragraph of words on how you inspire me and why I watch your videos and stuff, so I just decided I'd make a video response to tell you these things.*

pretendia falar, a falta de autenticidade e o recurso à “comicidade barata” (conforme os termos utilizados pelo próprio *vlogger*<sup>42</sup>).



**Tabela 7: Menções a problemas na atividade de *vlogging***

A alta incidência do reconhecimento da insegurança como dificuldade pode ser relacionada à alta incidência do reconhecimento da inspiração e encorajamento transmitidos pelos vídeos de *Blade376* na 1ª listagem. Os espectadores interessados em fazer seus próprios *vlogs* avaliam positivamente os estímulos percebidos em Myles porque ele lhes oferece motivação, temas (perguntas a serem respondidas) e bons exemplos para a realização de *vlogs* que fazem sucesso.

Com relação ao tópico VIII, há dois vídeos que mencionam contatos com Myles por meio de outras redes sociais que não o *YouTube*. O autor do vídeo 15 cita interações anteriores por meio da *Stickam*:

Ok, aquilo que você disse sobre a *Stickam*, isso é totalmente verdadeiro, quero dizer, como as pessoas vão falar com você mas não com as pessoas sentando próximas a elas. E eu percebi que em diversas ocasiões é como se as pessoas temessem que se de

<sup>42</sup> *You don't continually resort to cheap comics.* (vídeo 6)

alguma forma elas desviassem a atenção de você, você iria ficar irritado com elas<sup>43</sup>.

Por outro lado, a autora do vídeo 9 combina interações posteriores em outras redes: “Então Myles, eu tenho você no *Facebook*, então eu acho que vou falar com você por lá. Eu também tenho *Stickam* e nós nos encontramos lá, ok?”<sup>44</sup>”.

Por fim, o tópico VI é relevante, ainda que só tenha aparecido uma vez neste conjunto de vídeos, principalmente porque é uma menção à existência de um propósito ulterior que motiva o *vlogger* a publicar vídeos. Conforme o autor do vídeo 10,

Eu sou muito iniciante em *vlogging*, cerca de três semanas agora. E eu realmente comecei porque eu sou professor de artes marciais e eu queria algum tipo de lugar onde eu pudesse atingir tantas pessoas quanto possível, meus estudantes, sabe, como um meio de contatar com eles, mostrar algumas técnicas novas, mostrar a eles o que eu estou fazendo com as formas... algumas das idéias que eu tenho, filosofias de vida básicas e lições que eu tenho aprendido através dos meus anos de estudo<sup>45</sup>.

Em seu vídeo resposta, esse *vlogger* responde à pergunta do vídeo Zero, mas também deixa claro que tem um “agendamento” particular que o motiva a publicar *vlogs* no *YouTube*. Embora essa seja uma ocorrência única no caso aqui estudado, ela fornece uma informação importante dentro do panorama mais amplo dos comportamentos dos sujeitos na atividade de *vlogging*.

## **b. Discussão dos dados dos vídeos**

Os elementos visuais e sonoros contribuem de diversas maneiras para a conversação, porém nem todos os *vloggers* tiram vantagem desses elementos ao realizarem seus vídeos. Assim, as seguintes questões foram relevantes para nortear

---

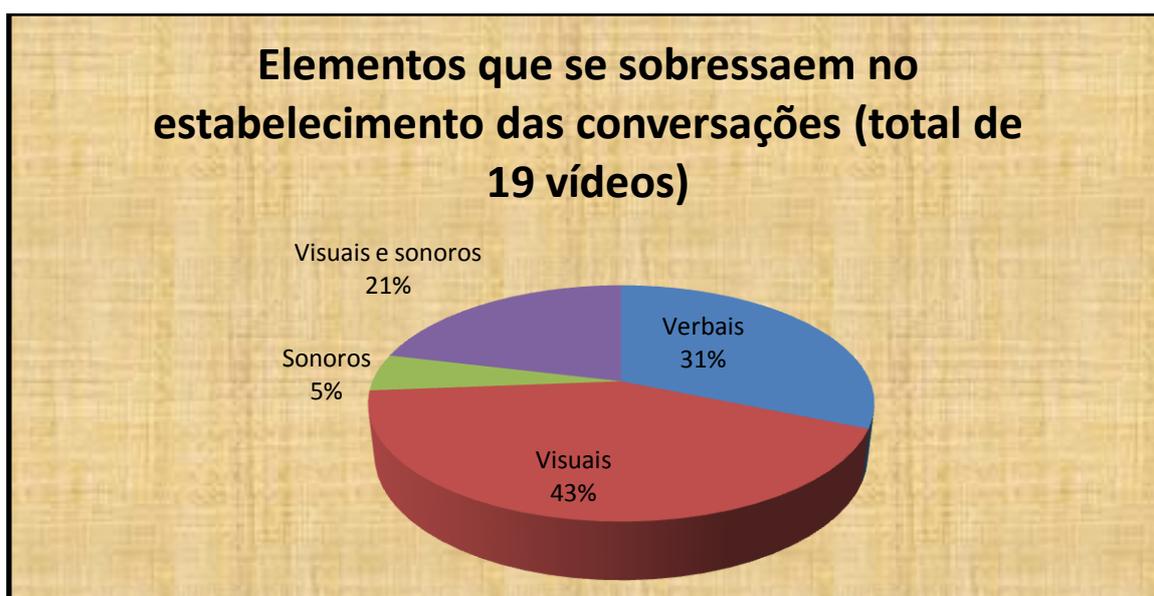
<sup>43</sup> *Ok, that thing you said about the Stickam, that is completely true, I mean, how people will talk to you but not the person sitting next to them. And I've noticed that on several occasions it's like people are afraid that if they somehow avert the attention from you, that you are gonna get mad at them.*

<sup>44</sup> *So Myles, I have you on Facebook, so I guess I'll talk to you there. I also have Stickam and we meet each other there, ok?*

<sup>45</sup> *I'm very new to vlogging, about three weeks now. And I actually started because I'm a martial art teacher and I really wanted some kind of venue where I can reach as many people as I possibly could, my students, you know, as a way of contacting them, showing them some new techniques, showing them what I'm doing with the form... some of the ideas that I have, basic life philosophies and lessons that I've learned over the years of studying.*

a análise dos dados: Em quantos vídeos e de que forma os elementos visuais ou sonoros foram imprescindíveis para transmitir as idéias que compõem a conversação? Há vídeos em que o conteúdo verbal proposto poderia ter sido publicado em texto, prescindindo do vídeo sem haver empobrecimento das idéias? Há vídeos em que os diferentes elementos transmitem idéias contraditórias entre si? A partir dessas perguntas, o conjunto de vídeos foi analisado levando em consideração as diferenças de relevância conferidas pelos elementos verbais, visuais ou sonoros no estabelecimento das conversações.

Levando em consideração os critérios que serão descritos no decorrer deste capítulo, os vídeos deste caso foram analisados da seguinte forma: o conjunto total perfaz 19 vídeos, havendo apenas 18 *vloggers*, porque dois dos vídeo respostas foram publicados pela mesma autora. Foi considerado que em 6 vídeos (32%) os elementos visuais e sonoros não estão intrinsecamente relacionados com a conversação, ou seja, esta poderia se estabelecer independentemente da presença dos elementos audiovisuais. Em 8 vídeos (42%) há elementos visuais que ancoram a conversação e não podem ser eliminados sem prejuízo dela. Em 1 vídeo (5%) são elementos sonoros que têm uma participação fundamental na conversação, e em 4 vídeos (21%) as conversações estão ancoradas tanto em elementos visuais quanto sonoros.



**Tabela 8: Elementos que se sobressaem no estabelecimento de conversações**

A seguir encontram-se as análises que justificam essa atribuição de relevância aos elementos conforme sua participação nas conversações.

**Quando os elementos visuais e sonoros revelam o sujeito,  
mas não são essenciais para a eficácia do discurso**

No caso investigado, 31% dos vídeos podem ser considerados exemplos em que, apesar da presença dos fatores visuais e sonoros, o conteúdo discursivo da conversação não é alterado. Nesses exemplos, se os elementos verbais fossem separados e transcritos sob a forma de texto, o valor das idéias apresentadas não sofreria uma modificação significativa. Isso não significa, porém, que a escolha do formato de vídeo para a publicação da resposta seja irrelevante ou inócua nesses casos, pois, como será exposto a seguir, mesmo que não tenha havido uma exploração consciente da potencialidade dos fatores audiovisuais nesses *vlogs*, as conversações estabelecidas através deles são marcadas por um importante conteúdo interpessoal. Diversas pistas a que não se tem acesso nas conversações sob forma textual (como a aparência, o modo de falar e o gestual dos sujeitos) são reveladas por meio dos elementos visuais e sonoros, conforme descrito no cap. II (modelo das pistas descartadas).

Em praticamente todos os vídeos que seguem o modelo de *vlogging* tradicional, onde o sujeito fala diretamente para a câmera, é possível observar o uso retórico de gestos que reforçam o que está sendo dito, momentos de entusiasmo onde o discurso acontece de forma fluida e momentos de hesitação onde o sujeito desvia o olhar na busca dos termos adequados, momentos em que o sujeito gagueja ou demonstra insegurança como se estivesse conduzindo o discurso para caminhos que não haviam sido planejados ou sobre os quais ele não tem perfeita clareza para desenvolver no momento da gravação do vídeo.

Principalmente quando os vídeos são mais longos, é perceptível a existência de um momento em que, mesmo que o sujeito tenha começado sua fala com muita fluência e determinação na exposição das idéias, ele acaba esbarrando nesses instantes onde há mais demora na concatenação da fala. Esses aspectos são reveladores da relação do sujeito com aquilo que está falando; eles dão a conhecer os sentimentos do sujeito para com o seu discurso. São aspectos importantes do

ponto de vista social, visto que a desenvoltura, a honestidade e o entusiasmo demonstrados quando o sujeito discorre sobre um assunto podem se sobressair à aparência física enquanto fatores provocadores de interesse, empatia, e vontade de interagir da parte dos demais sujeitos. Isso é confirmado pelos *vloggers* que publicaram os vídeo respostas contidos neste caso, pois, em contraposição a uma menção direta à aparência de Myles como razão atrativa para assistir aos seus vídeos, há 25 menções a virtudes não físicas percebidas de forma geral como carisma, inteligência e ausência de preconceitos.

Talvez a única exceção real dentro deste conjunto seja o vídeo 3, onde se pode afirmar que os elementos visuais, além de não contribuírem especialmente para a conversação, também contribuem muito pouco para a revelação do sujeito falante. Isso ocorre porque esse vídeo é muito escuro; tendo sido provavelmente capturado à noite sob condições de pouca iluminação. A imagem da pessoa é pouco nítida; inclusive, é difícil determinar se é um homem ou uma mulher, bem como a idade. A voz também não é suficiente para determinar essas pistas sobre o sujeito. Além disso, o vídeo tem apenas 14s de duração, e na descrição constante na página do *YouTube* a única informação constante é: *video cam direct upload*. Assim, é possível considerar que, entre os vídeo respostas, este é o que teria menor perda caso tivesse sido apresentado sob forma textual.

### **Quando os elementos visuais se sobressaem**

Se em 42% dos vídeos os elementos visuais cumprem certos papéis imprescindíveis, e em 21% isso pode ser reconhecido tanto para os elementos sonoros quanto para os visuais, podemos concluir que há uma soma total de 63% de vídeos onde os elementos visuais têm participação relevante nas conversações. São casos em que, se os elementos visuais fossem eliminados, as conversações perderiam partes essenciais formadoras de sentido.

A interferência dos elementos visuais no conteúdo conversacional ocorre de diferentes formas. Foram elaboradas quatro categorias para explicar de que

maneiras os elementos visuais adquirem relevância indissociável das conversações estabelecidas<sup>46</sup>:

- a) há uma referência verbal aos elementos visuais (33%)
- b) há elementos visuais que acrescentam informações que não são mencionadas verbalmente (25%)
- c) há texto incluído ou sobreposto às imagens do vídeo em forma de letreiros<sup>47</sup> (42%)
- d) há um universo narrativo audiovisual criado especialmente para o vídeo (25%)

Com relação à categoria *d*, é importante fazer uma observação preliminar: como todos os vídeos que correspondem a esta categoria também se caracterizam pela importância dos elementos sonoros, essa categoria encontra-se na interseção da relevância dos elementos sonoros e visuais.

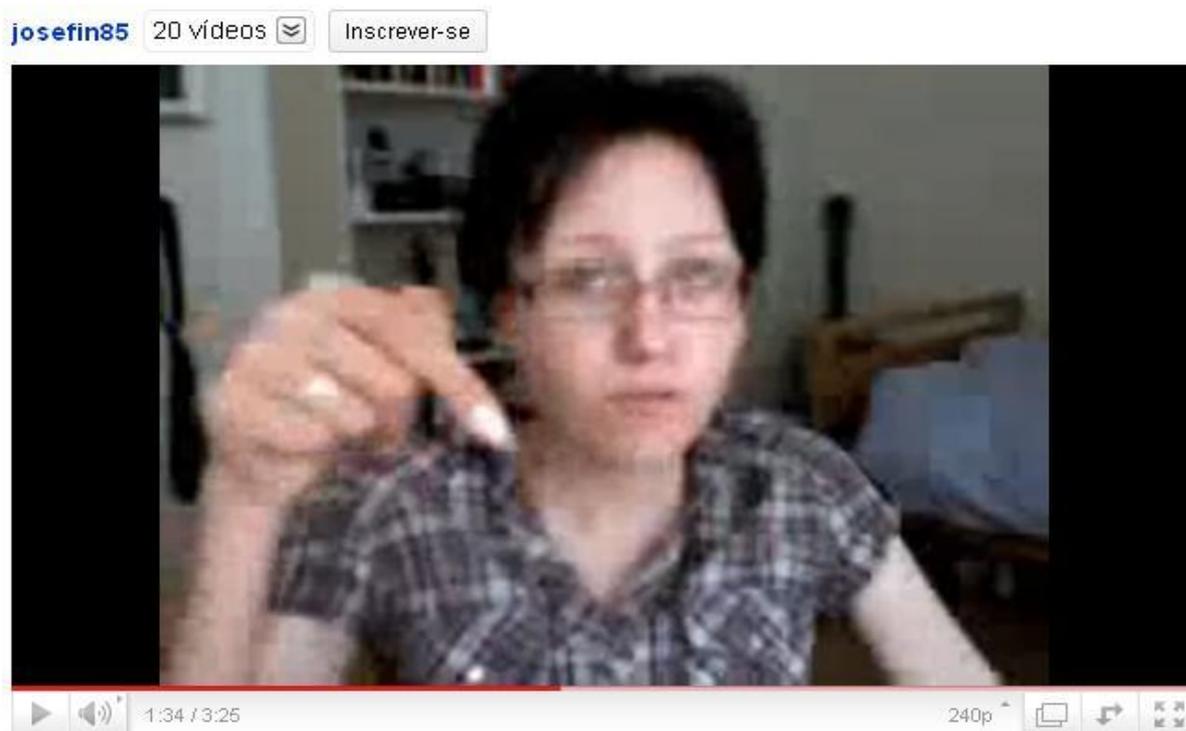
O vídeo 11, por exemplo, contém uma instância da categoria *a*. Ao citar outro usuário do *YouTube* que também publicou um vídeo resposta a *Blade376*, a *vlogger* aponta para baixo e a seguir olha para o alto e gesticula fazendo um círculo com a mão no ar, enquanto diz: “eu acho que você pode encontrá-lo em algum lugar da tela<sup>48</sup>”. Com esse gesto, ela demonstra consciência da disposição do vídeo na página do *YouTube* e simula a procura espacial de um *link* para o vídeo do outro *vlogger* mencionado.

---

<sup>46</sup> As porcentagens de cada item referem-se apenas à quantidade de vídeos considerados válidos sob esse critério (os 63%), e não à totalidade do caso. As quatro categorias não são excludentes entre si.

<sup>47</sup> Ainda que os letreiros contenham elementos verbais, eles estão sendo considerados aqui em sua presença visual sobre os vídeos, pela escolha de fontes, cores, animações, formatação e presença de elementos gráficos adicionais.

<sup>48</sup> I think you can find him somewhere on the screen.



**Figura 3: Gesto para o espaço da página do YouTube**

Outro exemplo interessante de referência verbal aos elementos visuais encontra-se no vídeo 12, quando o *vlogger* afirma “Desculpe por estar andando por aí, eu não consegui achar o meu tripé<sup>49</sup>”. Essa afirmação, estranha ao restante do conteúdo verbal deste vídeo, demonstra a consciência do *vlogger* acerca da importância dos elementos visuais. Durante todo o vídeo ele caminha por dentro de uma casa com a câmera na mão apontando para seu rosto, e considerou necessário explicar o motivo da escolha desse movimento. Ao mesmo tempo, evidencia o entrelaçamento dos elementos verbais, visuais e sonoros no vídeo. Essa afirmação não teria sentido se sua resposta tivesse sido dada apenas em texto.

O autor do vídeo 16 demonstra de diversas maneiras a atribuição de importância aos elementos visuais para criar interesse no vídeo resposta. Uma das razões porque se pode afirmar isso é a grande quantidade de cortes, após os quais o *vlogger* aparece em um lado oposto da tela. Além disso, este vídeo é um exemplo extremo de elementos visuais que embasam o discurso, de forma que os elementos verbais não fariam sentido sem aqueles. Seu autor lança mão de alguns recursos de

<sup>49</sup> *Sorry i'm walking around, I couldn't find my tripod.*

edição para a criação de uma metáfora visual dos atributos que considera importantes em *Blade376*. A tela é dividida em quatro pequenas telas, todas com a mesma imagem do *vlogger* falando. Antes de acontecer a divisão, o vídeo é preto e branco. Quando surgem as quatro telas, cada uma tem uma cor dominante: laranja, verde, sépia e azul. O *vlogger* refere-se às telas como caixas (ele chama a caixa cor de laranja de vermelha; provavelmente as diferentes configurações de imagem do computador explicam essa variação), e explica a divisão com o seguinte discurso:

Ok. Agora lembre-se que estamos partindo do vermelho. Este exatamente aqui, esta caixa. O que estas quatro caixas almejam representar, ok, vai ser você. Esta é a razão, estas quatro caixas... essas são as razões porque eu assisto aos seus vídeos e porque muitas outras pessoas também assistem. Eme, ípsilon, ele e e, esse<sup>50</sup>.

Enquanto fala sobre as quatro telas, ele aponta para direções no espaço, simulando a posição delas na tela do computador.

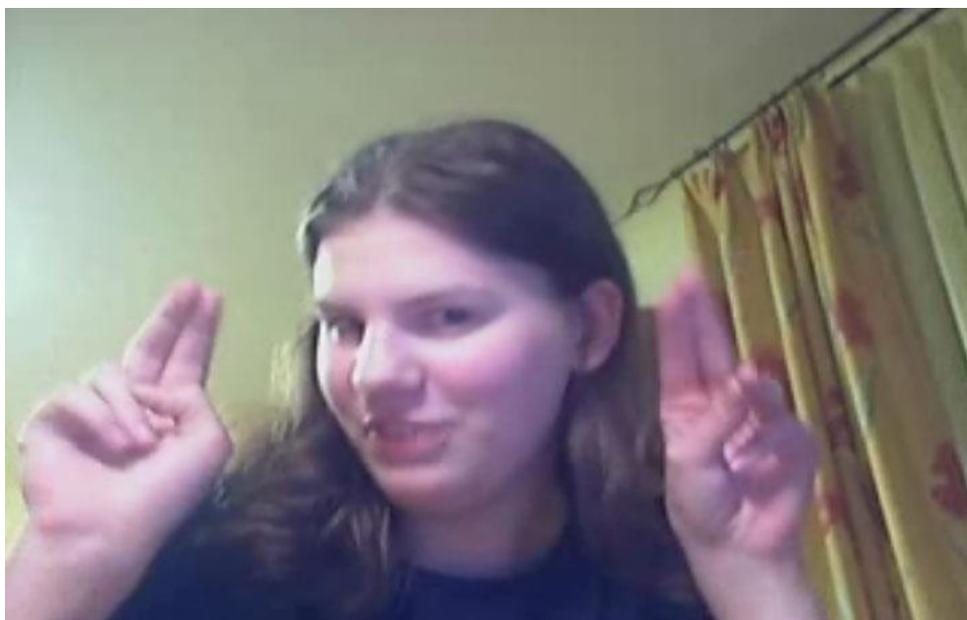


**Figura 4: Gesto para o espaço interior da tela**

<sup>50</sup> *Ok. Now remember we're going from the red. This one right here, this box. What these four boxes are aimed to represent, ok, it's gonna be you. This is the reason, these four boxes, these are the reasons that I watch your videos and that a lot of other people as well watch your videos. M, Y, L and ES.*

Em seguida, ele fala sobre a caixa maior (a tela toda) que engloba as quatro, e segue explicando a representação visual que fez da personalidade de Myles: “Estas quatro caixas estão sendo representadas pela caixa maior do tocador de vídeo e é basicamente você. Personalidade, intelecto, opiniões, humor <sup>51</sup>”. Novamente, ao mencionar as quatro características, ele aponta nas direções das quatro telas.

Com relação à categoria *b*, também há dois exemplos interessantes que merecem ser destacados. Em dois vídeos (8 e 15) os *vloggers* fazem com as mãos um sinal de aspas no ar, um ao pronunciar o termo *vlog* e outro ao pronunciar o termo *celebrities*. No primeiro, a indicação acompanha a frase “este é o meu primeiro *vlog* ou vídeo resposta ou o que quer que seja <sup>52</sup>”, e o destaque indica que a *vlogger* não tem segurança sobre o uso do termo *vlog* ou de que o seu vídeo possa ser considerado um *vlog*. O gesto mostra que ela está vendo o uso do termo como algo especial, mas isso não está indicado pelos elementos verbais, nem há uma ênfase sonora perceptível na fala; somente os elementos visuais revelam essa nuance do discurso.



**Figura 5: Gesto de aspas 1**

---

<sup>51</sup> *These four boxes are being portrayed for the bigger box of the video player and it's basically you. Personality, intellect, opinions, humor.*

<sup>52</sup> *Basically you just encouraged us to vlog ourselves and I've never done that before.*

Já no outro exemplo, o gesto de aspas acompanha a seguinte frase: “De todas as celebridades do *YouTube*, você provavelmente é a mais real<sup>53</sup>”. Nesse caso, as aspas gestuais indicam ironia. Os elementos visuais são acompanhados por uma ênfase irônica sutil no tom de voz, porém essa ênfase sonora é dada no termo *YouTube*, e não em *celebrities*. Dessa forma, a combinação dos três tipos de elementos revela a ironia do *vlogger* ao mencionar as celebridades (que ele provavelmente não considera tão célebres) do *YouTube* nesta frase; porém, caso se tratasse somente do texto escrito, esse julgamento não ficaria perceptível com todas essas nuances.



**Figura 6: Gesto de aspas 2**

Outro exemplo significativo de elementos visuais que acrescentam informações que não são mencionadas verbalmente ocorre no vídeo 6. Após afirmar: “Você abertamente encoraja novas pessoas a realmente fazerem *vlogs* e dá a elas

---

<sup>53</sup> *Of all the YouTube celebrities, you're probably the most real.*

algumas dicas sobre como fazer isso<sup>54</sup>, o *vlogger* faz uma pausa, aponta para a própria cabeça, inclina o rosto levemente para baixo e faz um olhar cúmplice para a câmera com um sorriso, em um gesto que significa claramente “por exemplo, eu”. Essa informação, relevante para a conversação, não está registrada por nenhum elemento verbal nem sonoro, e depende exclusivamente dos elementos visuais.



**Figura 7: gesto de apontar para si mesmo**

Das instâncias correspondentes à categoria *c*, onde há letreiros incluídos ou sobrepostos ao vídeo, vale a pena destacar o que ocorre nos vídeos Zero e 15. O vídeo 1 também apresenta letreiros, mas será analisado mais adiante por conter uma série de outras características relevantes. No vídeo 15, O letreiro (que já é em si uma combinação de elementos verbais com visuais) é utilizado em uma imagem estática de abertura do vídeo. Vê-se uma foto do *vlogger* segurando um pedaço de papel; Acima da imagem, o dizer “*Dan Soup responds*”; sobre o papel que ele segura, os dizeres “*From: me To: you*”, à moda das etiquetas que se colocam em presentes. Não há elementos sonoros. Essa imagem funciona como um título de

<sup>54</sup> *You openly encourage new people to actually vlog and give them some tips on how to do that.*

abertura, e sua inclusão revela uma preocupação com a forma do vídeo, bem como uma intenção de estabelecer uma relação pessoal de proximidade com o espectador. É interessante reparar o efeito contrastante obtido devido à escolha de fontes bem diferentes para as duas porções de texto.



**Figura 8: Tela de abertura**

O vídeo Zero também conta com uma seção de abertura que lança mão do letreiro para revelar um título de abertura, conforme citado e ilustrado no Capítulo IV, na apresentação do vídeo originário. A frase “*Why are you watching this?*” aparece sobreposta à imagem em movimento onde a câmera focaliza o rosto do *vlogger* enquanto faz dois giros panorâmico completos. Essa abertura é acompanhada por música instrumental ao violão. Cores são usadas para destacar as fontes: a frase é toda escrita em azul, exceto pela palavra *this*, que está em vermelho. Essa diferenciação serve para enfatizar o significado desse pronome. O que ele perguntará a seguir refere-se a esse objeto, esse vídeo, e ao que ele representa dentro de um conjunto de vídeos publicados no *YouTube* pelo *vlogger* *Blade376*.

### Quando os elementos visuais e sonoros se sobressaem

Os autores dos vídeos 1, 2 e 18 aproveitam os elementos visuais e sonoros de forma criativa para implantar universos narrativos únicos, e com isso as conversações emanadas de seus vídeos ganham nuances que as diferenciam do modelo clássico de conversação via vídeo resposta. O vídeo 1, por exemplo, se sobressai por apresentar uma conversação formada pela sobreposição de textos sobre outras imagens. Já os vídeos 2 e 18 apresentam personagens que são encarregados de estabelecer a conversação com o vídeo Zero.

O formato do vídeo 1 é especialmente diferenciado. Nele, não se vê imagem de sua autora nem se ouve a sua voz. As imagens são trechos selecionados de videoclipes da cantora Fiona Apple. A resposta à questão de *Blade376* é totalmente entregue de forma textual, porém, o texto está dividido em partes que aparecem sobrepostas às imagens. Cada parte aparece de forma diferente: às vezes, seções do texto vão surgindo conforme o ritmo da música, até formar uma frase completa na tela; em outras partes, o texto aparece escrito sobre uma tarja colocada no terço inferior da tela, e vai rolando sobre as imagens, da direita para a esquerda; há trechos que aparecem inteiros de uma vez no centro da tela. Existem também escolhas de diferentes fontes para as diferentes partes. Outra combinação importante de elementos visuais com verbais neste exemplo é o uso de sinais gráficos gerando *emoticons*, como os que muitas vezes são inclusos em conversações no formato textual na internet (por exemplo, O\_o; :]; <3) e a alternância de letras maiúsculas e minúsculas para enfatizar determinados termos (como em *WhY*, *YoU*, *HuGs*).



**Figura 9: Texto e emoticons sobre videoclipe**

De certa forma, este vídeo subverte as combinações entre os elementos encontradas em todos os outros. Os elementos visuais estão em destaque não pelos significados adicionais que agregam, mas por ser o único veículo de apresentação dos elementos verbais que constituem essa conversação, tornando-se imprescindíveis para o estabelecimento da conversação. O uso dos videoclipes não acrescenta conteúdo específico relacionado à resposta, mas fornece indiretamente algumas pistas sobre as preferências da autora do vídeo. Outro diferencial é que os elementos sonoros não correspondem à expressão verbal da resposta; antes, além da música, eles incluem outra gama de informações verbais que estão além da resposta, que são as letras das canções cantadas nos videoclipes.

A inclusão dessas dimensões extras de significados causa um acúmulo de estímulos distintos. A recepção desses estímulos concomitantes gera a opção de formas diferenciadas de assistir este vídeo. O espectador pode interessar-se somente pela colagem de clipes e ouvir os trechos das canções, ignorando completamente os letrados sobrepostos, como se faz quando se assiste a um filme e se ignora a presença de legendas. Ou pode fixar-se na leitura dos textos, não dando

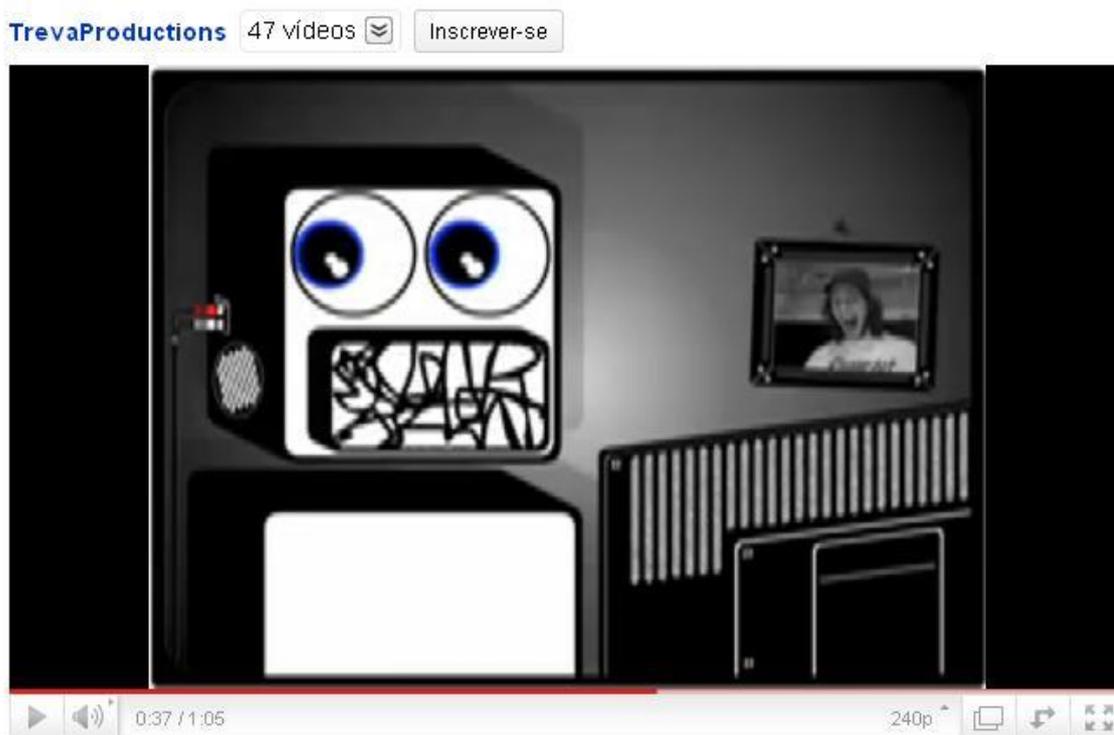
atenção para as letras das canções nem para a sucessão de imagens dos clipes. Outras formas de assistir são a oscilação da atenção entre os clipes musicais e a conversação com *Blade376*, ou a aceitação da síntese de todos os elementos, resultando provavelmente na mais esquizofrênica das conversações.

Embora o vídeo 1, analisado acima, possa ser considerado como criador de um universo narrativo próprio e especialmente distinto dos *vlogs* de formato mais tradicional, os vídeos nº 2 e 18 são exemplos ainda mais radicais dessa categoria, incluindo a criação de um personagem.

O vídeo 2, como já foi mencionado, é o único deste caso que não utiliza filme, mas uma animação. O Robô desenhado possui movimento apenas na boca e nos olhos. O ambiente é o interior de uma casa, e há um quadro na parede com uma fotografia, possivelmente do autor do vídeo. Os movimentos dos olhos do robô estão coordenados com a fala em alguns momentos. Por exemplo, quando a voz fala “eu... eu, ah, eu, eu conheço você<sup>55</sup>”, os olhos têm um movimento para o lado, como se desviassem da câmera, simulando embaraço ou timidez. Também quando se ouve uma risada, o movimento da boca do robô é coordenado com o som. O autor deste vídeo cria assim um personagem ficcional que habita em um universo próprio e que aparece para conversar com Myles por meio de um vídeo resposta.

---

<sup>55</sup> *I... I, ah, I, I know you.*

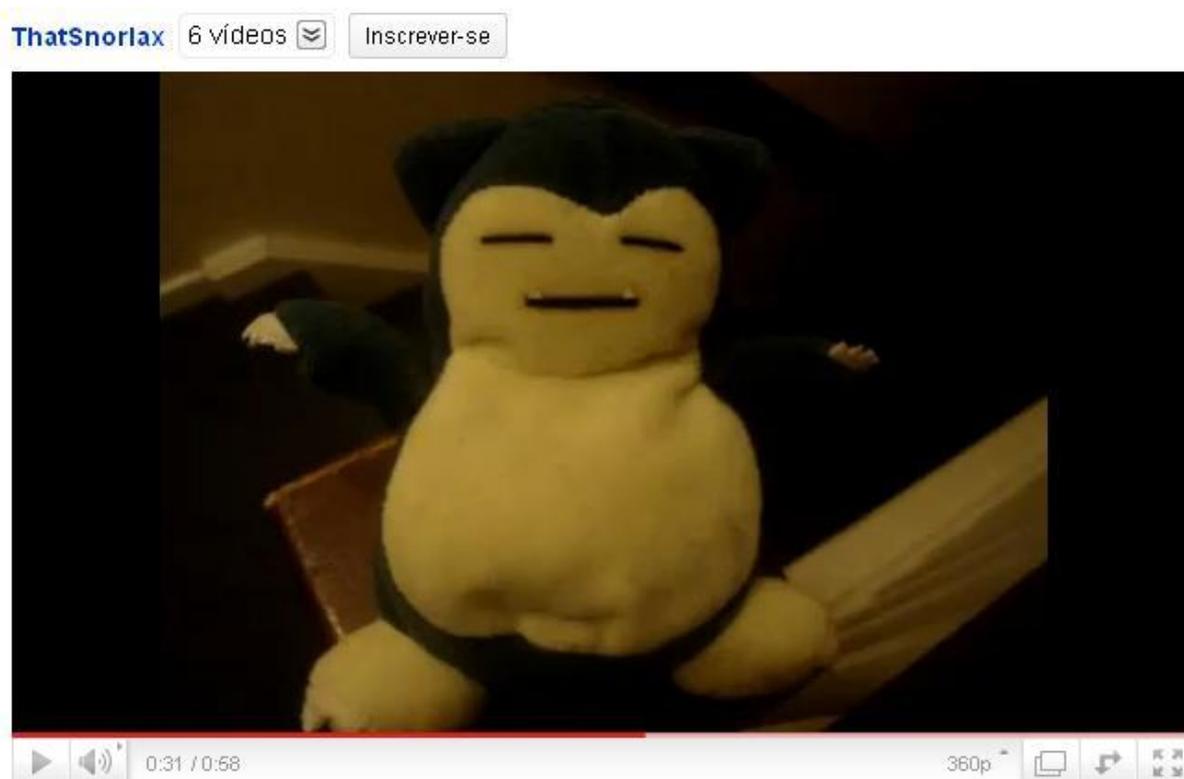


**Figura 10: Robô desviando o olhar**

Conforme observado anteriormente, todos os vídeos deste caso caracterizados pelo estabelecimento de um universo narrativo não o são somente pelos elementos visuais, mas também pelos sonoros. No vídeo 2, uma voz em falsete é utilizada para a fala do personagem apresentado. A semelhança proposital com uma fala de criança, muito aguda, prejudica um pouco a clareza da pronúncia. Essas características sonoras conferem ao robô um aspecto de personagem de um universo infantil. Ainda assim, há variação na fala com a exploração expressiva de algumas pausas ou hesitações.

O vídeo 18, por outro lado, também lança mão de um personagem, mas utiliza a filmagem no espaço interior de uma casa como os demais *vloggers*. Ao invés do autor aparecer, ele utiliza um boneco que protagoniza um vídeo musical composto por vários planos que se sucedem conforme o ritmo da canção. A cada frase, aparece um novo plano: inicialmente, a imagem é escura, não sendo possível definir o que está no quadro; em seguida, descobre-se que é um boneco de pelúcia. Os planos parodiam um videoclipe. Quando a letra da música diz: “suas palavras

favoritas são *então* e *debate*<sup>56</sup>, o boneco aparece à frente de uma folha onde as palavras *so* e *debate* estão escritas à mão. Outros planos mostram a tela do computador com a página do canal de *Blade376*, e em seguida a página do autor deste vídeo (ThatSnorlax), enquanto é cantado o refrão “saia Myles, entre Snorlax<sup>57</sup>”. A supressão da imagem é utilizada para dar ênfase à letra no momento em que a letra diz “você sabe que Snorlax é o sexo<sup>58</sup>”. Neste momento, a tela fica preta, e a ausência de elementos visuais enfatiza os elementos verbais.



**Figura 11: Personagem do vídeo 18**

Os elementos sonoros têm importância primordial no vídeo 18. A base instrumental da música “*Enter Sandman*” do grupo Metallica é utilizada. Sobre essa base, o *vlogger* canta a resposta ao vídeo Zero, mantendo a melodia da canção original. a voz é grave, bastante rouca, conferindo autenticidade à referência aos cantores de rock pesado. A letra está escrita na descrição do vídeo que pode ser

<sup>56</sup> *Your favorite words are so and debate*

<sup>57</sup> *Exit myles, enter Snorlax.*

<sup>58</sup> *you know that Snorlax is the sex.*

vista na página do *YouTube*. A ênfase obtida no momento em que há supressão da imagem também é reforçada pela supressão de parte dos elementos sonoros. A base instrumental é silenciada, e só permanece a voz que canta.

### **Quando os elementos sonoros se sobressaem**

Apesar da inclusão de trilha musical em alguns dos vídeos (Zero, abertura do vídeo 7, vídeo 12), esse elemento não adquire uma importância tão significativa quanto nos vídeos descritos acima. Há ainda dois exemplos em que os elementos sonoros cumprem um papel fundamental na transmissão das mensagens.

No vídeo 6, o autor faz uma crítica aos *vloggers* que apelam à comicidade barata para obter popularidade<sup>59</sup>. Em seguida, ele mesmo exemplifica, fazendo uma breve interpretação musical. Ele canta as palavras “*Chocolate rain*” e exagera as expressões faciais, inclinando a cabeça, apertando os olhos e desfigurando a boca. As caretas explicitam o deboche que, no entanto, não teria o mesmo sentido sem o elemento sonoro do canto. Há um balão sobreposto a essa imagem (utilizando o recurso do *YouTube* de comentário sobreposto ao vídeo) com o texto “*I WILL NOT perform this more than once for friends if they can see this lol*)”.

---

<sup>59</sup> *You don't continually resort to cheap comics.*

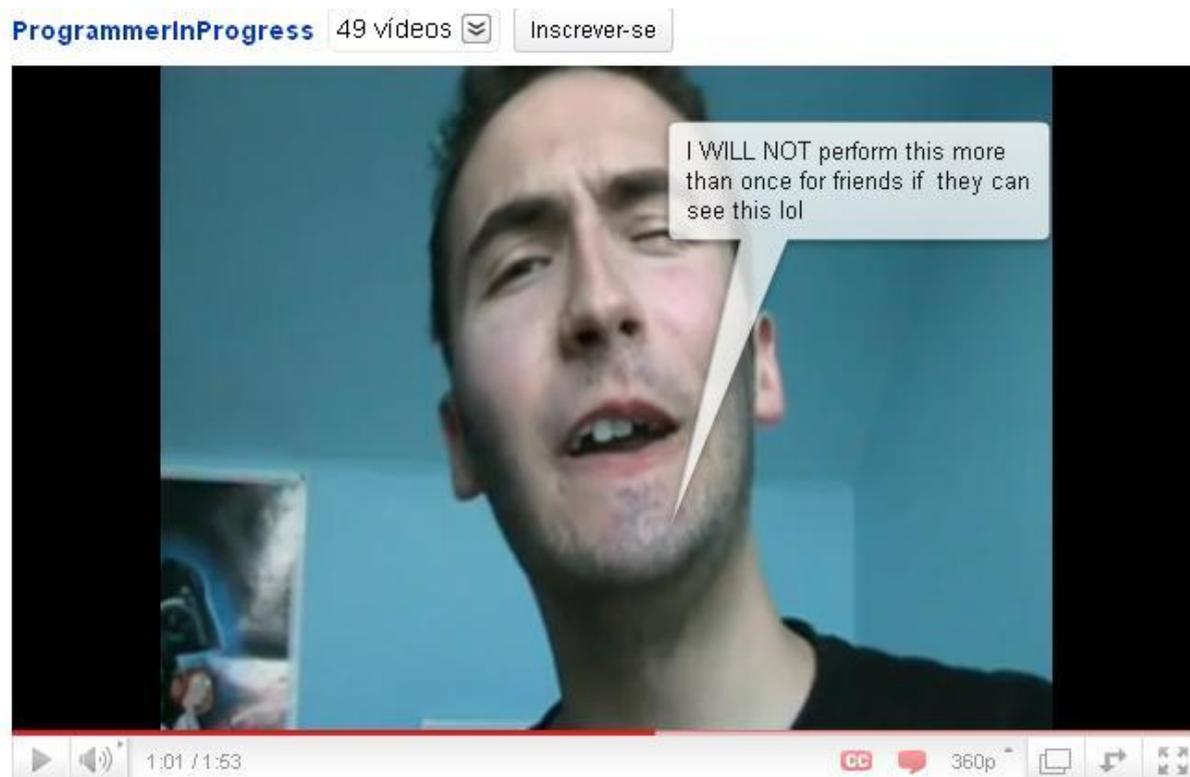


Figura 12: anotação sobre o vídeo

Já no caso do vídeo 5, os elementos sonoros são o assunto principal escolhido pelo *vlogger* para responder ao vídeo Zero. Como foi visto anteriormente, diversos dos respondentes mencionaram o sotaque britânico de Myles como um elemento importante que os estimula a assisti-lo. O autor do vídeo 5 faz uma imitação jocosa e bastante exagerada da sonoridade desse tipo de sotaque ao falar: “a razão para eu assistir aos seus vídeos é porque seu sotaque é fantástico<sup>60</sup>”. A fala inicia em um tom de voz alto que se torna mais grave até o final, e a sonoridade é marcada e pomposa. A seguir, ele faz um sorriso forçado com as sobrancelhas muito arqueadas e assume a sua fala normal, onde inclusive a voz tem um tom mais grave do que na parte da imitação. O tom jocoso assumido neste vídeo é o que dá a ele um caráter único, e a interpretação pelo *vlogger* da sonoridade que ele percebe no sotaque britânico é mais eloqüente do que uma mera menção não ilustrada a esse fator. Curiosamente, nos comentários ao vídeo, o próprio autor desse *vlog*

---

<sup>60</sup> *The reason I watch your videos is because your accent is amazing.*

escreveu, ainda dirigindo-se exclusivamente a Myles: “eu devo apontar que meu sotaque falso não foi uma tentativa de imitar o seu haha! :D<sup>61</sup>”.

### **c. Considerações sobre a competência discursiva oral**

Pressupõe-se que os indivíduos que decidem aparecer em um vídeo ao invés de transmitir suas mensagens de forma apenas escrita estão dispostos a aceitar a exposição que advém dessa publicação. Apesar disso, entre os indivíduos dispostos a se exporem, encontram-se diferentes graus de desinibição, articulação e clareza verbal e gestualidade. Essa oscilação do que poderia considerar-se uma competência discursiva oral dos *vloggers* constitui uma espécie de desafio para o espectador de *vlogs*, especialmente aquele cuja percepção foi acostumada a encontrar, em vídeo, um determinado padrão de telecomunicadores como os que são apresentados pelas grandes instituições de mídia. Esse tipo classicamente instituído caracteriza-se por uma fala bem articulada, com pronúncia clara e a entonação considerada padrão da língua de cada país (sem sotaques e regionalismos).

No caso analisado, nenhum dos 18 *vloggers* é um profissional da comunicação. Embora a maior parte deles consiga ter um desempenho aceitável diante da câmera, no sentido de conseguir transmitir um discurso coerente que comunica as idéias a que se propõe, todos apresentam oscilações de fluência e desenvolvimento dos assuntos durante a fala. Hesitações, incertezas e contradições tornam-se aparentes na expressão facial ou corporal e também nas pausas e oscilações do tom de voz. Dois exemplos extremos que podem ser apontados são o vídeo Zero e o vídeo 7.

O autor do vídeo Zero é o que mais se aproxima do padrão televisivo. Não à toa, esse é o vídeo originário das vídeo respostas deste caso, e fica evidente, através da fala de vários dos respondentes, que essa competência é atraente para os espectadores e é uma das razões para o alto número de inscritos no canal de *Blade376*. Em três das respostas encontram-se referências diretas a esse aspecto, como se pode perceber nos trechos selecionados a seguir. Neles, os sujeitos fazem

---

<sup>61</sup> *I must point out that my fake accent was not an attempt to imitate yours haha! :D*

considerações sobre a aparência profissional de *Blade376*, sobre a qualidade de seu discurso e nível de autoconfiança e sobre a possibilidade de imaginá-lo na tela (da televisão). O autor do vídeo 6 afirma: “você consegue passar uma mensagem para qualquer um, na verdade, e você é tão bom às vezes em alguns *vlogs* que é possível na verdade imaginá-lo na televisão, que você é o tipo padrão da televisão<sup>62</sup>”. No vídeo 10, o *vlogger* diz:

É muito persuasivo e de certa forma nos atrai, mas eu também gosto da sua sintaxe e da sua cadência e tudo a respeito da maneira como você usa a linguagem. Isso tem muito a ver com o seu grau de confiança, obviamente, mas eu simplesmente adoro, não há quebras, você tem boa edição, boa noção do tempo, comprometimento no uso do tempo<sup>63</sup>.

Após a publicação desse vídeo, a *vlogger* que havia feito o vídeo 9 achou tão importante a menção ao modo de falar de Myles que ela elaborou outra resposta (vídeo 11), para confirmar isso. Ela salienta, além do sotaque, a importância da voz: “ele falou muito sobre seu sotaque e quão agradável ele é. Eu acho que isso tem alguma coisa a ver com o que eu disse antes, sobre como eu amo a sua voz e escutar a sua voz<sup>64</sup>”.

O grau de confiança visível em Myles, citado pelo autor do *vlog* 10, não depende apenas da forma da fala, mas também da postura diante da câmera. O fato de olhar diretamente para a câmera enquanto fala atrai a atenção do espectador, como se fosse realmente o interlocutor presente, conversando com o sujeito. Quando os *vloggers* desviam o olhar por muito tempo, ou fixam o olhar em pontos fora da câmera, acontece um distanciamento. Sem a atratividade de um olhar direto, fica mais difícil manter a idéia de conversação com o espectador, e sua atenção se desvia com maior facilidade. Outro fator importante para criar a idéia de conversação com o espectador é o uso da segunda pessoa, frequentemente reforçado pelo

---

<sup>62</sup> *You can deliver a message to anybody really, and you're so good sometimes at some vlogs that you can actually imagine you on the telly; that you are kind of telly standard.*

<sup>63</sup> *It's very compelling and just kind of draws you in, but I also like your syntax and your cadence and everything about the way that you use language. It has a lot to do with your confidence level, obviously, but I just love it, there's really no breaks, you have good editing, good timing, committed timing.*

<sup>64</sup> *He talked about your accent very much and how nice the accent is. I think it has some way to do with what I said earlier, about that I love your voice and listen to your voice.*

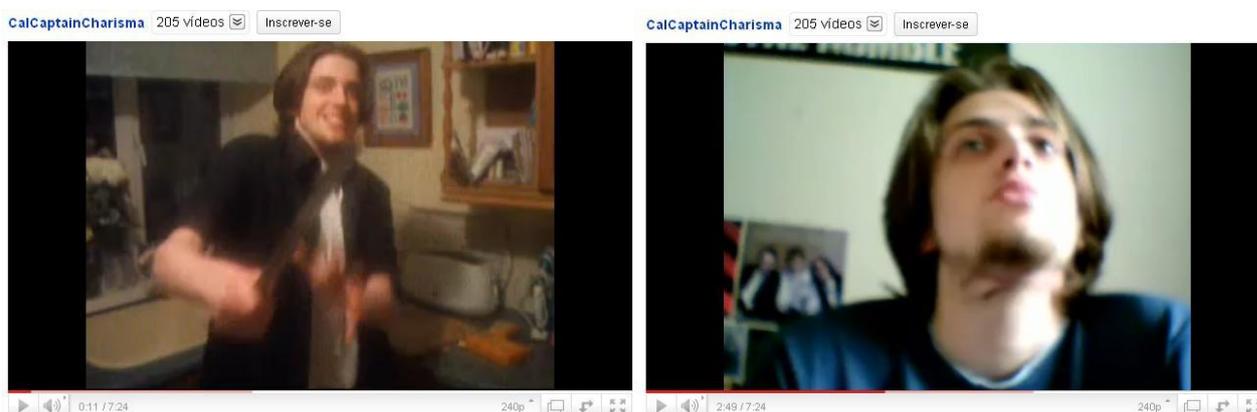
gestual que aponta para frente, para a câmera, quando os pronomes de tratamento são usados. Esses sinais indicam que o sujeito falante acredita na realidade desse interlocutor que ele imagina que assistirá ao seu vídeo em outro momento e em outro lugar, e essa demonstração de deferência é significativa no momento em que um espectador realmente se depara com essas imagens e sente-se interpelado por elas.

Considerando esses fatores, pode-se perceber a ocorrência de um afastamento desses aspectos cristalizados pelo padrão televisivo em alguns *vlogs*, como, por exemplo, no vídeo 7. O sujeito não olha diretamente para a câmera, a não ser em alguns momentos rápidos, e permanece olhando para o alto a maior parte do tempo. Ele é o único que não se refere a Myles diretamente em 2ª pessoa, mas trata-o em 3ª pessoa, criando um distanciamento. Esse distanciamento altera também a relação de conversação. Ao responder à pergunta de Myles tratando-o em 3ª pessoa, o *vlogger* parece estar falando com seus próprios pensamentos ao invés de estar falando para alguém. O vídeo é longo (7min24s) e em nenhum momento o *vlogger* usa algum pronome de tratamento para indicar que ele está falando para alguém, exceto no final, quando se despede, e ainda a despedida contém uma hesitação. Ele diz “*I see you sss... all*”. A permanência do som de “ss” parece indicar que ele iria pronunciar a palavra *soon* para dizer “até logo”, mas por algum motivo resolveu mudar para dizer “vejo vocês todos”.

A situação é agravada pelos aspectos verbais e sonoros: a fala desse *vlogger* caracteriza-se pela falta de fluência e um excesso de gaguejadas, hesitações e idéias que não se completam, aliadas a uma pronúncia sem clareza. O ritmo do discurso fica estilhaçado, tornando difícil acompanhar as idéias; e isso somado à falta de empatia pelo distanciamento do olhar do *vlogger* prejudica a atratividade do vídeo. Apesar disso, a nível verbal apenas, ao examinar a transcrição é possível encontrar menções a vários dos tópicos analisados na parte anterior deste capítulo e diversas informações que fornecem respostas ao vídeo Zero.

Um aspecto contraditório do vídeo 7 surge pela inclusão de uma sequência inicial que contém elementos visuais e sonoros diferentes da parte principal do vídeo resposta. O 1º minuto do vídeo é uma seção de introdução à semelhança de uma abertura de programa televisivo ou seriado. Nela, o *vlogger* aparece em *flashes* de

poses e atitudes descontraídas, em posturas autoconfiantes e sorrindo simpaticamente, ao som de um rock pesado. O sujeito ali filmado aparece como uma pessoa extrovertida, ativa, simpática, brincalhona, com uma presença forte. No entanto, o personagem construído por esse trecho cheio de ação não se sustenta durante o *vlog*. Especialmente o ritmo do discurso que se segue e o fato do sujeito não buscar a câmera com o olhar marcam um contraste radical com a expectativa criada pela introdução do vídeo.



**Figura 13: Contraste entre abertura e parte principal no vídeo 7**

Apesar de todos os aspectos que o distanciam dos comunicadores padronizados pelas instituições de mídia, este *vlogger* considera-se uma pessoa, em suas próprias palavras, “confiante suficiente para sentar-se diante de uma câmera e falar<sup>65</sup>”, e considera-se mais competente para isso do que “algumas pessoas, sem querer ofendê-las, que são realmente um pouco tímidas diante da câmera<sup>66</sup>”. Essas observações apontam para uma mudança de paradigma que provavelmente está ocorrendo devido à inclusão e abertura à manifestação pública de qualquer pessoa nos meios de comunicação digitalizados. A adequação àqueles padrões institucionalizados não determina mais a aparição dos indivíduos em uma tela, nem a sua falta determina a rejeição automática de sua manifestação pública. As imperfeições e as idiosincrasias não são mais observadas como fatores excludentes, o que não significa que tenham perdido a validade, mas que perderam a característica de valores imprescindíveis para a publicação e distribuição.

<sup>65</sup> *I feel I'm a confident enough person to sit in front of a camera and talk.*

<sup>66</sup> *Some people, I mean no offense for them, they're really a bit shy in front of the camera.*

O caso *Blade376* conta com outros vídeos que chamam a atenção pelas imperfeições visuais e sonoras e, no entanto, carregam um bom conteúdo verbal e estabelecem uma excelente conversação com o vídeo originário, além de apontar relações com outros *vloggers* deste mesmo caso e de mencionar a continuidade da conversação em outras redes sociais. Os vídeos 9 e 11 foram publicados pela mesma *vlogger*. Após a publicação do primeiro, ela viu a resposta de outro *vlogger* e decidiu complementar sua resposta. Isso é interessante com relação à “vida” da conversação e aos cruzamentos entre os nós dessa rede.

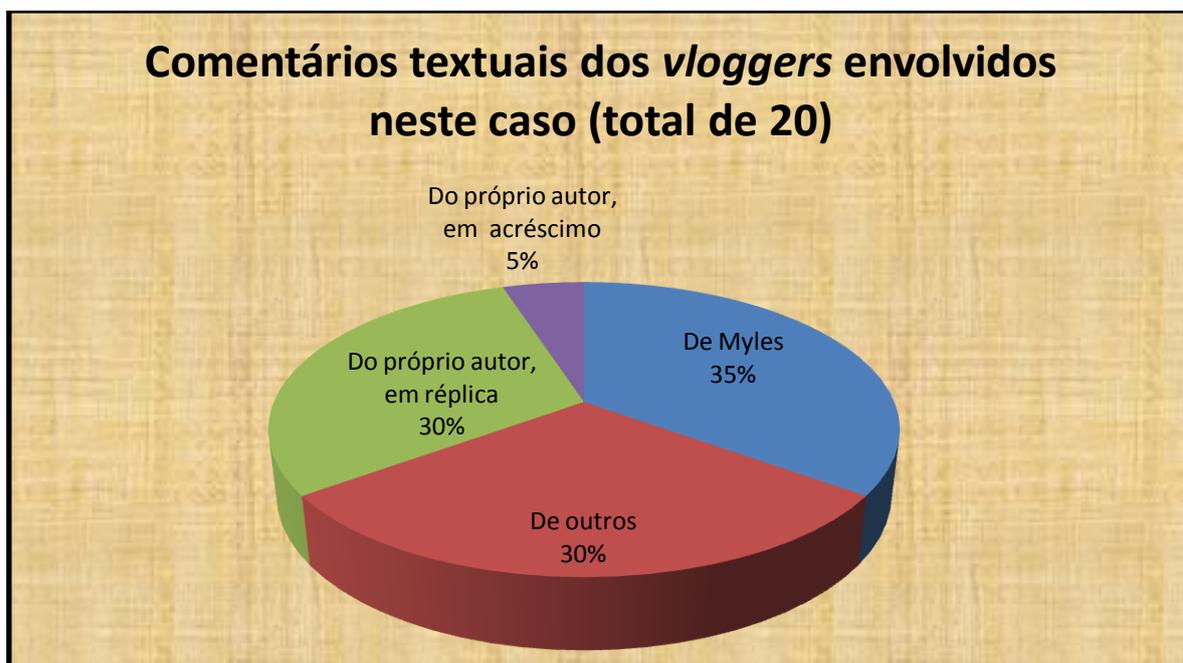
A característica, no entanto, que inicialmente chama a atenção nos vídeos dessa *vlogger* é a sonoridade da sua fala. Ela fala com a voz trêmula, geralmente bastante aguda. Prece ter bastante dificuldade para pronunciar as palavras e fala com lentidão. Há um momento em que ela coloca a mão sobre o pescoço, à frente da garganta, e devido a esse gesto é possível pensar que ela tem algum problema nessa região, o que estaria afetando a sua fala. Somando-se a essa dificuldade, esses vídeos apresentam baixa qualidade de resolução de imagem. O pixelamento prejudica a definição dos elementos visuais. O conteúdo verbal e as atitudes gestuais da *vlogger* contrastam com a fragilidade evidente nos elementos sonoros nestes vídeos. Apesar da dificuldade para falar, ela responde a *Blade376* com idéias claras, citando vários motivos pelos quais assiste a seus vídeos, e, ainda que não seja falante nativa de inglês (no segundo vídeo apresenta-se como sendo sueca) tem uma boa escolha de vocabulário e apresenta suas opiniões com precisão. A atitude delicada, simpática e meiga de seus sorrisos, olhares e gestos suaviza impressão de desconforto causada pela dificuldade de emitir a voz.

Essa conversação provoca o aparecimento de uma dimensão emocional bastante significativa que não estaria presente se acontecesse somente de forma textual. A evidência de uma dificuldade física em um interlocutor raramente deixa de afetar emocionalmente um observador. A fala trêmula e lenta pode provocar no espectador reações como ansiedade, pena ou raiva (pela demora em concluir as idéias). Ao mesmo tempo, a moça que se observa retratada em imagens de pouco contraste se move com suavidade e fala com coerência, gerando empatia e curiosidade. Essa experiência de impressões contraditórias estaria descartada se a resposta fosse um texto em lugar de um vídeo.

#### d. Continuação das conversações em comentários textuais

Foram coletados 20 comentários textuais sobre os vídeo respostas, publicados pelos *vloggers* que fazem parte deste caso. Os comentários de outros usuários não foram considerados. O objetivo desta coleta foi verificar a continuidade das conversações e as diferentes interações entre os sujeitos. Foram encontrados 4 tipos de comentários, quanto à origem:

- a) De Myles (resposta à vídeo resposta) (7)
- b) De outros *vloggers* (6)
- c) Do próprio autor do *vlog*, em réplica a um comentário publicado (6)
- d) Do próprio autor do *vlog*, em acréscimo à vídeo resposta (1)



**Tabela 9: Comentários textuais**

Nas respostas de Myles aos vídeo respostas encontramos assuntos como: elogios ao vídeo resposta, agradecimento, comentários sobre os tópicos respondidos, novos tópicos e perguntas ao autor do vídeo. Nos comentários de outros *vloggers*, também existem elogios ao autor do vídeo, comentários sobre os tópicos, manifestações de surpresa, concordância com as opiniões apresentadas e novos tópicos. Nas réplicas dos autores dos vídeos, encontramos agradecimentos, brincadeiras, comentários sobre as respostas recebidas, novos tópicos,

concordância e repostas às perguntas feitas. A seguir, serão comentados alguns exemplos significativos. No vídeo 4, a autora diz:

Você tem a mente aberta e não tem pressa, absolutamente, em julgar as pessoas. E em uma discussão ou disputa com alguém você se dá o tempo para ver o ponto de vista dele. (...) e eu sou assim também, mas não inicialmente. Minha primeira reação é culpar todo mundo pelos meus problemas.<sup>67</sup>

Myles responde a esse trecho do vídeo com o comentário: “Eu acho que todos nós prejudgamos inicialmente... é diferente se nós exercemos os julgamentos no início... ou recuamos e pensamos sobre isso antes de falar e tomar uma iniciativa =]”<sup>68</sup>. Outro vídeo onde ocorre um exemplo semelhante é o 14. O autor fala:

Ah, em certo sentido eu conheço seu avatar, eu não te conheço, eu não conheço a sua alma, eu não conheço o seu corpo, mas eu conheço a imagem ou o reflexo que você coloca pra fora. E é definitivamente algo que vem de dentro, você é um *youtuber*, é por isso que eu gosto de assistir para entender o que está acontecendo aí.<sup>69</sup>

A resposta de Myles leva adiante a conversa ao comentar e expandir a perspectiva apresentada por esse *vlogger* e conclui deixando uma questão para refletir:

Perspectiva interessante haha – eu realmente acredito que o *youtube* quebra barreiras de lugares em torno do mundo – dá a todo mundo uma perspectiva verdadeira de outras culturas, etc. O comentário do avatar também é interessante, e um vídeo somente apresenta idéias e não as pessoas em si mesmas – mas então, alguma vez nós realmente conhecemos alguém?<sup>70</sup>

---

<sup>67</sup> *You're open-minded and you're not quick to judge people at all. And in an argument or in a dispute with someone you take the time to see his point of view. (...) and I'm like that too, but not initially. My first reaction is to blame everyone for my problems.*

<sup>68</sup> *I think we all prejudge at first... it's different if we exercise the judgements initially... or step back and think through it before we speak and take action =]*

<sup>69</sup> *Ah, in a sense, I know your avatar, I don't know you, I don't know your soul, I don't know your body, but I know the image or the reflection that you put out there. And it is definitely from the inside, you're a youtuber, that's why I like looking at it to understand what's going in there.*

<sup>70</sup> *Interesting perspective haha – I truly believe youtube breaks down barriers of locations down the world – gives everyone a true perspective of other cultures etc. The avatar comment is also interesting, and a video only portrays ideas, and not the person themselves – but then, do we ever truly know someone?*

O vídeo 10, como já foi exposto anteriormente, é aquele cujo autor expressa o desejo de se comunicar com seus alunos de artes marciais, além de tecer diversos comentários ao sotaque de Myles e mencionar o desejo de conhecê-lo e conversar pessoalmente algum dia. Todos esses assuntos são comentados na resposta de Myles, acrescidos de uma pergunta:

É incrível que você use isso para as artes marciais =] é um meio tão grandioso para expressar sua visão, informação e idéias para as massas! Eu realmente quero fazer artes marciais de novo – eu fiz karatê mas desisti aos 9 anos – talvez eu deva retomar novamente =]

E sotaques são uma coisa louca! Eu amo os sotaques dos Estados Unidos hehe! Quanto a nos encontrarmos pessoalmente, eu vou à reunião do *youtube* em 888 @ Toronto – antes disso eu estarei em Seattle, LA e Texas. O que era a música no final a propósito<sup>71</sup>?

A essa resposta, o autor do vídeo 10 publica a réplica:

As artes marciais realmente são uma coisa maravilhosa. Volte a fazer quando você tiver algum tempo para se dedicar. Quanto aos sotaques... talvez seja simplesmente “nós queremos o que nós não temos”. Eu poderia escutar o *Geico Insurance Lizard* (australiano) o dia inteiro!! Eu vou definitivamente acompanhar o evento em 888, já que Toronto é uma cidade incrível & é o mais próximo que você listou. A música é um fragmento de rock recortável de 9 segundos do *iMovie*. Eu uso esse e alguns outros para introduções ou como trilha<sup>72</sup>.

Esses exemplos mostram como uma conversação que se estabeleceu a partir dos vídeos teve continuidade por meio de comentários textuais. Um aspecto que chama a atenção na última conversação observada é a alta manutenção da coerência. Apesar de haver vários tópicos abordados, nenhum deles se perde ou é ignorado, recebendo atenção tanto na resposta quanto na réplica.

---

<sup>71</sup> *That's awesome you use it for martial arts =] It's such a great medium to Express your views, information and ideas to the masses! I really want to take martial arts agains – I did karate but quit when I was 9 – maybe I should take it up again =] and accents are a crazy thing! I loe the US accents hehe! as for hanging out, I'm going to the youtube gathering in 888 @ Toronto – prior to that I'll be in Seattle, LA and Texas. What was the music at the end btw?*

<sup>72</sup> *The martial arts is definitely an awesome thing. Get back in it when you have some time to devote. As for the accents... maybe it's simply "we want what we don't have." I could listen to the Geico Insurance Lizard (australian) all day!! I'll definitely look up the event at 888, as Toronto is an amazing city & is the closest that you've listed. The music is a stock, 9-sec rock snip-it from iMovie. I use it and a few others to into or as a trailing sound.*

A partir do vídeo 7 a conversação em comentários desenvolve-se com outros dois *vloggers*, porém, sem o mesmo aprofundamento dos assuntos dos exemplos anteriores. O autor do vídeo 6 concorda com os pontos de vista apresentados:

Eu concordo com você aí, ele é um bom *vlogger*, muito bom, ele tem um tipo de jeito de te atrair (uma fórmula que eu ainda tenho que descobrir). Eu estava pensando em fazer uma resposta ao vídeo dele, mas tenho estado ocupado com revisão etc.<sup>73</sup>.

O autor do vídeo 7 agradece, concorda também com esse comentário e acrescenta : “boa sorte com o resto dos seus exames :)”<sup>74</sup>. Esta última observação revela que esses dois *vloggers* se conhecem anteriormente, pois o comentário anterior somente mencionou as “revisões”, no entanto, a resposta mostra que o autor do vídeo 7 sabia que se tratava de exames. Em seguida, aparece o comentário do autor do vídeo 12: “haha, a introdução é fantástica!”<sup>75</sup>, respondida da seguinte forma: “parece que a introdução é boa – com tantos dizendo que gostam dela. Obrigado pelo comentário :)”<sup>76</sup>.

Um exemplo de surpresa expressa em um comentário por outro *vlogger* acontece no vídeo 11. O autor do vídeo 5 escreve: “*aww :D SWEDEN wohood!*” e recebe em réplica da autora: “Sim, representante da Suécia!! =)”<sup>77</sup>. E outro exemplo interessante acontece no vídeo 18, onde o autor faz a paródia de um videoclipe com uma letra jocosa sobre Myles na melodia do grupo Metallica. A resposta breve, porém elogiosa, mostra a aprovação de Myles ao vídeo resposta: “gênio puro! hah!”<sup>78</sup>. Na réplica do autor há mais uma brincadeira irônica incluída, atenuada pela risada e pelo *emoticom*: “hahaha, obrigado Blade, emocionado que você aprovou. Desculpe por não ter letra suficiente, você não é interessante o suficiente, haha,

---

<sup>73</sup> *I agree with you there, he's a good vlogger, a very good vlogger, he has a sort of way of drawing you in(a formula I've yet to discover). I was thinking of doing a response to his video, but I've been busy with revision etc.*

<sup>74</sup> *Good luck with the rest of your exams :).*

<sup>75</sup> *Haha, the intro is awesome!*

<sup>76</sup> *It seems that the intro is a good one – with so many saying they like it. thanks for the comment :).*

<sup>77</sup> *Yep, Sweden represent!! =)*

<sup>78</sup> *Pure genius! hah!*

xD<sup>79</sup>". Após, há mais um comentário de surpresa e elogio, publicado pela autora do vídeo 17: "risadas =D essa é uma surpresa agradável de vídeo resposta, idéia realmente boa... do tipo original! risadas =P<sup>80</sup>".

Observando todas essas interações, percebe-se que os *vloggers* envolvidos neste caso tiveram o interesse de assistir aos vídeos uns dos outros e mantiveram algumas conversações, ainda que rápidas. Assim, pode-se afirmar que os vídeo respostas levaram realmente ao estabelecimento de conversações, com o levantamento e o debate de diversos tópicos. O único caso de réplica em vídeo partiu da autora do vídeo 9. O vídeo 11, publicado pela mesma autora, é um complemento da resposta a Miles provocado pelo conteúdo do vídeo 10. Ela explica da seguinte forma:

Eu publiquei uma resposta a esse vídeo há apenas uma hora, eu acho, mas eu pensei sobre isso e assisti a algumas outras respostas e acho que eu posso fazer uma melhor, ok? E eu tive também uma interação com um dos outros membros que responderam ao seu vídeo. (...) O membro que eu contatei foi ChenCenter, eu acho que você pode achá-lo em algum lugar da tela... sim, eu tenho que concordar com tudo o que ele disse<sup>81</sup>.

Ou seja, ela interagiu com outro *vlogger* e foi influenciada pelo vídeo publicado por ele. No entanto, optou não por fazer um vídeo resposta para esse outro *vlogger*, mas sim outra resposta mais bem elaborada para o vídeo Zero. Esse fato gera o interesse em outro levantamento relativo ao tema deste estudo. Com quem os *vloggers* estão intencionalmente se comunicando ao publicar vídeo respostas? Dirigem-se exclusivamente ao autor do vídeo Zero, ignorando todos os outros espectadores, ou demonstram reconhecer a natureza pública dessas conversações?

---

<sup>79</sup> Hahaha, thanks Blade, stoked you're down with it. sorry that it doesn't have enough lyrics, you're not interesting enough, haha, xD.

<sup>80</sup> lol =D that's a nice surprise of a vid response, really good idea... original like! lol =P.

<sup>81</sup> I posted a response to this video just an hour ago, I think, ah, but I thought about it and looked at some other responses and i think I can make a better one, ok? And i also got an interaction from one of the other members who responded to your video. (...) the member that I came in contact with were ChenCenter. I think you can find him somewhere on the screen... yeah, and I have to agree with everything he said.

Inicialmente, para responder a essas questões, é preciso lembrar que na página que concentra todos os vídeo respostas ao vídeo Zero, há dois vídeos privados, que provavelmente estão acessíveis somente às suas autoras (as imagens em miniatura mostram duas moças) e a Myles. Essas duas *vloggers* deixam claro que não têm o interesse de tornarem suas respostas públicas, e utilizam para isso as ferramentas do *YouTube* que permitem bloquear o acesso público e anônimo a seus vídeos. Nos outros casos, é preciso procurar pistas da intencionalidade ou não de receber interações de qualquer origem. De qualquer maneira, o fato de não terem tornado seus vídeos privados revela a princípio uma disposição de estar exposto a todo mundo, porém, alguns *vloggers* dão indicações mais claras da consciência de estarem publicando a si mesmos para transmissões em ampla escala. Exemplos:

Vídeo 1: “Obrigada por assistir, quem quer que você seja!”<sup>82</sup>

Vídeo 4 (no texto que descreve o vídeo): “confirmam esse cara”<sup>83</sup>.

Vídeo 6 (no texto que descreve o vídeo): “esta é simplesmente uma vídeo resposta a *Blade376* sobre seu destaque na comunidade e por que eu sou um fã dos seus *vlogs*”<sup>84</sup>.

Vídeo 10: “E eu acabei de perceber depois de assistir seus *vlogs* e os do *Geriatric1927* que esta pode ser uma forma muito, muito amigável, muito divertida de alcançar as massas e eu estou aproveitando cada minuto disso”<sup>85</sup>.

Vídeo 15: “tchau tchau todo mundo na internet”<sup>86</sup>.

Vídeo 17 (no texto que descreve o vídeo): “Esta é uma vídeo resposta a: por que você assiste aos meus vídeos? *Blade376* fez esse vídeo e eu achei que vídeo

---

<sup>82</sup> *Thank you for watching, whomever you are!*

<sup>83</sup> *Check this guy out.*

<sup>84</sup> *This is simply a video response to blade376 about his standing in the community and why I'm a fan of his vlogs*

<sup>85</sup> *And I've just realized after watching your vlogs and Geriatric1927's that this can be a very very friendly, very entertaining way of reaching the masses and I'm enjoying every minute of it.*

<sup>86</sup> *Bye-bye everybody on the internet.*

respostas são mais legais do que comentários =D Então isto é especialmente para Myles =P<sup>87</sup>”

Vídeo 18: “eu canto sobre *Blade376*...”<sup>88</sup>”

Ao incluir esses trechos em suas publicações, esses sujeitos demonstram estar cientes de que suas respostas, mesmo que especialmente dirigidas a *Blade376*, são acessadas por qualquer usuário do *YouTube*. Isso não significa, certamente, que aqueles que apenas se dirigem a ele em suas respostas não tenham essa consciência. A diferença, aqui, é o efeito que isso pode ter sobre um espectador anônimo. Ainda que seja pequena, uma referência aberta a qualquer pessoa que possa estar assistindo deixa explícito o fato de que aquela não é uma conversa particular. Esse oferecimento de abertura tem o efeito de permissão para um possível aprofundamento das interações em forma de respostas ou comentários.

### **e. Estrutura das conversações**

Considerando conversações como sequências de enunciados relacionados que partem de um mesmo ponto, foram encontradas 17 conversações originadas a partir do vídeo Zero. Como entre os 18 vídeo respostas há dois vídeos (9 e 11) da mesma autora, eles configuram a continuação da mesma conversa. Fatores comuns a todas as conversações são a origem no vídeo Zero e pelo menos um vídeo resposta. A extensão das conversações varia de 2 enunciados (apenas o vídeo originário e o vídeo resposta) a 6 enunciados, com as seguintes distribuições de tipos de enunciados:

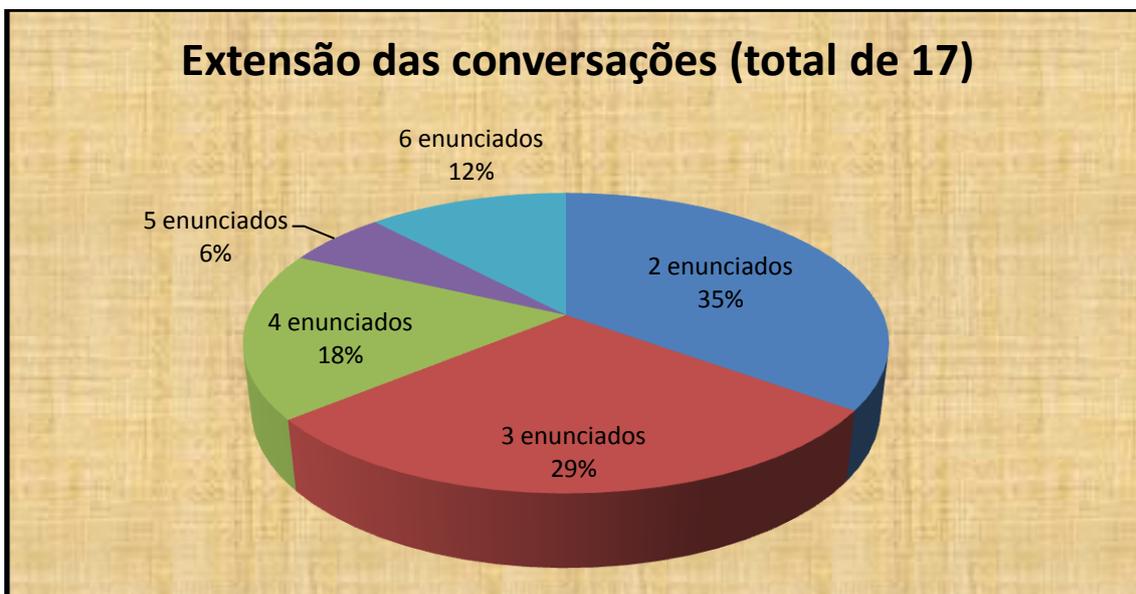
- 2 enunciados (2 vídeos): 6 conversações
- 3 enunciados (2 vídeos + 1 comentário): 5 conversações
- 4 enunciados (2 vídeos + 2 comentários): 3 conversações
- 5 enunciados (2 vídeos + 3 comentários): 1 conversação
- 6 enunciados: 2 conversações, em 2 configurações diferentes:

---

<sup>87</sup> *This is a video response to: Why do you watch my videos? Blade376 did this vid and i just thought that video responses are nicer than comments =D So this is especially for Myles =P.*

<sup>88</sup> *I sing about Blade376...*

(2 vídeos + 4 comentários) e (4 vídeos + 2 comentários)



**Tabela 10: Extensão das conversações**

Quanto à origem dos comentários textuais, 7 são réplicas de Myles aos vídeo respostas, e 3 são tréplicas dos autores dos vídeos aos comentários feitos por ele. Os demais estão distribuídos entre comentários de outros *vloggers* sobre os vídeo respostas e réplicas dos autores dos vídeos a esses comentários. É necessário apontar aqui que, entre os comentários feitos pelos outros *vloggers*, nem todos os assuntos encontrados têm relação direta com o vídeo originário; no entanto, como eles mantêm uma relação indireta com o vídeo Zero, não foram considerados como iniciando novas conversações.

A única conversação que envolve mais de dois vídeos é a estabelecida pela *vlogger* josefin85, autora dos vídeos 9 e 11. A sequência de 4 vídeos é a seguinte: vídeo Zero, como origem, vídeo 9 em resposta (primeira resposta de josefin85), vídeo 10, publicado por outro *vlogger* em resposta ao vídeo Zero, e vídeo 11 (segunda resposta de josefin85), direcionado ao vídeo Zero, mas provocado pelo vídeo 10. Ou seja, após publicar o vídeo 9, a *vlogger* josefin85 assistiu o vídeo 10 e elaborou uma nova resposta, mencionando tópicos abordados nele. Assim, o vídeo 10 foi considerado como enunciado pertencente a essa conversação, apesar de ele referir-se somente ao vídeo Zero. As transcrições dos vídeos 9, 10 e 11 foram incluídas no Anexo I para ilustrar essas relações. Os demais enunciados dessa

conversaço são um comentário textual para o vídeo 11 publicado pelo autor do vídeo 5 e a resposta de josefin85 a esse comentário.

O vídeo 10 é o único que, além do vídeo Zero, foi considerado integrante de duas conversações diferentes. Apesar de estar incluído na conversação mencionada acima, este vídeo também estabelece uma conversação própria com o vídeo originário, que se desenrola em dois comentários muito ricos em conteúdo apresentados na pág. 106. Dessa forma, podemos evidenciar a ocorrência de conversações com relações complexas entre os enunciados em vídeo e em texto e entre os sujeitos integrantes deste caso.

## **f. Tipologia estrutural dos vídeos**

A análise da estrutura dos vídeos levou em consideração as escolhas formais tais como: tipos de elementos visuais, enquadramento, espaço, montagem, edição, tipos de elementos sonoros e tipo de discurso adotado. A partir dessas observações, foi possível efetuar uma classificação em três tipos de formatos, que foram chamados de (a) formato básico, (b) formato básico modificado e (c) outros formatos.

O formato básico recebeu esse nome por ser o mais freqüente e o mais típico em *vlogging*. É um tipo de vídeo que não requer o domínio de ferramentas de edição nem de quaisquer habilidades de captura e composição de imagem, e pode ser obtido facilmente com o uso de qualquer câmera, requerendo apenas a operação de ligar e desligar a gravação. Esse formato tem as seguintes características:

Quanto aos elementos visuais:

- Câmera fixa
- Presença de um sujeito falante
- Plano frontal, geralmente em *close-up* do rosto do sujeito
- Ausência de produção, apresentação despojada, roupas cotidianas
- Espaços internos, geralmente o interior de uma casa (quarto ou sala de estar)
- Seção única (sem montagem); cortes apenas para a edição do discurso

Quanto aos elementos sonoros:

- Discurso oral do sujeito, fala normal
- Ruídos ambientes

Quanto aos elementos verbais:

- Discurso cotidiano
- Depoimento pessoal (ponto de vista sobre um assunto, opiniões)
- Centralidade de um tema
- Endereçamento ao(s) espectador(es) em 2ª pessoa

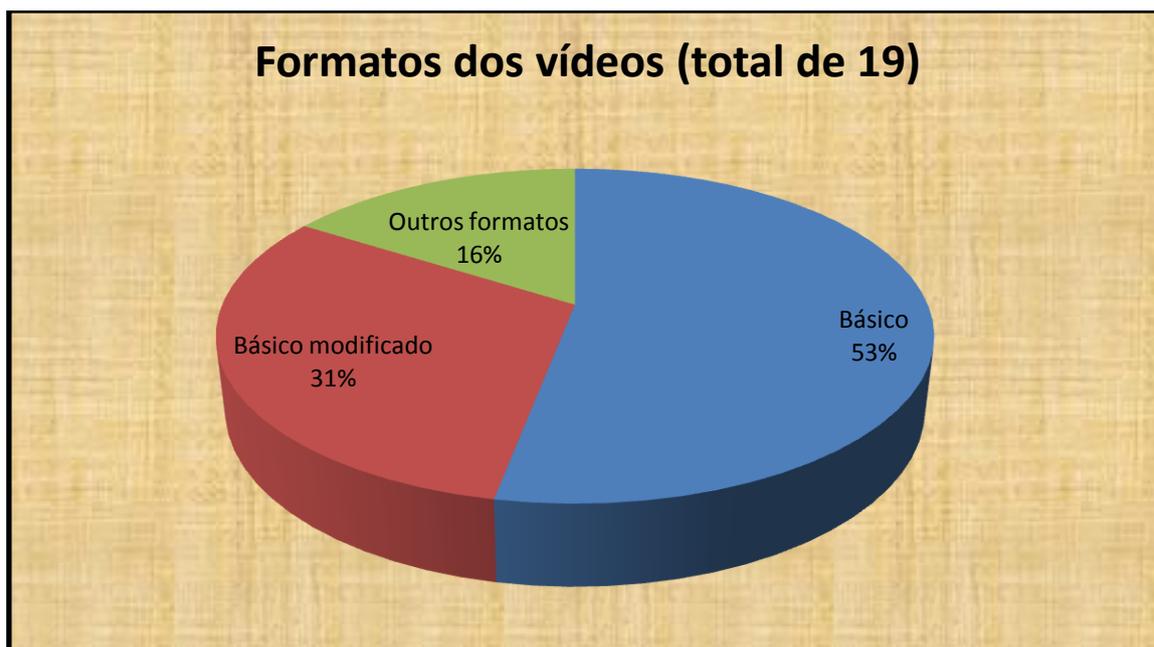
O formato básico modificado aparece nos vídeos em que é possível reconhecer essas características na sua maior parte, com algumas modificações ou acréscimos como trilha musical de fundo ou seções de abertura ou finalização. Apesar dessas inclusões, a porção principal desses vídeos mantém a presença do sujeito e a ênfase no discurso oral em tom de depoimento pessoal.

Os vídeos classificados como outros formatos afastam-se bastante das características do formato básico, e não apresentam necessariamente características em comum. Eles têm maior elaboração formal, e maior manipulação das matrizes da linguagem. Essas diferenças causam efeitos importantes sobre a conversação desenvolvida por meio deles.

Os formatos básico e básico modificado favorecem a conversação de forma tradicional, pela predominância do discurso verbal. Neles, os elementos audiovisuais se coordenam para emprestar ênfase ao discurso e para revelar os sujeitos que os pronunciam. Todos os elementos convergem para o objetivo de expor um ponto de vista sobre determinado assunto. A coerência da conversação é mais claramente percebida. Em contrapartida, nos vídeos de outros formatos a relação entre os elementos verbais e os audiovisuais tende a ser mais solta e o potencial de revelação do sujeito é variável. A vinculação como vídeo resposta e o tratamento em algum nível dos tópicos pertinentes ao tema colaboram para a manutenção da coerência da conversação, porém, os elementos verbais podem ser enfraquecidos pelo destaque dado aos aspectos audiovisuais. Isso ocorre com os vídeos de outros formatos encontrados neste caso, que não priorizam o conteúdo verbal, mas

demonstram maior preocupação com a elaboração estética na realização de um produto audiovisual criativo e atraente.

A distribuição dos formatos pelos vídeos analisados se deu da seguinte forma: 10 vídeos no formato básico, 6 no formato básico modificado e 3 em outros formatos.



**Tabela 11: Formatos dos vídeos**

Os vídeos de formato básico têm todas as características que foram citadas na descrição desse formato. Alguns deles apresentam determinadas peculiaridades que não chegam a constituir uma variação do formato, por exemplo: o vídeo 3 foi capturado em um ambiente muito pouco iluminado, mas ainda assim percebe-se que é o interior de uma casa. No vídeo 5, em determinados momentos pode-se ver quase todo o corpo do sujeito, porque ele está sentado no chão diante da câmera.

Como exemplo do formato básico modificado, podemos citar o vídeo Zero, que tem uma seção de abertura. Nela, a câmera mantém o rosto do *vlogger* centralizado enquanto é girada sobre seu eixo fazendo duas voltas completas. A imagem é acompanhada por música instrumental, e está sincronizada com ela. Ouvem-se duas frases musicais, e a cada frase uma volta da câmera é completada ao redor da sala. Durante essa seção aparece o texto sobreposto, e um momento de

*black out* separa as duas seções. A trilha musical continua na segunda parte, enquanto a fala se dá nos moldes do formato básico de *vlog*.

O vídeo 6 também tem uma abertura, porém com a duração de apenas 4 segundos. A tela mostra um logotipo criado para o *vlogger*, onde aparece seu nome de usuário (ProgrammerInProgress). Inicialmente, sobre esse logo está sobreposto o texto “A video response”; a seguir, os dizeres são trocados para “CalCaptainCharisma made this funky logo, visit his page!”. É interessante notar que CalCaptainCharisma também é um *vlogger* que integra este caso, autor do vídeo 7.



**Figura 14:** telas de abertura do vídeo 6

Outro exemplo do formato básico modificado ocorre no vídeo 10, onde há uma curta seção de finalização do vídeo com duas telas. Na primeira, há o logotipo profissional do *vlogger*, onde aparece o nome de sua escola, sua ocupação e seu nome e seu nome (*Coach Michael Joyce*); na segunda, novamente o nome e localização da escola, seguida por endereço de *e-mail* e *site*. Um trecho de rock instrumental acompanha essas duas imagens.



**Figura 15: telas de encerramento do vídeo 10**

Os demais exemplos do formato básico modificado já foram descritos anteriormente: inclusão de uma seção de abertura do vídeo 7 (descrição nas págs.101 e 102) a câmera em movimento carregada pelo *vlogger* que caminha por dentro da casa, acompanhado por música instrumental no vídeo 12 (descrição na pág. 86) e a utilização de recursos de edição com uso de cores e divisão de tela no vídeo 16 (descrição nas págs. 86 e 87).

Os três vídeos classificados em outros formatos também já foram descritos anteriormente. Os vídeos desta categoria coincidem em 100% com uma das categorias encontradas na análise da relevância dos diferentes tipos de elementos. Todas as ocorrências em que há um universo narrativo audiovisual criado especialmente para o vídeo são exemplos cujos formatos diferem do formato básico de *vlogs*. As descrições desses vídeos (1, 2 e 18) iniciam na pág. 92.

É interessante fazer uma consideração sobre o vídeo 2. Nele encontramos a criação de um *vlog* sob uma forma ficcional, pois o personagem está apresentado em uma situação que reproduz o formato básico; inclusive o ambiente representado reproduz o ambiente interior de uma casa. No entanto, a escolha dos elementos audiovisuais justifica que não se considere esse um *vlog* do formato básico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização da análise dos dados, podem-se sintetizar alguns dos resultados encontrados para expandir a compreensão do fenômeno estudado. Um aspecto que ressalta, com relação aos tipos de tópicos abordados nas vídeo respostas, é a reafirmação, confirmação ou desenvolvimento dos tópicos levantados pelo vídeo Zero. Apenas duas das vídeo respostas não contiveram nenhuma menção àqueles tópicos, ou seja, foram respostas totalmente elaboradas com novas informações não previstas no vídeo originário. Essa evidência mostra a importância da riqueza da elaboração do discurso na provocação e recebimento de respostas. O retorno recebido pelo vlog “*Why do you watch my videos?*” deve-se, em parte, a esse fornecimento de várias opções de resposta, que facilitou a publicação por seus espectadores.

É interessante ressaltar como a importância dos elementos sonoros foi evidenciada neste caso. As qualidades sonoras da voz de Myles foram não apenas citadas, mas descritas e elogiadas com ênfase por vários respondentes. Foram encontradas menções de apreço pelo sotaque britânico e comentários sobre a voz agradável de ouvir. Essas qualidades só são encontradas de forma absoluta nos elementos sonoros, não podendo ser conhecidas de outra forma. No caso específico do vlogger do vídeo Zero, pode-se dizer que essas qualidades se combinam com uma competência oral ampla, que abrange a fluência, a clareza da pronúncia e a cadência do discurso. As qualidades sonoras específicas da fala apareceram como um elemento fundamental da atividade de *vlogging*, e superaram em relevância o uso de música. A música, quando usada nos vídeos deste caso, apareceu na maioria das vezes como elemento ornamental e não fornecedor de elementos primordiais para a apreensão do conteúdo dos vídeos, exceto no caso do vídeo 18 que fez uma paródia musical a partir da melodia de uma banda famosa.

O estudo aqui realizado confirmou que os *vloggers* realmente estabelecem conversações por meio de vídeo respostas. A impressão inicial de que as conversações mediadas por vídeos têm uma coerência frouxa e que os tópicos se perdem foi desfeita pelo estudo das evidências. De fato, foram encontrados exemplos de conversações bastante coerentes onde diversos assuntos foram abordados e tópicos foram aprofundados. Entre as 17 conversações estabelecidas com um vídeo originário, a análise demonstrou que apenas uma se caracterizou por maior incoerência do discurso (vídeo 2).

A controvérsia exemplificada pelo vídeo 2 suscita outra reflexão, demonstrada pela análise dos elementos verbais, sonoros e visuais, como sugerido por Santaella (2001). Ao mesmo tempo em que o discurso do personagem-robô dessa vídeo resposta apresenta uma incoerência de conteúdo, essa falência discursiva é coerente com o timbre infantilóide atribuído à sua voz. Aqui é preciso, novamente, reconhecer a relevância dos elementos sonoros nos vídeos de *vlogging*, e também lembrar aquela outra função que esses vídeos podem ter ao estarem publicados na internet. A imagem em movimento e o formato de vídeo estão muito ligados, historicamente, à função de entretenimento. Enquanto o vídeo de *vlogging* pretende ter outra função, ou seja, a de mediar uma conversação, mesmo assim ele não se desvencilha (ou não precisa necessariamente se desvencilhar) da possibilidade de entreter, especialmente quando acessado por um espectador que não é e não deseja tornar-se interlocutor no diálogo. Os *vloggers* que optaram por fazer vídeos em formatos muito diferentes do formato básico de *vlogging* estão apostando nessa dupla funcionalidade, e estão de certa forma fornecendo algo que possa interessar àqueles que não estejam acompanhando a conversação. A armadilha, quando essa opção é feita, é a facilidade de afastamento da coerência da conversação, como acontece especialmente com o vídeo 2. Para mantê-la, a composição de um *vlog* criativo parece depender de uma capacidade de roteirização mais complexa, que não aflige os *vloggers* do formato básico.

Ainda quando os *vlogs* apresentam alta coerência conversacional, é mais difícil acompanhar a sua continuidade do que nas conversações mediadas por texto. As razões que explicam a aparência de debilidade nas conversações em *vlogs* estão relacionadas a características do suporte (vídeo) e do funcionamento de seus canais de transmissão (plataforma *YouTube*). O estudo identificou quatro dessas principais

razões. Primeira, a assincronicidade: as respostas não são dadas no mesmo momento em que as perguntas são feitas, mas aparecem separadas por horas, dias ou até por períodos de tempo mais longos. Segunda, os blocos discursivos: cada participante da conversa enuncia sua fala em um discurso longo que faz menção a vários tópicos diferentes. Terceira, os ruídos na comunicação se multiplicam: sotaques, vícios de linguagem, digressões, problemas físicos que dificultam a fala, são fatores que geram dispersão do conteúdo das mensagens. Quarta, os elementos sonoros e visuais, assim como podem ajudar na transmissão das mensagens, também podem dispersar a atenção do espectador, criando outros focos de interesse além da conversação que está se desenrolando.

O fator temporal é especialmente marcante e apresenta dois desafios na apreensão da conversa para um observador que, em qualquer momento, acessa um de seus enunciados no *YouTube*. Além da assincronicidade, esses enunciados estão sujeitos à desordenação cronológica. Esses desafios foram explicados por Castells (1999) como o “universo de temporalidade não-diferenciada” da internet. A intemporalidade permeia as conversações efetuadas nos *vlogs*, pois a possibilidade de acessar cada vídeo individualmente sem considerar suas possíveis relações de resposta para com outros vídeos possibilita dissociá-los do papel de enunciados em um contexto de conversação. Qualquer conversação pode ser complementada por outro usuário que acesse primeiro a resposta, que cronologicamente é posterior, e mais tarde a questão inicial, o que geraria outra percepção da conversação com uma temporalidade não somente assíncrona, mas também sem ordenação cronológica. No caso *Blade376*, por exemplo, a conversação que envolve maior quantidade de enunciados em vídeo se desenvolveu ao longo de 4 vídeos. A ordenação desses vídeos, que ficou clara após o estudo, perfaz uma sequência cronológica de conversação assíncrona coerente. No entanto, nas páginas do site essa organização não está explícita, causando, de certa forma, a ocultação do desenrolar da conversação.

A hipótese levantada por Herring (2002) de que a CMC assíncrona parece ser mais propícia para a discussão de problemas complexos, do que ao favorecimento da interação social (citada no cap. II) foi confirmada por este estudo. As vídeo respostas abordaram diversos aspectos relativos aos motivos que os levam a assistir aos vídeos de *Blade376*, e alguns desses depoimentos não se limitaram a citar os

tópicos, mas aprofundaram suas razões. A maior parte das respostas desenvolveu os tópicos já sugeridos no vídeo originário, mas vários outros fatores foram levantados. Não há no caso nenhum exemplo de digressão ou de ausência de relação com a questão inicial. Assim, percebemos que o modelo assíncrono favorece pelo menos dois aspectos: a reflexão sobre as questões apresentadas, visto que o interlocutor não tem a pressão de oferecer uma resposta imediatamente, e a preparação e edição da resposta. Os *vloggers* têm a vantagem adicional, nos vídeos, de usar o tempo que for necessário para explicar o seu ponto de vista e de tirar vantagem dos recursos audiovisuais para enfatizá-lo.

Por outro lado, essas conversações geralmente não configuram o estabelecimento de uma relação forte entre os dois sujeitos que conversam. As relações interpessoais, até onde puderam ser observadas, formam laços débeis; foram encontradas poucas menções a outros contatos entre os sujeitos, externos às interações que foram observadas. As conversações são ricas em assuntos e coerência, mas são curtas. A maioria das vídeo respostas não receberam réplicas de *Blade376*. Ou seja, os vídeo respostas não garantem o interesse em dar continuidade à conversação nem no estabelecimento de relações interpessoais entre os sujeitos, ou não são elaborados com essa intenção. Isso leva a deduzir que, para os *vloggers* do caso estudado, a atividade de *vlogging* está relacionada com a oportunidade de manifestação de opiniões e de debate, mas não necessariamente com a formação de redes sociais.

As observações realizadas durante este estudo sustentam a importância do estudo da atividade de *vlogging* e de vídeo respostas para a compreensão dos comportamentos dos sujeitos na sociedade contemporânea com relação à tecnologia e ao convívio em redes sociais na internet. A conversação híbrida mediada por vídeos soma as dimensões da imagem e do som à linguagem verbal, acrescentando possibilidades como a fruição estética e o entretenimento ao bate-papo. Diferentemente da CMC em forma textual, que já foi objeto de bastantes estudos, este fenômeno ainda necessita ser bastante pesquisado devido às diversas questões que pode suscitar. Entre as questões que poderiam ser abordadas por um desdobramento do presente estudo, encontra-se a influência dos *vlogs* sobre os paradigmas de produção e consumo midiático. Entre outros efeitos, eles parecem contribuir para a aceitação de obras audiovisuais produzidas por não especialistas, e

essas modificações têm tido um impacto sobre a produção das instituições de mídia tradicional e sobre a produção cinematográfica. Seria importante desenhar pesquisas que pudessem levantar e mapear essas influências, identificando tendências e realizando uma projeção de novos caminhos que estão sendo tomados pela produção audiovisual.

Outra das questões que foi levantada durante este estudo e merece uma investigação mais aprofundada relaciona-se com as razões para a popularidade de determinados *vloggers*. Grande parte dos dados analisados neste caso tratava de valores que determinam a aceitação e o interesse pelos vídeos de *Blade376*. A expansão das informações sobre esses valores poderia indicar em maior escala quais fatores são importantes para a popularidade dos vídeos de *vlogs* e, em geral, para quaisquer vídeos de manifestação de opiniões. Além de mapear aspectos do comportamento social contemporâneo, um estudo dessa natureza poderia orientar muitas atividades que dependem da geração de empatia e aceitação pública, como os discursos de políticos, comunicações de utilidade pública entre instituições e a população e até mesmo o jornalismo e a publicidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Adriana, NATAL, Geórgia e VIANA, Lúcia (2008). Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. **Sessões do Imaginário nº20**. Porto Alegre: EDIPUCRS, dez. 2008.

BRAGA, Adriana (2007). Usos e consumos de meios digitais entre participantes de weblogs: uma proposta metodológica. *In: Anais do XVI Encontro da Compós, na UTP, em Curitiba, PR.* Disponível em: <[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_162.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_162.pdf)> Acesso em 27 nov. 2009

BURGESS, Jean & GREEN, Joshua (2009). **YouTube: online video and participatory culture**. Cambridge: Polity Press.

CASTELLS, Manuel (1999). **A sociedade em rede. Vol. 1**. São Paulo: Paz e Terra.

GOFFMAN, Erving (2006). **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes.

HARLEY, Dave e FITZPATRICK, Geraldine (2008). YouTube and Intergenerational Communication: The case of Geriatric1927. *In: Universal access in the information society vol. 8 nº1*. New York: Springer-Verlag. Disponível em: <<http://www.springerlink.com/content/n8865585r7xp6303/fulltext.pdf>> Acesso em 07 dez 2009.

HERRING, Susan C. (1999). Interactional coherence in CMC. *In: Journal of computer-mediated communication, vol. 4, nº4*. Disponível em <<http://jcmc.indiana.edu/vol4/issue4/index.html>> Acesso em: 31 março 2010.

\_\_\_\_\_ (2002). Computer-mediated communication on the internet. *In: Annual review of information science and technology, nº36*. Disponível em: <<http://ella.slis.indiana.edu/~herring/arist.2002.pdf>> Acesso em: 31 março 2010.

\_\_\_\_\_ (2007). A Faceted Classification Scheme for Computer-Mediated Discourse. *In: Language@Internet, 4, article 1*. Disponível em: <<http://www.languageatinternet.de/articles/2007/761>> Acesso em: 20 set. 2009.

JENKINS, Henry (2006). **Convergence culture: where old and new media collide**. New York: New York University Press.

LÉVY, Pierre (1999). **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34.

MAFFESOLI, Michel (1988). **O conhecimento comum: compêndio de sociologia compreensiva**. São Paulo: Brasiliense.

MORLEY, David (2007). **Media, modernity and technology: the geography of the new**. London: Routledge.

PAOLILLO, John C. (2008). Structure and network in the YouTube core. *In: Proceedings of the 41<sup>st</sup> Hawaii International Conference on System Sciences*. Disponível em: <<http://www.computer.org/portal/web/csdl/doi/10.1109/HICSS.2008.415>> Acesso em 07 dez 2009

PRIMO, Alex (2007)[1]. **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição**. Porto Alegre: Sulina.

\_\_\_\_\_ (2007)[2]. Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador. **404NotFound**, n. **45**, **2005**. Disponível em: <[http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtf0und/404\\_45.htm](http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtf0und/404_45.htm)>. Acesso em 07 dez 2009.

RECUERO, Raquel (2009)[1]. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina.

\_\_\_\_\_ (2009)[2]. Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada por computador e as redes sociais na Internet. *In: Revista FAMECOS nº38*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

SANTAELLA, Lucia (2001). **Matrizes da linguagem e pensamento: Sonora visual verbal**. São Paulo: Iluminuras.

YIN, Robert K. (2005). **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman.

**ANEXO I: TRANSCRIÇÕES DOS VÍDEOS ZERO, 9, 10 E 11**

Transcrição Vídeo 0: Blade376

Título: Why do you watch my videos?

Data: 27/05/2008

Duração: 3:31

Sobre o vídeo pelo autor: Let me know why (be completely honest!) you watch my videos, whether reasons are positive or negative or both =]

Music: Laid Back Guitars by Kevin MacLeod (incompetech.com) Licensed under Creative Commons "Attribution 3.0" <http://creativecommons.org/licenses/b...>

Texto escrito: Why are you watching this?

**Myles:** It's now been two years since I started at YouTube, and wow, I can't believe how quickly it's gone. Looking back I've seen lots of phases where particular forms of progression have happened and how I've developed as a person, ah, how I've developed at creating video, is... I'm just.. how my life has developed, I've even wrote what, it's been incredible.

Now when most people get to an anniversary they seems to highlight that. As you're properly aware, I've killed that to death pretty much... five times over. Ah, so, I thought I'd do something else and I was to put a question out to everyone who is watching this video now.

And that question is why do you watch my videos? Now there are many elements to this since the fact that what I do are a wide range of videos; I do some that are serious, some that are entertaining... ah, and some people say to me: oh, I didn't subscribe to you for this reason, and some people like the variety. Ahn, so when I put this question out there, if you could only write a paragraph to describe in detail why you do watch my videos, why do you watch me? Or even do a video response. I'm just really interested to hear people's views. Now this could be positive, ah, you enjoy it, you find it funny, you ah... be inspired, maybe ah, you've... it's helped you through any situation... I've had

many e-mails in the past where people who've got through problems and, and it's, it's great to know, it's a medium but you can happen on the masses. But if you could post a comment and, you know, so other people can also see that'd be great. But I don't need to come across it as a way for me to boost my ego because ahm... if you want to treat about it as a person it's good to tackle the negative effects as well. So, the other side of it is...do any of you watch my videos but have had negative things that occurred because of it, do you... some of them make you feel uncomfortable, do some of them you disagree with strongly? Um, so do any of them cause a negative effect?

Or maybe some aspects of my videos are neutral?

Um, it'd be great to see your face, and by all means discuss it with other people.

You may find that you may make a friend or two of other people who are within this collection of people who watch my videos.

I spend a lot of time when I get the chance to chat with people who watch my videos through s, the stickam live chattering, through e-mails and through comments. And it's interesting how a lot of people chat to just me but they don't chat to the people next to them who may have posted a comment or a chat in the live room. So this might be a chance to get together and you may make some new friends. Sss... I think that's it.

I just wanna end on a massive thank you for people who are supporting me from over the past few days, the past few hours, just this video... or even from the beginning two years ago, it's been a great journey for me, and I know that there's still a long way for me to go.

Without you guys I wouldn't be doing this.

I make these videos because it's what I'm passionate about, it's what I love to do; but the fact that people watch it and lots contribute and show their appreciation

And, you know, subscribe for watching them on a regular basis, um, that's surreal to me, and I know a lot of people can relate to that. Um... and I'm really, really grateful

So, that's it, I leave you with the question. Why do you watch my videos? Thank you, and adiós till the next time.

Transcrição vídeo 9: josefin85 [1]

Título: Re: Why do you watch my videos?

Data: 28/05/2008

Duração: 4:21

Sobre o vídeo pela autora: Video Cam Direct Upload

**josefin85:** Ok, my third try. Hi Myles. Um... I watched your video and felt like I wanted to respond ah, why I watch you videos. Well, I haven't s... been a subscriber that long really, so I haven't watched all of your videos, I have to admit. and so I really can't have a fair opinion about it, ah, but I like to watch your videos and that's because I find that the things you are saying are very interesting and you, you are very nice to listen to. You have a lot of things to say, and that's very nice. Um... yeah, I especially like the more thoughtful videos where you have something to think about, yeah, you have to progress it in your mind, it's very nice. And I also listen to the podcasts that you have with your brother and... Blade376, I really like that you... ah, your thoughts and ideas are very intriguing, and so... But as I said, I haven't watched all your videos, um, one thing I fin, found really funny was when you and (bohemeallinlove?) were playing rock paper sisters. That I fin, found really funny. So yeah, I, I guess you could say I like your more funny videos too. Now I make I realy love video I see, so I'd better stop. So let's sum it all together, I enjoy watching your videos because you have a lot of interesting thoughts and you are nice to listen to and I get really excited every time you have a new video up. so that's the way I now watch on YouTube, they get to, to say about your videos really. Hehe, so Myles, I have you on Facebook, so I guess I'll talk to you there. I also have stickcam and we, we meet each other there, ok? Bye, you are very good looking.

Transcrição vídeo 10: ChenCenter

Título: Re: why do you watch my videos?

Data: 28/05/2008

Duração: 3:05

Sobre o vídeo pelo autor: Coach Joyce's response and 1st ever video response. whoohoo! Website: [www.chencenter.wordpress.com](http://www.chencenter.wordpress.com)

**ChenCenter:** Hey Myles, this is Michael Joice from Winston-Salem, North Carolina, in the good US of A, just giving you a video response, it's actually my first, my first ever, I'm very new to vlogging, about three weeks in now. And I'm giving you your response to why do we watch your videos. And, um... I actually started because I'm a martial art teacher and I really wanted some kind of venue where I can reach as many people as I possibly could, um, my students, you know, as a way of contacting them, showing them some new techniques, showing them what I'm doing with the form, um... some of the ideas that I have, basic, you know, life philosophies and, and lessons that I've learned, um, over the years of, of studying. And I've just realized after just watching, you know, your vlogs and um, Geriatric1927's that ah, this can be a very very friendly, very entertaining way of reaching the masses and um... I'm enjoying every minute of it.

Um, what I like about your videos, and, you know, if I'm a 100% honest with myself and with you, it, it's got to be your accent, I...growing up I've, I watched a lot of com, of British sitcoms and what catches my ear, is, is always the British accent, whether it's Monthy Phyton or Faulty Towers or what have you... and probably one of my favorite speaking voices of all time is Michael York. Americans might know him from, as Basil from the Austin Powers (?) but um... Anyway, it's very, very compelling and uh, just kind of draws you in, but I also like, you know, your syntax and your cadence, and like everything about the way that you use language, um, has a lot to do with your confidence level, you know, obviously, but uh, I mean, I just love it, I mean, there's, there's really no breaks, you have good editing, good timing, uh, commtted timing and.. I love

how goofy you are on, on the screen, and um... I mean it just, it feels like, you know, you're the guy next door and I... I just wish that we could hang out, haha, that's the only thing.

Oh, your voice, of course, it's not the only reason why, why I watch over there, we watch, uh, you're very charming, very respectful, and uh, the variety of stuff that you have on is um... is, is really what I think keeps us, you know, coming back for more, I mean, variety is the spice of life and you certainly have it. Um. again, you know, happy two-year anniversary and I can't wait for more, buddy.

Imagem final: CHENCENTER Coach: Michael Joyce

ChenCenter Coach Joyce, the center for Hunyuan Taijinquan, Winston-Salem, North Carolina, United States, cfhtaiji@gmail.com, WWW.chencenter.com

Dos comentários:

□ [Blade376](#) 2 anos atrás 2

That's awesome you use it for martial arts =] It's such a great medium to express your views, information and ideas to the masses! I really want to take martial arts again - I did karate but quit when I was 9 - may be I should take it up again =]

And accents are a crazy thing! I love the US accents hehe! As for hanging out, I'm going to the youtube gathering in 888 @ Toronto - prior to that I'll be in Seattle, LA and Texas. What was the music at the end btw?

□ [ChenCenter](#) 2 anos atrás

The martial arts is definitely an awesome thing. Get back in it when you have some time to devote. As for the accents... maybe it's simply "we want what we don't have." I could listen to the Geico Insurance Lizard (australian) all day!! I'll definitely look up the event at 888, as Toronto is an amazing city & is the

closest that you've listed. The music is a stock, 9-sec rock snip-it from iMovie. I use it and a few others to into or as a trailing sound.

Thanks for commenting bro!

Transcrição vídeo 11: josefin85[2]

Título: Re: why do you watch my videos?

Data: 28/05/2008

Duração: 3:25

Sobre o vídeo pela autora: Video Cam Direct Upload

**josefin85:** Hey Myles, again, ah... I am Josefin from Sweden. Ah, I posted a response to this video just an hour ago, I think, ah, but I thought about it and looked at some other responses and I think I can make a better one. Ok? And I got, also yet a, an interaction from one of the others members who responded to your video. Ah, this is, or the other response I did was actually ah... the first video response that I did. I guess the reason (?) found out how to make one, and so... yes, it's a fa, ah, it's funny. Mmm, the, the member that I, I came in contact with were ChenCenter. I think you can find him (gesto: aponta, mas ã tem certeza onde localizar) somewhere on the screen... yeah, and I have to, I have to agree with ah yeah, everything he said. He talked about your accent very much, and how... yeah, how nice the accent is. I, I think it has some way to do with waht I said earlier, about that I love your voice and listen to your voice, ah, it's the accent, it's a big part of it. It's very nice and yeah, it's interesting.

And... and you are yourself, I like that. You feel like someone worth to hang out with, get to know more, ok? Yeah, that's it I think. So, keep what you're doing, keep up the, the logging and we love you, Myles, do you know that? Happy two year anniversary. I hope there will be many more anniversaries. Bye.

Dos comentários:

neuroticpsychotic 2 anos atrás

aww :D

SWEDEN wohooo!

□ josefin85 2 años atrás

Yep, Sweden represent!! =)

**ANEXO II: EXEMPLOS DE TABELAS ANALÍTICAS  
PREENCHIDAS PARA OS VÍDEOS 5, 6 E 13**

no video todo em tom jocoso

Video: 5

Eventos	Timeline	Verbais	Visuais	Sonoros
1	00:19	—	Mostrar sintaxo d pernas cruzadas (1 video) no chão do quarto, balança o corpo e ad um sorriso bobo e segundo as sobranalhas	silência
2	02:21	—	aproxima o tronco/ rosto da câmera, prepara a boca pl falar, olhar determinado	—
3	03:05	—	lábios apertados, pisada e colhada mto pl o lado	—
4	09:00	the reason I watch - alienazing	Série de balanços afirmativos do corpo	a fala inicia em tom alto, vai diminuindo, boa pontuação marcada
5	11:14	—	repetição do sorriso bobo do início, com as sobranalhas mto arqueadas	—
6	12:23	OK	rosto todo se modifica e se fecha, mudança na pos. do ombro	-OK curto e determinado, em tom grave
7	13:20	that wasn't my real accent	mantém ombro inclinado, gesto da mão cruzando frente ao corpo em "my" * inflex em	voz grave
8	22:18	is superb	gesto cl a mão, piscar e indic. fechados em círculo; teste fronzido, olhar pl baixo	tom sobre o m "superb"
9	24:02	it's so good, man	negação do corpo no ombro de so gaba, let virar o rosto para o lado	voz bem aguda e volume baixo, quase inaudível
10	24:11	sst, hum	olhando pl lado, lábios tensos	som de respiração forte entre dentes, hulaço
11	30:15	—	sobranalhas farridas, lábios em bico pl assobio	som de assobio

→ não tem nada de linguagem por si só, é só a linguagem que está sendo usada.

→ não tem nada de linguagem por si só, é só a linguagem que está sendo usada.

→ colocando-se no papel de "bailado" assumindo.

→ não tem nada de linguagem por si só, é só a linguagem que está sendo usada.

→ não tem nada de linguagem por si só, é só a linguagem que está sendo usada.

→ O som demonstra o "superb" imitando a fala de "superb" a inscri com como em um cartoon

Video: 6/1

Eventos	Timeline	Verbais	Visuais	Sonoros
1	08:03	well	coloca a mão no queixo, entorta a boca e faz um olhar distante	palavra bem alongada weelll
2	14:20	charisma	toca o queixo com a mão e ngto faz um morto afirm. da cabeça	ênfase e tom baixo (virio em 'Charisma')
3	17:17	-	coloca o dedo indicador gesticulando a boca e olha pl longe como se estivesse pensando	pausa após "you can..."
4	17:29	wait a second	gesto com a mão em forma de 1 (mostrando 1 second) e x inclina pl pra algo fora de tela	a expressão e dito de forma curta e tom baixo
5	19:24	remember your lines	volta pl a tela com expressão marota, enfatiza da mão no 11, corta a gravada	fala curta e tom baixo
6	25:13	the community	gesto cl ambas as mãos (como englobando a comunidade)	fala fluente (como um discurso preparado)
7	32:17	unbiased and an (friendly) message	gesto com as duas mãos enfatizando os dois adjetivos	fala + hesitante; gagueja no 2º adjetivo, porém adota pronúncia acentuada rápida
8	37:02	you openly encourage all to do that	várias vezes repete o gesto enfático das 2 mãos	fala normal; tom de voz um pouco + alto
9	43:24	-	aponta para a própria cabeça, inclina o rosto e faz um olhar simpático, u um sorriso.	silêncio * o gesto de: por exemplo, tu.
10	49:29	a video about just	repete o gesto com as mãos, ali fazer um maior q. os anteriores; a cabeça se inclina e a boca abre	fala não é muito clara + gesto maior ênfase o q. vem a seguir, uma contração a própria palavra de
11	53:24	chocolate rain	cabeça inclinada; olhar apertado; boca torta	contando se expressar sobre o vlogs

\* as caretas explicam o desfoque nova // ilustrando a q. disse ahhh sobre "comunidade barata"

\* olhar e charismático  
"brilhos"  
"to viral"  
"de cabeça"  
"gesto de pensamento"

rápido

uma contração a própria palavra de

Video: 6   2				
Eventos	Timeline	Verbais	Visuais	Sonoros
12	01:05;07	in tune with the community	sobrançelas arqueadas, testa franzida; duas mãos se estendem em direção à tela, afirmação el a cabeça	ênfase em "tune"
13	01:16;12	on the telly	cabeca e olhar apontam a tela; testa franzida	ênfase do gesto, telly em tom + baixo e curto
14	01:27;02	with a little vloggers	cabeca inclina pl o ombro eq; q. d. erguido; olhar pl fora *parece demonstrar desprezo	fala n. clara, pronúncia enrolada ou desconsideração por outros vloggers q. tem prioridade
15	01:29;00	and that kind of stuff	inclina cabeça pl baixo, pontuando o fim da frase (corta a câmera)	tom decresce al. m. no fim, finalizando o argumento.
16	01:32;17	because I want to see more and more what you do	repte 2x sinal de I el a mão, finaliza apontando pl câmera em "you"	ênfase em more and more (repetição) e you
17	01:46;5	see you.	sorriso aberto, afirmação el a cabeça; olhar simpático. corte a câmera.	fala rápida curta
18	01:52;04	pausa após repetir subconsciente rain	após repetir a forma de cantar (menos expressão a' a vez anterior), gesto de ligar el o polegar, ↓ sobrançelas arqueadas a outras	após cantar, silêncio.

↳ este vlogger move a cabeça, o tronco e as expressões faciais cadencionalmente junto com o ritmo da fala.

Video: 1311

Eventos	Timeline	Verbais	Visuais	Sonoros
1	01:05	Hey Nyles, my name is Krista	Sorriso; após a saudação, ergue a sobrancelha, incli- na a cabeça	voz suave, a gravação está baixa (o microfone é visível no vídeo)
2	04:15	pretty much ever since you hit me a subscription notification I believed	abre os olhos fran- zido a sobrancelha, olhar percorre um caminho para o lado e para baixo, para virar, inclina o tronco e olha para o lado	voz normal
3	08:28	oh, it was a long time ago	encolhe os olhos novall e a cabeça abriando os bastante, voltando à frente	ah, bem aspirado
4	13:25	a request to check you out and I did	aumento do corpo; boca torta e olhar baixo inquieto; olhos bem abertos à frente e cabeça abre ao lado em out; cabeça plano lado e pra afirmacao	fala ritmada ênfases em request out, did em did <i>cadenciada</i> <i>ritmo do corpo e voz</i>
5	17:12	I subscribed	sobranhulas se erguem e termina d inclinação da cabeça; sorriso	tom de surpresa, voz aguda
6	22:07	really makes me laugh	fecha os olhos e faz uma série de afirmações da cabeça, no ritmo dos acentos da fala	novall cadenciado nas sílabas tônicas
7	26:21	oh,	olhos viram para cima, cabeça balança e faz um círculo	oh curto e tom baixo
8	28:28	when I watched the peter vial stuff	riso a cabeça até um péq. espasmo dos ombros, inclinação repara a cabeça e termina olhando para baixo, sorriso	riso contido (1 espasmo de riso) em "watched"
9	59:06	is; is very nice, lolala	série de minúsculas afirmações da cabeça, olha para baixo e volta a olhar à frente, abrindo um sorriso, termina risos	a repetição do verbo "is" é minúscula, mas denota "urgência" ou timidez pelo abço a seguido
10	01:22,22	and just general wonderment of everyday things	após que, olhar para o lado, longe da tela; fixa rapidamente a frente e olha o olhar do outro lado	pausa após and; respiração sonora após wonderment pausas e respiração marcam a busca das palavras, junto com os olhares para longe

